

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE MESTRADO EM PATRIMÔNIO  
CULTURAL E SOCIEDADE

AS ÁRVORES ATRÁS DA CASA: OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS E  
SEUS USOS MÚLTIPLOS COMO PATRIMÔNIO AMBIENTAL

MIRIAN POLLYANA VITALINO SUDRE

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. MARILUCI NEIS CARELLI  
CORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ROBERTA BARROS MEIRA

JOINVILLE – SC  
2023

MIRIAN POLLYANA VITALINO SUDRE  
AS ÁRVORES ATRÁS DA CASA: OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS E  
SEUS USOS MÚLTIPLOS COMO PATRIMÔNIO AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariluci Neis Carelli e coorientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Roberta Barros Meira.

## Termo de Aprovação

“As Árvores atrás da Casa: Os Quintais Urbanos Afro-Brasileiros e seus usos Múltiplos como Patrimônio Ambiental”

por

Mirian Pollyana Vitalino Sudre

### **Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Orientadora (UNIVILLE)

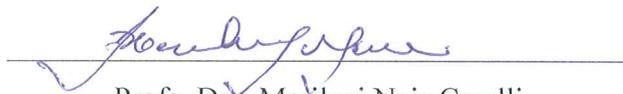
Profa. Dra. Roberta Barros Meira  
Coorientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva  
(UFPE)

Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira  
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Luana de Carvalho Silva Gusso  
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 29 de maio de 2023.

## Dedicatória

Àquele que meu deu a vida. A Ele toda honra, glória e poder, amém.

## AGRADECIMENTOS

Todo esforço que empenhei nesses dois anos de estudos, foi acompanhado de pessoas que tenho grande respeito e profundo amor. Não mediram espaços, saudades e tempo para estarem ao meu lado, em momento nenhum desacreditaram das poucas forças que por vezes me encontrava. Deus em todo tempo foi bom e em tudo continua me dispensando da sua calma, amor e graça, além das grandes misericórdias. A Ele dedico a vida do meu ser e meu contínuo agradecimento.

Agradeço aos meus pais pela criação e formação tão carinhosa que me deram, não mediram esforços para dedicar à nossa família, amor, respeito e incentivo. Obrigada mãe, obrigada pai e obrigada meu irmão. Sou extremamente feliz em tê-los. Agradeço grandemente também a Bia e meu avô. Agradecimento especial ao meu marido e minha filha, foram eles que viram de perto os meus piores/melhores momentos, que me acalentaram com olhares amorosos e beijinhos de esquimó (da pequena Liz). Amo vocês e o que tiram de mim, que nem eu mesma sabia que existia.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariluci Neis Carelli e Prof.<sup>a</sup> Dra. Roberta Barros Meira, agradeço imensamente a paciência e o respeito, especialmente a professora Mariluci com quem passei mais tempo. Não é de hoje e nem será, que agradeço por toda a bondade que existe no seu coração, você me inspira e me “melhora” a cada oportunidade que nos encontramos. Obrigada professoras, o nosso encontro nessa caminhada foi essencial para mim. Ainda nos agradecimentos aos docentes, não posso deixar de agradecer à professora Dione Bandeira e Luana de Carvalho Gusso, pelos apontamentos feitos na minha qualificação, foram valiosos.

Agradeço ainda aos participantes da minha pesquisa, que com muito carinho se dispuseram a enriquecer a ciência, contribuir com instituição e a colorir a vida das pessoas que viveram com vocês e que conhecerão rasamente a caminhada de vocês. Meus mais sinceros agradecimentos. Ainda que tímidos em alguns momentos, me deixaram à vontade e segura das nossas trocas. Muito obrigada!

Acho que o segundo maior agradecimento dedico a mim mesma. Me agradeço por não ter desistido frente à tantas circunstâncias, agradeço por ter me acolhido quando foi preciso, por ter me respeitado nos momentos que isso me exigia. Me sou grata por escolher ser sempre quem eu sou, manter a minha essência e meus ideais vivos e manifestos. Me agradeço por tudo!

*“Tudo que eu tenho rendo aos teus pés a mais ninguém, te dei meus fracassos e as vitórias te darei também!” (ROCHA, 2019).*

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é problematizar os quintais urbanos afro-brasileiros enquanto patrimônio ambiental. Os quintais são espaços presentes nas casas brasileiras em diversos contextos históricos, seus usos vão de subsistência familiar à função paisagística. São nos quintais que os saberes tradicionais circulam e os configuram como patrimônio cultural. A pesquisa busca discutir os quintais da cidade de Brejinho de Nazaré/TO; descrever usos, práticas, saberes e a função social do patrimônio ambiental desses espaços e verificar os valores e relações estabelecidas entre sujeitos/atores e seus quintais. A construção do objeto e o delineamento da pesquisa se apoiou nas discussões promovidas pelos grupos de pesquisa do núcleo de estudos afro-brasileiros - NEAB e os Grupos Cultura e Sociedade: Circulação de saberes, natureza e agricultura e Cultura e Sustentabilidade, que possibilitaram o diálogo entre diferentes autores e temáticas. Para o alcance dos objetivos, esta dissertação foi organizada a partir de duas orientações metodológicas: pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. Na primeira optou-se por levantar as referências a partir da metodologia de pesquisa do estado da arte ou do conhecimento. Já a pesquisa de campo foi conduzida com os aportes metodológicos da história oral e entrevista semiestruturada. A dissertação foi organizada em três artigos, o primeiro teve como objetivo redigir o estado da arte sobre os quintais urbanos afro-brasileiros a partir do problema de pesquisa “Quais são as produções acadêmicas publicadas sobre quintais urbanos afro-brasileiros?”. As buscas foram concentradas nas produções publicadas no recorte temporal de 2010-2021 no idioma português nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online Brasil* (SciELO) e *Scopus*. O refinamento das buscas resultou em seis obras, tendo como principais discussões: a perda dos saberes tradicionais, conceito do termo quintal e suas finalidades. O segundo capítulo indica a história de cinco moradores afrodescendentes do município de Brejinho de Nazaré/TO, proprietários de quintais urbanos e as práticas aplicadas nos seus espaços. As entrevistas tiveram como aporte metodológico a história oral e partir das falas os seguintes eixos foram levantados: práticas sustentáveis de manejo, história e ocupação dos quintais e a história das mulheres na construção desses espaços. O terceiro narra a história da Dona Luzenira, mulher, negra, quilombola e proprietária de um quintal. O estudo discorre sobre os usos, práticas e os conhecimentos socioambientais e culturais mobilizados por Dona Luzenira no manejo do seu quintal. Para tanto, optou-se como metodologia de pesquisa a história oral de Portelli. Além das narrativas orais, registros fotográficos dos quintais foram feitos com intuito de enriquecer a pesquisa e orientar o leitor sobre os espaços estudados.

**Palavras-chave:** Quintais afro-brasileiros. Patrimônio ambiental. Saberes tradicionais.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to problematize Afro-Brazilian urban backyards as environmental heritage. Backyards are spaces present in Brazilian homes in various historical contexts, their uses range from family subsistence to landscape function. It is in the backyards that the traditional knowledge circulates and configure them as cultural heritage. The research aims to discuss the backyards in the city of Brejinho de Nazaré/TO; to describe the uses, practices, knowledge, and the social function of the environmental heritage of these spaces and to verify the values and relationships established between subjects/actors and their backyards. The construction of the object and the research design were based on the discussions promoted by the research groups of the Nucleus of Afro-Brazilian Studies - NEAB and the Groups Culture and Society: Circulation of Knowledge, Nature and Agriculture and Culture and Sustainability, which enabled the dialogue between different authors and themes. To reach the objectives, this dissertation was organized from two methodological orientations: bibliographic research and field research. In the first one, it was opted to survey the references based on the state-of-the-art research methodology. The field research was conducted with the methodological contributions of oral history and semi-structured interviews. The dissertation was organized in three articles; the first one aimed at writing the state of the art about Afro-Brazilian urban backyards based on the research problem "What are the academic productions published about Afro-Brazilian urban backyards? The searches were focused on the productions published in the 2010-2021 timeframe in Portuguese language in the following databases: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scientific Electronic Library Online Brasil (SciELO) and Scopus. The search refinement resulted in six works, having as main discussions: the loss of traditional knowledge, the concept of the term backyard, and its purposes. The second chapter tells the story of five Afro-descendant residents of the city of Brejinho de Nazaré/TO, owners of urban backyards, and the practices applied in their spaces. The interviews were based on the oral history methodology, and from their speeches the following axes were raised: sustainable management practices, history and occupation of backyards, and the history of women in the construction of these spaces. The third one tells the story of Dona Luzenira, a woman, black, quilombola, and owner of a backyard. The study discusses the uses, practices, and socio-environmental and cultural knowledge activated by Dona Luzenira in the management of her backyard. To this end, the research methodology chosen was Portelli's oral history. In addition to the oral narratives, photographic records of the backyards were made with the purpose of preserving the landscape.

**Keywords:** Afro-Brazilian backyards. Environmental heritage. Traditional knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número de produção acadêmica sobre quintais urbanos afro-brasileiros nas bases de dados, 2010-2021.....	24
Figura 2 - Mapa do Município de Brejinho de Nazaré/TO.....	38
Figura 3 - Distribuição dos quilombos no estado do Tocantins.....	40
Figura 4 - Imagem panorâmica do município de Brejinho de Nazaré/TO.....	42
Figura 5 - Parte do quintal da senhora Lélia.....	46
Figura 6 – Poço artesiano no quintal da senhora Lélia.....	51
Figura 7 – Depósito do quintal da senhora Lélia.....	52
Figura 8 – Garrafas com banha artesanal feitas pela senhora Lélia.....	52
Figura 9 – Sacos usados para depósito de adubo orgânico do quintal do senhor Milton.....	53
Figura 10 – Imagem panorâmica de parte do quintal do senhor Milton.....	54
Figura 11 – Galinheiro do quintal da senhora Elza.....	55
Figura 12 - Área de plantio do quintal da senhora Elza.....	56
Figura 13 - Punhado de arroz que a senhora Lélia ganhou.....	57
Figura 14 - Quiabo do quintal da senhora Carolina.....	58
Figura 15 - Capela do quintal da senhora Lélia.....	61
Figura 16 - Área de lazer com os bancos e mesa feitos de tronco de árvore no quintal do senhor Milton.....	62
Figura 17 – Dona Luzenira no seu quintal.....	69
Figura 18 – Barbatimão, casca usada no preparo de uma garrafada.....	74
Figura 19 – Dona Luzenira alimentando as galinhas.....	80
Figura 20 – Galinheiro do quintal da Dona Luzenira.....	80
Figura 21 – Frutas e verduras extraídas do quintal da Dona Luzenira.....	81
Figura 22 – Usos múltiplos do quintal a Dona Luzenira.....	82
Figura 23 – Copo de liquidificador usado como vaso suspenso, quintal a Dona Luzenira.....	83
Figura 24 – Vaso sanitário reutilizado para plantações, quintal da Dona Luzenira.....	83
Figura 25 – Geladeira utilizada para o plantio de cebolinhas, quintal da Dona Luzenira.....	84

Figura 26 – Caixa de isopor usada como vaso, quintal da Dona Luzenira.....	84
Figura 27 – Bota reutilizada como vaso, quintal da Dona Luzenira.....	85
Figura 28 – Garrafa pet reutilizada como vaso, quintal da Dona Luzenira.....	85
Figura 29 – Tanque de lavar roupa disposto no quintal da Dona Luzenira.....	88
Figura 30 – Dona Luzenira cozinhando no fogão a lenha no seu quintal.....	88
Figura 31 – Espaço para guardar as lenhas usadas no fogão à lenha.....	89
Figura 32– Cozinha construída no quintal da Dona Luzenira.....	89

## QUADROS

Quadro 1 – Número de produção acadêmica sobre quintais urbanos afro-brasileiros nas bases de dados, 2010-2021.....	25
Quadro 2 - Perfil dos participantes do estudo.....	44

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAFé	Comunidade Acadêmica Federada
CAPES Superior	Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDB	Convenção sobre Diversidade Biológica
EA	Estado da Arte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NEAB	Núcleo de estudos afro-brasileiro
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPGPCS	Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade
ScieElo	<i>Scientific Electronic Library Online</i> Brasil
TAUS	Termo de Autorização de Uso Sustentável
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para Infância
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE A – Roteiro de perguntas para entrevista oral.....	96
APÊNDICE B – Parecer do Comitê de Ética.....	98

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO - A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA</b>	<b>13</b>
<b>2 OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS: UMA DISCUSSÃO SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL</b> .....	<b>17</b>
<b>3 BREJINHO DE NAZARÉ/TO E SEUS QUINTAIS: ESPAÇO DE TROCAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS</b> .....	<b>39</b>
<b>4 O PATRIMÔNIO DE FUNDO DE QUINTAL: A VIDA E OS SABERES DA DONA LUZENIRA</b> .....	<b>70</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS</b> .....	<b>101</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA ORAL</b> .....	<b>112</b>
<b>APÊNDICE B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS</b> .....	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO - A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA

Nascida e criada em uma família afro-brasileira, foram raras as vezes em que me interessei por pesquisar e estudar sobre a população afro-brasileira. Sempre mantive um forte interesse em compreender as pessoas, o que as leva a agir de uma forma e não de outra, seus interesses, seus modos de viver e estar no mundo, mas pouco estava envolvida com pesquisas sobre as temáticas das relações étnico-raciais. Os debates promovidos na minha formação em Psicologia, me colocaram em outra posição e me deslocaram para assuntos emergentes como o racismo, o preconceito, as populações marginalizadas e outros diálogos em que a Psicologia tem notória participação. A academia voluntária ou involuntariamente lhe provoca a sair do discurso do senso comum e olhar para além dos seus próprios interesses.

No terceiro ano do curso de Psicologia, trabalhei com pesquisa sobre a presença da mulher negra no *ballet* e no trabalho de conclusão de curso investiguei os efeitos psicossociais que mulheres negras da cidade de Joinville/SC vivenciaram no decorrer da transição capilar. A entrada no mestrado vinha com a mesma inspiração, manter na linha de pesquisa temas voltados à população afro-brasileira. Alinhado o interesse inicial ao desejo de compartilhar as vivências da minha avó (por consideração), foi que o objeto de pesquisa nasceu: estudar os quintais urbanos afro-brasileiros enquanto patrimônio ambiental.

Dona Luzenira, avó do meu marido e que carinhosamente adotei como minha avó também, é uma mulher negra, quilombola, mãe de onze filhos e vive há mais de cinquenta anos no município de Brejinho de Nazaré/TO. A sua história de vida carrega muita dificuldade e aprendizado, especialmente no que diz respeito às plantas. A família grande a obrigou tirar do seu quintal boa parte do sustento familiar e o tratamento ou a cura de muitas enfermidades que acometeram seus filhos. Seu conhecimento segue beneficiando seus filhos e as novas gerações de netos e bisnetos. Além da família, moradores próximos e de cidades da região tratam suas enfermidades com as receitas das garrafadas que ela ainda faz, uma das atividades que contribui para renda familiar. Dona Luzenira se mostra orgulhosa em manter vivos seus saberes e ter a oportunidade de transmiti-los a quem voluntariamente desperta interesse.

Na cidade onde a pesquisa foi aplicada, Brejinho de Nazaré/TO, é comum avistar diversos quintais em quase todas as quadras: “aqui em Brejinho todo mundo tem quintal. Eu conheço pessoas que tem quintal, mas não tem planta, é horrível não ter uma sombra no quintal”

(ELZA, 2022). Por esse motivo, houve interesse em conhecer alguns quintais do município e narrar as experiências dos moradores, os investimentos aplicados no cuidado, manejo e manutenção desses espaços.

A construção do objeto e o delineamento da pesquisa foi se construindo a partir das discussões promovidas nos espaços de estudo dos quais estou inserida: o núcleo de estudos afro-brasileiro - NEAB e os Grupos Cultura e Sociedade: Circulação de saberes, natureza e agricultura e Cultura e Sustentabilidade. Os diálogos possibilitados entre os dois grupos permitiram conectar autores e enriquecer as relações de interesse da pesquisa e manter-se alinhada a linha de pesquisa do programa: Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

O campo do patrimônio cultural é interdisciplinar, o que possibilita o diálogo com diferentes ciências e a psicologia tem aberto espaço para que seus temas tenham ainda mais lugar de fala nessas discussões. Os estudos sobre memórias, emoções e os modos de fazer e ser em alguns espaços são temáticas importantes para as ciências psicológicas que têm encontrado oportunidades favoráveis nos estudos patrimoniais (COSTA; CASTRO, 2012).

A Psicologia, enquanto ciência que estuda a subjetividade humana, tem atuado fortemente nas discussões sobre as temáticas das relações étnico-raciais, sobretudo o racismo (CONSELHO., 2017). Além disso, tem fornecido subsídios consistentes para explicar fenômenos como a apatia social, vínculos, desenvolvimento psicossocial e os efeitos psíquicos do racismo na relação humana. Para tanto, é fundamental que haja um diálogo interdisciplinar com diversas áreas que já investigam o fenômeno, como História, Antropologia e Literatura (MÄDER; 2016). Ainda que o racismo não seja o principal eixo desta pesquisa, se faz necessário apontá-lo entendendo que ele está presente nos mais diferentes contextos (MUNANGA, 2010), e não será desconsiderado se apontado em alguma fala ou contexto desta pesquisa.

Etimologicamente, o quintal surgiu do termo quinta, local destinado às atividades hortifrutigranjeiras, normalmente localizado na parte posterior das casas. Os quintais tinham como função primordial a promoção do abastecimento alimentar das famílias, era nos quintais que os encontros familiares e festas aconteciam e com o passar dos anos outras funções foram conferidas a esse espaço (DOURADO, 2004). Essa dinâmica deu ao quintal uma experiência marcante, e o tornou um espaço rico em vivências, saberes e tradições. Ainda que (re)existindo as modernizações da urbanização, os quintais vêm se transformando, ressignificando seus sentidos, arranjos e finalidades (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020).

As vivências cotidianas tornam os espaços ambientais vivos entre suas comunidades. Nesse sentido, essa pesquisa científica permite que histórias e vivências sejam socializadas e estudadas no âmbito interdisciplinar de fazer ciência. Uma dimensão relevante a ser investigada será o sentimento de comunidade/coletividade. Visto como um espaço de trocas de experiências, entende-se que o quintal, por vezes, promove relações de partilha entre a(s) comunidade(s). Essas trocas sociais são temas recorrentes de discussão nos estudos psicológicos e de necessária relação com a temática aqui tratada (ARAÚJO, 2006).

Outro enfoque importante deste estudo são as memórias, os saberes e as práticas culturais produzidas a partir dos quintais da população negra e como esses entendimentos populares se configuram como patrimônio cultural. Esses saberes e práticas que podem ser vistos nos quintais afro-brasileiros são heranças culturais que por vezes são transmitidas entre gerações e que até hoje provisionam seus usuários e a comunidade local (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020). O uso desse espaço permite que experiências sejam trocadas e o conhecimento tradicional seja mantido entre os diferentes povos e gerações.

A condução desta pesquisa se pautou no seguinte problema de pesquisa: “Os quintais urbanos afro-brasileiros de Brejinho de Nazaré/TO, sinalizam usos múltiplos enquanto patrimônio ambiental?”. O objetivo geral foi problematizar os quintais urbanos afro-brasileiros e relacioná-los ao patrimônio ambiental, quanto aos objetivos específicos: elaborar o estado da arte sobre quintais urbanos afro-brasileiros; estudar e discutir o quintal da Dona Luzenira da cidade de Brejinho de Nazaré/TO; levantar e discutir os quintais da cidade de Brejinho de Nazaré/TO; descrever usos, práticas, saberes e a função do patrimônio ambiental de quintais; verificar valores e relações estabelecidas entre sujeitos/atores e seus quintais. A escolha do tema considerou a relevância do patrimônio ambiental de quintais em espaços urbanos e as relações sociais promovidas nesses espaços, bem como os saberes e os conhecimentos circulantes nos quintais, promovidos por populações afro-brasileiras.

Para o alcance destas propostas, optou-se por organizar a pesquisa em duas etapas: pesquisas bibliográficas e de campo baseadas nas categorias de estudo: quintais urbanos afro-brasileiros e patrimônio cultural. Na primeira optou-se por levantar as referências a partir da metodologia de pesquisa do estado da arte ou do conhecimento. Já a pesquisa de campo foi conduzida de duas formas: 1) com cinco moradores foi realizado uma entrevista semiestruturada com o aporte da história oral de Portelli (1997); 2) com uma moradora a pesquisa foi conduzida com a entrevista semiestruturada e com o aporte metodológico da história oral, com o intuito de aprofundar a temática de estudo. Todos os participantes dessa pesquisa são afrodescendentes, moradores do município de Brejinho de Nazaré/TO,

proprietários de quintais urbanos. Além das falas, foram feitos registros fotográficos de todos os quintais e de suas plantas.

Brejinho de Nazaré, local dessa pesquisa, tem aproximadamente de 5.185 habitantes, destas 3.487 autodeclaradas pardas, 1.048 pretas, 632 brancas, 42 amarelas e sete indígenas conforme o censo de 2010. A maioria dos moradores possui uma porção de terra que destinam às plantações, 67.6% dos domicílios urbanos dispõe de arborização (BRASIL, 2022). O quintal é um espaço visto em um número expressivo das residências de Brejinho, os moradores cultivam plantações de uso medicinal, ornamental e alimentícias, alguns se usam desse espaço para a contribuição na renda familiar.

A apresentação dos conteúdos desta dissertação está organizada em três capítulos, elaborados no formato de artigos. O capítulo 1 intitulado como “Os quintais urbanos afro-brasileiros: uma discussão sobre patrimônio cultural”, pretende apresentar as produções acadêmicas publicadas sobre quintais urbanos afro-brasileiros no período de 2010 a 2021. A busca dos títulos foi aplicada nas bases de dados: BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e - Dissertações, *Scientific Electronic Library Online* - SciELO, Portal de Periódico CAPES, Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e Scopus. O capítulo 2, intitulado “Brejinho de Nazaré/TO e seus quintais: espaço de trocas, memórias e história das populações afro-brasileiras”, visa apresentar a história, os usos e práticas aplicadas em cinco quintais urbanos pertencentes às famílias afro-brasileiras do município de Brejinho de Nazaré/TO. O capítulo 3, “O patrimônio no fundo do quintal: a vida e os saberes de Dona Luzenira”, apresenta a relação que esta senhora mantém com o seu espaço ambiental, as práticas e saberes aplicados na proteção do seu quintal e sua história de vida.

A proposta deste estudo se pautou no interesse em discutir os quintais urbanos afro-brasileiros do município de Brejinho de Nazaré/TO e debatê-los a partir das perspectivas dos estudos sobre patrimônio ambiental, com eixos de estudos sobre a presença da mulher nos espaços dos quintais, a biodiversidades dos quintais brasileiros, os conhecimentos entre as gerações.

A literatura indica os quintais como uma das formas mais antigas do manejo da terra, fato que por si só o indica como objeto de estudos da sustentabilidade e do patrimônio ambiental. Ainda que esse sistema de produção de diferentes espécies de plantio tenha provido e assegurado o sustendo de muitas comunidades, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto (AMARAL; GUARIM NETO; 2008). Nesse sentido, esta dissertação foi construída com a finalidade de ampliar as discussões sobre os estudos sobre os quintais urbanos afro-brasileiros.

## 2 OS QUINTAIS URBANOS AFRO-BRASILEIROS: UMA DISCUSSÃO SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL

### Resumo

Os quintais são espaços presentes nas casas brasileiras em diversos contextos históricos, seus usos vão de subsistência familiar à função paisagística. São nos quintais que os saberes tradicionais circulam e as configuram enquanto patrimônio cultural. O presente artigo pretende apresentar e discutir as pesquisas feitas sobre quintais urbanos afro-brasileiros enquanto patrimônio cultural. A partir da metodologia da arte serão apresentados os resultados encontrados nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online Brasil* (SciElo) e *Scopus*. A busca se concentrou em artigos, teses e dissertações publicados no período 2010 – 2021, no idioma português, resultando em 181 obras que refinadas a partir dos objetivos da pesquisa, seguiu-se com 6 títulos. Das discussões centrais apresentados nas obras, destacam-se as temáticas sobre: perda dos saberes tradicionais, conceito do termo quintal e suas finalidades. Ressalta-se que o quintal - enquanto patrimônio cultural e a contribuição dos povos africanos para e nesse espaço - foi pouco explorado, condição que sugere a necessidade de estudos científicos que promovam diálogos entre patrimônio cultural e questões étnico-raciais nas diferentes ciências.

**Palavras-chave:** Quintais urbanos afro-brasileiros. Patrimônio Cultural. Saberes tradicionais.

### Abstract

Backyards are spaces present in Brazilian homes in various historical contexts; their uses range from family subsistence to landscape function. It is in the backyards that traditional knowledge circulates and configures them as cultural heritage. This paper intends to present and discuss the research done on Afro-Brazilian urban backyards as cultural heritage. The results found in the databases Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online Brasil* (SciElo) and *Scopus* will be presented. The search focused on articles, theses and dissertations published in the period 2010 - 2021, in Portuguese, resulting in 181 works that, refined from the research objectives, were followed with 6 titles. From the central discussions presented in the works, we highlight the themes about: loss of traditional knowledge, the concept of the term backyard and its purposes. It is noteworthy that the backyard - as cultural heritage and the contribution of African people to and in this space - was little explored, a condition that suggests the need for scientific studies that promote dialogues between cultural heritage and ethno-racial issues in different sciences.

**Keywords:** Afro-Brazilian urban farms. Cultural Heritage. Traditional Knowledge.

## Introdução

O termo patrimônio pode ser compreendido como heranças recebidas do pai ou ascendentes que fazem alusão às memórias e lembranças desses povos e/ou grupos sociais e/ou sujeito. A preservação deste bem pela população, se dará a partir dos sentidos a ele atribuído e com o vínculo estabelecido junto da identidade cultural dessas pessoas. O que garantirá a permanência dessa relação entre o objeto e os sujeitos serão as memórias. A memória tem o efeito de aproximar as gerações e o tempo corrente, estabelecendo entre eles um vínculo afetivo, permitindo que os sujeitos se sintam atores da história e portadores de uma identidade cultural (PELEGRINI, 2006). As vivências, os saberes produzidos nos quintais transmitidos entre as gerações e os costumes ali preservados (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020), por meio das lembranças, é o que justifica pensar o quintal enquanto patrimônio cultural. Releva notar que a discussão sobre a agricultura - que perpassa os espaços urbanos - pode auxiliar na compreensão das ideias, práticas e sensibilidades que servem como estratégias de ação para minimizar a degradação ambiental pela preservação dos espaços e memórias verdes (BRAILOVSKY e FOGUELMAN, 1991) entrelaçados às casas e às ruas das cidades.

A expressão quintal dispõe de algumas interpretações, etimologicamente o vocábulo vem da redução do termo quinta, expressão portuguesa conferida as propriedades de atividades hortigranjeiras (AZEVEDO, 2014). Além da produção alimentar, os quintais são conhecidos por garantirem embelezamento nas áreas externas das residências (TROTTA, *et al.*, 2012), função conferida também ao jardim. Na lógica de apropriação popular, jardins e quintais se aproximam muito em seus aspectos e funções, sendo assim, muitas vezes se confundem (AZEVEDO, 2014). Ainda que muito parecidos, os jardins são conceituados como terrenos à frente da casa com apresentação mais embelezadora, diferente do restante do terreiro, seu embelezamento é constituído por plantas ornamentais e frequentemente com árvores para sombreamento (GUARIM NETO; CAMPOS, 2017).

No contexto histórico, os quintais eram espaço já valorizados no período colonial, quando as casas eram construídas em uma porção pequena da terra e ao quintal era destinado a porção maior, normalmente localizado ao fundo das residências, nesta configuração a imagem da casa era marcada com sua fachada e os espaços atrás eram valorizados pelo seu tamanho e dimensão, denominados quintais, geralmente arborizados e em áreas livres. Seus usos estavam ligados às subsistências das famílias e à prática de convívio familiar (REIS, 2015).

Em 1736, uma carta real previa que todas as residências passassem a ser construídas, garantindo um espaço exclusivo para os quintais. Esse manifesto se tornou a primeira base legal

para o uso de terras no país (REIS, 2015). A partir de 1850, com a implementação da Lei da Terra, imposta pela família real, os terrenos passaram a ser mais valorados, o que permitiu a mercantilização de terras e conseqüentemente a criação de novos bairros. Nesta atual conjuntura, as cidades ganhavam novas tipologias arquitetônicas, com isto, os terrenos foram reduzidos e as camadas menos favorecidas passaram a perder os espaços que dedicavam aos seus quintais (ALMADA; SOUZA, 2017).

Com a mercantilização das terras, a população pobre perde seus espaços e as classes mais altas se favorecem desse movimento para ampliar as áreas embelezadas de seus jardins. Agora, a elite passa a ter residências ainda mais ornamentadas, garantindo olhares atraídos pelos elementos naturais e de forte valor decorativo (AZEVEDO, 2014). Keith Thomas (2010) destaca a valorização das plantas exóticas e estrangeiras na Europa principalmente após o período da Revolução Industrial. A urbanização e a degradação ambiental urbana valorizaram em parte a natureza, mas dentro de modelos de arborização urbana elitizados, marcados por jardins, alamedas e aleias. Seguindo o mesmo movimento, o Brasil passou por um processo de valorização dos jardins urbanos afrancesados. Esse processo de europeização teve um impacto nos quintais e acelerou a substituição de plantas como o alecrim e a malva-cheirosa por variedades exóticas e ornamentais notadamente nos bairros nobres das cidades. Seriam os bairros mais pobres que conservariam as plantas nativas, africanas, europeias ou asiáticas utilizadas na medicina popular e na alimentação (FREYRE, 2003).

Além do provento familiar, os quintais eram e ainda são vistos como espaços ricos em saberes populares, em especial os conhecimentos das plantas de uso medicinal, usadas por algumas comunidades na cura das suas enfermidades. De acordo com Guarim Neto e Campos (2017), esses conhecimentos populares ainda atendem diferentes populações, em especial aqueles que vivem em locais de difícil acesso à assistência médica, onde os únicos remédios possíveis de encontrar são as plantas medicinais. Conforme apontam Almada e Souza (2017), os quintais, em geral, são enriquecidos do cultivo das mais diferentes espécies: alimentícias, medicinais, ornamentais e se destacam como locais privilegiados de autonomia, resistência, lazer, encontros, saberes e memórias, revelando-se como um verdadeiro patrimônio biocultural.

Esses espaços declaram a partir de diversas concepções os modos, histórias, vivências e atuações de diferentes povos. Africanos escravizados trazidos para o Brasil trouxeram consigo inúmeras espécies de plantas oriundas da África para serem plantadas nas terras brasileiras, junto delas o conhecimento e as práticas africanas que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil e a formação da cultura brasileira. O uso desses plantios era para subsistência da família

e ritos religiosos. Além disso, muitas das ervas tinham propriedades medicinais que eram, por vezes, o único meio para tratamento para suas enfermidades (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020). Muitas plantas e espécies como inhame e quiabo se adaptaram bem nos solos brasileiros e passaram a ser consideradas nativas do Brasil (ALMEIDA, 2011). Outras plantas de propriedades medicinais que também foram trazidas pelos africanos: *Momordica*, *charantia*, *Hibiscus sabdariffa*, *Cannabis* (CARNEY; ACEVEDO, 2017).

As práticas culturais mantidas nos quintais, os conhecimentos no manejo das diversas espécies e o peso dos costumes dos povos africanos no país, reitera a significância do quintal enquanto um patrimônio declaradamente afro-brasileiro, pois ainda se mantém cultivados os saberes de origem africana aplicados desde o período colonial até a atualidade (CUNHA JÚNIOR; SOUZA; SOUZA, 2020). Os mesmos autores apontam ser no quintal que se consolidam as memórias, histórias, acervo de conhecimento e práticas culturais que se constituem em patrimônio material e imaterial da população negra.

Com base na metodologia da pesquisa do estado da arte, buscou-se analisar a seguinte problemática: “Quais são as produções acadêmicas publicadas sobre quintais urbanos afro-brasileiros?”. Partindo dessa indagação, tem-se como objetivo analisar o conhecimento produzido sobre o tema, bem como, identificar as principais referências teóricas que fundamentam esses trabalhos, e as preferências metodológicas escolhidas pelos autores.

Segundo Ferreira (2002), os desafios de se aprofundar nos conhecimentos já produzidos por determinado tema, dar conta de um saber que cresce exponencialmente e divulgá-lo à sociedade, são alguns dos motivadores que suscitam o interesse de pesquisadores investirem esforços nas pesquisas do estado da arte (EA) ou estado do conhecimento.

O estado da arte, tem como proposta eleger e caracterizar produções acadêmico-científicas em determinada área do conhecimento considerando sua origem, gêneros publicados, período de publicação, dentre outros e a partir de aí fazer uma sistematização das produções investigadas (SANTOS *et al.*, 2020). Mesmo considerado de natureza exclusivamente bibliográfica, o EA, permite que as pesquisas sejam avaliadas e discutidas de forma quantitativa e qualitativa, a primeira quando no levantamento numérico das produções e a segunda na investigação crítico-analítica dos trabalhos (ROSETTO *et al.*, 2013). O percurso metodológico deste estudo se apoiará na avaliação qualitativa de pesquisa de artigos, teses e dissertações tratantes do quintal como patrimônio cultural brasileiro.

## 2.1 Procedimentos metodológicos

O estado da arte, assim como outras metodologias de pesquisa, se estabelece a partir de etapas pré-definidas que organizam sua construção, as etapas se constituem, mas são flexíveis consoante à necessidade do pesquisador. A pesquisa seguiu o curso proposto por Santos *et al.*, (2020): identificação das fontes de pesquisa, recorte de tempo, identificação dos descritores de buscas, levantamento dos materiais — seguido do seu mapeamento, tabulação dos dados do resumo, leitura e síntese preliminar e por fim, a análise e conclusões.

A consulta aos títulos se concentrou em trabalhos de artigos, teses e dissertações publicados entre os anos 2010 e 2021 no idioma português. Na etapa de identificação dos descritores, buscou-se por delimitar publicações relacionadas às categorias “quintais afro-brasileiros” e “patrimônio cultural”, combinados ou não. A construção dos descritores de buscas partiu da necessidade de levantar publicações que estabelecessem relação entre quintais como patrimônio cultural e quintais considerados afro-brasileiros, considerando serem estes os termos mais relevantes nesta pesquisa.

Na etapa da investigação dos materiais, optou-se por aplicar todas as etapas da EA separadamente em cada base de pesquisa, ou seja, o registro das publicações, catalogação, leitura e síntese dos temas para, então, fazer a apresentação dos conteúdos levantados em cada plataforma, considerando suas particularidades. As bases de pesquisa utilizadas foram: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online* Brasil (SciElo) e Scopus.

Para o estreitamento das buscas, as conjunções de descritores pesquisadas em todas as plataformas que permitiram essas intersecções foram: quinta\* *and* “patrimônio cultural”; quinta\* *and* “afro-brasileiro”; quinta\* *and* “afro-brasileir\*” e por fim, “quinta\* urbano” *and* “afro-brasileir\*”. O uso do operador booleano *and* permite que as pesquisas se delimitem apenas entre os termos sugeridos. Os sinais gráficos asterisco (\*) e interrogação (?), possibilitam a busca de diferentes variações dos sufixos, condicionando as buscas por termos no plural e/ou singular e nos gêneros feminino e masculino. Nesse artigo o uso destes sinais permitiu a busca pelos termos quintal e/ou quintais e afro-brasileiro e/ou afro-brasileiros. Já o sinal aspas (“), permite a pesquisa de palavras compostas (BRASIL, 2021), manteve-se o interesse nos trabalhos que continham as conjunções “afro-brasileiro” e “patrimônio cultural”.

Na plataforma Portal de Periódicos CAPES os acessos são classificados em permitidos, livres ou remotos. O primeiro, concede o acesso diretamente nos terminais (biblioteca, laboratório, salas de aulas) das instituições registradas no sistema CAPES. Nessa condição, o acesso é gratuito e restrito aos usuários vinculados à instituição de ensino. A navegação livre dispensa a condição de ser estudante, contudo, as buscas são limitadas apenas às publicações gratuitas. Já a admissão remota, permite que pesquisadores de redes de ensino tenham acesso de forma remota ao conteúdo assinado (exclusivo) do Portal de Periódicos, ingresso denominado como Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) (BRASIL, 2021). Neste trabalho o acesso às pesquisas foi na condição remota — CAFe vinculado à Universidade da Região de Joinville - Univille.

O levantamento das publicações feito na plataforma Portal de Periódicos Capes se concentrou nos dias 11/04/2022 a 12/04/2022, sendo assim, trabalhos indexados após esse período não foram considerados neste estudo. O primeiro acesso às pesquisas (rápidas ou avançadas) no Portal de Periódicos CAPES exige que o pesquisador aponte um termo de interesse para que então a ampliação das buscas seja feita. A primeira procura partiu da palavra “quintal” no campo “buscar assunto”, mantendo-se a seleção automática sem qualquer classificação, que resultou em um total 9.457 trabalhos relacionados a essa temática. Deste levantamento, foram selecionados os artigos a partir da aplicação dos descritores citados em qualquer campo: título, autor/criador e/ou assuntos, seguidos da aplicação dos filtros: categoria de material, idioma e data de publicação.

A delimitação desses elementos permitiu o levantamento de 929 publicações, organizados e apresentados de acordo com cada descritor. Os termos quinta\* and “patrimônio cultural” somaram um total de 122 estudos, destes, 8 foram selecionados para leitura, considerados de interesse para pesquisa. A combinação dos termos quinta\* and “afro-brasileiro” e quinta\* and "afro-brasileir\* resultou em 66 trabalhos, destes, cinco foram eleitos para leitura.

A base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. O repositório permite o acesso aberto às publicações, isto é, dispensa o vínculo com alguma instituição de ensino. As buscas dos títulos foram feitas no prazo de 02/05/22 a 15/05/22. Produções indexadas após esse período não foram avaliadas neste estudo.

Considerando os mesmos critérios de buscas: recorte temporal, idioma e descritores, seguiu-se a pesquisa no BDTD na opção “busca avançada”. A combinação dos termos quinta?

*and* “patrimônio cultural” resultou em 17 trabalhos, destes apenas 2 permaneceram na lista de leituras. Quando pesquisados os descritores quinta? *and* “afro-brasileiro”, o resultado apontou um total de 21 trabalhos publicados e se mantiveram eleitos para a leitura 6 títulos.

A base de dados *SciElo* permite que as pesquisas sejam feitas sem vínculo com instituição de ensino e seu acesso amplia-se em busca rápida e avançada, optou-se por trabalhar com a opção avançada para o refinamento dos títulos. As buscas foram feitas no dia 23/05. Trabalhos indexados após essa data não foram apontados neste estudo. Os resultados das buscas foram: 2 estudos encontrados a partir da combinação dos descritores quinta\* *and* patrimônio cultural. Sendo que 1 foi considerado para leitura e a junção dos termos quinta\* *and* “afro-brasileiro” não apresentou trabalhos publicados.

A plataforma *Scopus* confere acesso às publicações para pesquisadores assinantes ou associados à alguma instituição de ensino. As buscas nessa base de dados foram remotas e vinculadas à Univille, feitas no dia 14/07/22. Publicações após essa data não serão apresentadas neste artigo.

Os resultados das buscas foram: 14 obras resultantes da combinação quinta *and* “patrimônio cultural”, sendo que destas, 1 foi considerada para avaliação. A junção dos termos quinta *and* “afro-brasileiro” resultou em 5 títulos que, após avaliados, permaneceu para leitura, 1 obra. A busca com os termos: “quinta\* urbano” *and* “afro-brasileiro” não apresentou publicação.

A seleção primária dos textos foi feita a partir da leitura do título, seguido do resumo. Os textos que apresentavam concordância com os objetivos desta pesquisa foram organizados uma única planilha disponível no programa de Editores do *Google Docs* oferecido pelo Google, organizados nas colunas: autores, título, ano de publicação, instituição de ensino, base de dados, resumo, formação dos autores, palavras-chave, descritores de buscas, metodologia abordada e endereço eletrônico. A eleição final dos títulos resultou em seis trabalhos que serão discutidos a seguir.

## 2.2 Os quintais urbanos afro-brasileiros - produções acadêmicas

A expressão apresenta diferentes interpretações e conceitos. Neste estudo, optou-se por considerar os estudos que os apresentam enquanto espaço de promoção de conhecimentos, de transferência de saberes, espaço de atividades de plantio e colheita e demais práticas que dialoguem com patrimônio cultural, sendo assim, diversas obras foram desconsideradas, em função de que se distanciavam dos objetivos deste estudo. A figura 1, a seguir, exemplifica como a seleção foi conduzida e os resultados encontrados.

Figura 1 - Número de produção acadêmica sobre quintais urbanos afro-brasileiros nas bases de dados, 2010-2021.



Fonte: Mirian Pollyana Vitalino Sudre (2022).

A eleição final dos títulos resultou em seis trabalhos, sendo três artigos e os demais, dissertações. As obras selecionadas são de programas de pós-graduação em Fitotecnia, Estudos Antrópicos na Amazônia, Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Geografia, Biologia Vegetal e Ciência Ambiental. As publicações são datadas nos anos 2015, 2016, 2018, 2019 e 2020, tendo 2018 maior incidência de produção, com dois títulos publicados. Considerando o recorte temporal proposto nesta pesquisa - 2010 a 2021, o levantamento demonstrou-se raso. Os descritores de pesquisa que resultaram nos títulos encontrados foram: quinta? and “afro-brasileiro” (2); quinta\* and “afro-brasileiro” (1); quinta? and “patrimônio cultural” (1) e quinta\* and “patrimônio cultural” (2). As palavras-chave de maior ocorrência foram: etnobotânica (4) e quintais (3), descrito como quintais, quintais urbanos e quintais produtivos e

por fim, duas palavras-chave alusivas às populações quilombolas, descritas como Quilombos e Memória Quilombola. A metodologia de pesquisa de maior interesse entre os autores foi a entrevista semiestruturada (4), seguida da história oral e do questionário semiestruturado. A base de dados que apresentou maior resultado na seleção final foi a BDTD, conforme quadro 1, a seguir.

Quadro 1 –Produção Acadêmica sobre quintais urbanos afro-brasileiro nas bases de dados, 2010-2021 - títulos selecionados.

Ano	Tipo	Título	Palavras-chave	Base de dados
2015	Artigo	Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN.	Etnobotânica; Medicina tradicional; Medicina caseira;	CAPES
2016	Dissertação	Policultura no município de Nova Friburgo, RJ: Processo de evolução e relações sociedade-natureza.	Policultura; Colonização; Nova Friburgo; Agroecologia; Quintais Produtivos;	BDTD
2018	Dissertação	Memórias resistentes nos quintais quilombolas de Pilar do Sul.	Memória Quilombolas; Quintais; Pilar do Sul;	BDTD
2018	Artigo	Conhecimento etnobotânico como patrimônio: Os quintais urbanos nas pequenas cidades do Vale Histórico Paulista.	Agricultura urbana; Vulnerabilidade social; Desaparecimento de saberes; Transmissão do conhecimento; Plantas alimentícias;	<i>Scopus</i>
2019	Dissertação	Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade quilombola Itaboca, município de Inhangapi, Estado do Pará.	Etnobotânica; Quilombos; Inhangapi (PA); <i>Ethnobotany</i> ;	BDTD
2020	Artigo	Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade	etnobotânica; Jardins residenciais; Patrimônio imaterial; Quintais urbanos;	<i>SciElo</i>

Fonte: Mirian Pollyana Vitalino Sudre (2022).

A análise e as discussões das publicações selecionadas, se pautou nos conteúdos de maior recorrência entre/nos títulos. Os conceitos mais citados foram: saberes tradicionais, patrimônio cultural, quintal e população afro-brasileira.

### 2.3 Saberes tradicionais

Os termos saberes tradicionais e/ou conhecimentos tradicionais foram indicados em diversos títulos. As discussões foram sobre a aplicação destes conhecimentos nos espaços dos quintais, a manutenção desses saberes e especialmente sobre seu desaparecimento entre as gerações.

Os conhecimentos tradicionais podem ser entendidos como experiências e conhecimentos acumulados por um determinado grupo sobre os seus recursos naturais e que são voluntariamente transmitidos com dinamismo, de forma mutável e transgeracional, que podem se configurar ao longo do tempo de acordo com necessidades e interesse das comunidades (BOSCOLO; ROCHA, 2018). As sociedades, povos ou comunidades tradicionais, partilham estilos de vida particulares. Com um rico conhecimento sobre a natureza, suas práticas de conservação e modos do seu uso de forma sustentável, respeitando inteiramente sua capacidade de recuperação (BERTOLDI; SPOSATO, 2012).

Das discussões propostas nas obras, a expressão “desaparecimento de saberes” foi a de maior recorrência, os autores descreveram a perda dos saberes em contextos diferentes, mas com a mesma significação. Na obra de Freitas *et al.* (2015), os autores, apoiados pela teoria de Diegues (2008) citam que a tendência à perda dos conhecimentos tradicionais presentes dos quintais está condicionada aos constantes processos de modernização. Haruyama (2004) (*apud* RANIERI; ZANIRATO, 2018) justificam que a falência dos saberes está diretamente ligada à dificuldade em se manter as tradições entre as gerações, uma vez que não são produzidas oportunidades de ensino/aprendizagem de determinado(s) conteúdo(s), a tendência é que se vá perdendo o interesse por essas produções e conseqüentemente o seu desaparecimento. Outro movimento que favorece a extinção dos conhecimentos tradicionais é o falecimento de gerações que mantinham essas experiências vívidas. Na cultura dos quintais a aplicação dos conhecimentos tradicionais é o que por vezes o mantém ativo, o processo de ensino e aprendizagem e a transmissão dos conhecimentos botânicos depende na maioria do convívio

com as plantas, pela observação e imitação, fatores que interfiram no contato entre as gerações podem refletir na interrupção dessa transferência de saberes (RANIERI: ZANIRATO; 2018).

Os conhecimentos considerados tradicionais e demais saberes que circulam nos espaços dos quintais, tais como o uso de plantas medicinais, o manuseio dos solos, o manejo das plantações são conhecimentos resultantes da forte influência dos povos indígenas e africanos que contribuíram em muito com a medicina tradicional, cultura e tantas ciências (ALMEIDA, 2011). Nesse sentido, há uma grande preocupação com o apagamento desses saberes, pois com eles são eliminados traços culturais de grupos que gradativamente vão sendo substituídos por concepções europeias, conforme aponta Silva (2019, p.21):

Dos povos africanos, além dos conhecimentos medicinais diversas práticas culturais também foram agregadas à cultura brasileira no contexto de histórias de resistência cultural, discriminação étnico-racial e abandono político e social. Se por um lado se constata que o processo de expansão das sociedades contribuiu para assimilações de conhecimentos sobre o poder de cura de determinados vegetais, por outro lado, provocou o desaparecimento de saberes indígenas e de povos africanos em decorrência da desvalorização da cultura desses povos, que paulatinamente foi sendo substituída por concepções europeias.

A mesma autora traduz a perda de conhecimento, sobretudo, dos povos quilombolas que muito se beneficiam dos quintais, quando menciona que muitos saberes produzidos ou herdados das sociedades quilombolas, estão ficando adormecidos, ou apagados pela ausência de políticas de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. Segundo Boscolo e Rocha (2018), essas concepções estão diretamente ligadas à desvalorização dos conhecimentos tradicionais, que apesar de gerar e orientar as práticas sociais, ainda permanecem sem o *status* de ciência. Durante séculos, os saberes produzidos e mantidos por grupos sociais marginalizados são interpretados e veiculados como expressões de desvalor como “conhecimento popular” e “conhecimento vulgar”. Essa depreciação estabeleceu e favoreceu o distanciamento entre esses saberes e demais ciências.

O que permite estabelecer diferenças entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos científicos não é a hierarquização destes, e sim o fato dos saberes tradicionais não se consistirem por teorias do modelo ocidental moderno. A sua construção está pautada nas formas de conhecimentos que se orientam por critérios de validade locais - materiais e simbólicos -, passíveis às modificações regionais e/ou culturais; e estarem relacionadas diretamente aos contextos nos quais são produzidos e veiculados (BANDEIRA, 2001 *apud* BOSCOLO; ROCHA, 2018).

Ainda que esses conhecimentos estejam assegurados pela jurisdição, proposto no tratado internacional da Convenção Sobre Diversidade Biológica, que prevê a estreita dependência dos recursos biológicos aos conhecimentos tradicionais quando na sua conservação e o uso sustentável da biodiversidade e; responsabiliza os estados a respeitar, preservar e conservar estes saberes, bem como, a criar mecanismos para que os benefícios derivados do uso desses conhecimentos, seja partilhado de forma justa, abrangendo nesse sentido um sistema de direitos de propriedade intelectual - há muito a que ser definido quanto a salvaguarda desses conhecimentos (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2000).

Bertoldi (2012), acredita que os saberes tradicionais associados à biodiversidade se configuram em ricos acervos em perigo de extinção, que devem ser resguardados principalmente em virtude das políticas culturais de viés homogeneizantes, da precariedade de recursos estruturais para sua permanência, experiência, reconhecimento e compreensão/identificação pelas novas gerações e sobretudo da recorrente dificuldade da sua transmissão e continuidade que também perpassam dos efeitos da globalização cultural.

#### 2.4 Patrimônio Cultural e Quintais

Derivada do latim pater (pai), a palavra patrimônio remete ao sentido de herança. Nas passagens históricas novas significações e adjetivos foram atribuídas a essa expressão (financeiro, histórico, genético, natural etc.), acrescentado também o conceito utilizado hoje de patrimônio cultural (CHAGAS, 2008). Na interpretação do autor, a expressão patrimônio cultural está relacionada a um conjunto de bens tangíveis, intangíveis e naturais, que dispõe de saberes e práticas valorados e de interesse de transmissão de uma época a outra ou entre gerações.

A expressão “patrimônio cultural” foi indicada em três dos seis estudos, as referências foram alusivas aos objetos de estudo dos seus autores. Nos trabalhos sobre etnobotânica os autores citam que os conhecimentos e as práticas de inúmeras comunidades acerca dos recursos naturais constituem um valor de patrimônio cultural característico do modo de vida de uma dada localidade (SILVA, 2019). Essa concepção é validada pelos autores Ranieri e Zanirato (2018), quando afirmam que os conhecimentos botânicos, repassados entre as gerações, cultivados enquanto práticas culturais e valorados pela história, memória, pela proteção dos modos de manejo, colheita, plantio, o reconhecimento das diferentes plantas, as formas do seu uso - alimentar ou medicamentosa, são tidos como patrimônio cultural.

Além disso, o conjunto de experiências e saberes sobre o cultivo das plantas, seus usos e finalidades são considerados patrimônio, vivido, sentido, transmitidos (não necessariamente ativado) de grupos que ainda mantêm seus quintais. Esse saber, tido como patrimônio, considera dentro dessa definição a dimensão natural e cultural, a incorporação não só dos saberes, mas de plantas, suas formas, manejo e onde se manifestam - quintais.

Ainda que dinâmico, os quintais estão sujeitos às alterações e usos que não de outros espaços como o jardim e hortas. A desconfiguração dos quintais ou fim das suas atividades de cultivo podem impactar a continuidade da prática do plantio de plantas e conhecimento sobre suas finalidades, visto que os quintais “servem para manter o conhecimento de variedades e usos da diversidade cultural vivos, de geração a geração” (Watson & Eyzaguirre, 2002, p. 10 *apud* RANIERI; ZANIRATO, 2018).

A desconfiguração, de que citam os autores, pode estar relacionada diretamente ao aumento abrupto da urbanização, colocando os quintais em movimentos de (re)xistência e a apostar uma reformulação do modo de ser quintal. A insistente presença desses espaços confronta as práticas urbanistas que impõe um novo modelo arquitetônico, linear, imediatista e civilizado. As metodologias dos novos quintais ainda carregam suas tradições, memórias e vivências recebidas das gerações anteriores. Ainda que (re)xistindo, há quintais que mantêm vivos em suas tradições costumes familiares e que preservam e expressam os saberes entre seus pares, esse movimento, segundo Santos e Andrade (2020) é o que enriquece e contribui para paisagens urbanas.

A argumentação de Almada e Souza (2017) enriquece o entendimento sobre o quintal no contexto da urbanização, quando relatam que em maior ou menor grau, ainda que a tendência do espaço urbano seja a verticalização dos edifícios, a pavimentação dos quintais ainda existentes e impermeabilização das cidades, os quintais nesses espaços, se modificam e resistem, agora com diferentes sentidos, formatos e utilidades, mantendo-se como importantes espaços de convivência, histórias, serviços e cultivos. Nesse contexto, o conhecimento sobre as plantas, em especial as de uso para alimentação e medicamento, é um saber fundamental e rico para a sobrevivência humana. Esse patrimônio imaterial vem se perdendo, diante dos recorrentes processos de globalização e urbanização (NEHME *et al.*, 2020).

Quanto ao conceito do termo quintal, as obras que apresentavam seu significado o conceituaram como: “uma área de produção localizada perto da casa, onde são cultivadas espécies agrícolas e florestais, e são criados pequenos animais domésticos” (KUMAR; NAIR, 2004 *apud* FREITAS *et al.*, p.846, 2015). A autora Gabriela Paixão (2018), em sua dissertação, apoia-se no conceito sobre quintal dos estudiosos Fernandes e Nair (2016):

sistemas de uso da terra que envolvem o manejo deliberado de árvores e arbustos polivalentes em associação íntima com culturas agrícolas anuais e perenes e, invariavelmente, gado, compondo o complexo de uma propriedade familiar, sendo toda a unidade safra-árvore-animal administrada intensamente pela família (FERNANDES; NAIR, *apud*, PAIXÃO, 2018, p.28)

Na concepção de Silva (2004), o quintal é uma porção de terra disposta no fundo das casas com funções variadas. O autor teve o cuidado de diferenciar os termos quintal e jardim, uma vez que, apresentam características muito semelhantes. Na visão de Silva (2004), jardim é o espaço frontal de uso paisagístico, descrição semelhante aos escritos de Ranieri e Zaniratto (2021), que cita o jardim enquanto porção de terra ornamental.

As funções empregues ao quintal serão os indicativos dos saberes que circulam entre e nesses espaços, os exercícios mais aplicados nos quintais foram: atividades de plantio de ervas medicinais, plantas alimentícias e subsídio financeiro, tendo destaque o uso para cura de enfermidades. Freitas *et. al*, (2015), revelam que o homem se utiliza de plantas como possibilidade terapêutica, muitas vezes vindas da sua própria cultura. Este fator faz com que cada sociedade ou comunidade estabeleça seu conjunto de crenças, classificação e métodos para curar das suas próprias enfermidades.

Enquanto espaços de subsistência alimentar, os resultados das pesquisas apontam que a função principal do uso das terras dos quintais é para o plantio de plantas alimentícias, o que indica que as práticas de horta e roça ainda sobrevivem mesmo com a crescente modernização. Paixão (2018), salienta que o aumento expressivo de perturbações socioambientais, a presença de quintais nos espaços urbanos, mostra-se como uma possível solução a esses problemas. Entre seus benefícios, incluem: segurança alimentar, maior autonomia econômica, relação homem/natureza, retroalimentação do solo, abrigo de fauna de pequeno porte, neutralização de carbono e manutenção do microclima, ou seja, as riquezas propostas pelos quintais podem ser aproveitadas não só por quem o tem, mas como um serviço para o bem coletivo.

Um dos eixos de pesquisa deste estudo era levantar obras que tratassem sobre os quintais afro-brasileiros ou que ainda relatassem a importância desses povos nos estudos sobre patrimônio cultural, o que não aconteceu. Essa resposta pode ser um indicativo do olhar eurocêntrico que a sociedade acadêmica possui as pesquisas tratantes das temáticas sobre a população negra. Pesquisas tais como a exposta são de extrema urgência nas discussões acadêmicas e nas diferentes perspectivas do fazer ciência.

Ainda que a contribuição das populações indígenas e negras sejam datadas antes mesmo da colonização do Brasil, as discussões dos estudos levantados não fizeram alusão à essas atuações, quando o, sim, fizeram de maneira bem rasa, uma vez, que não eram esses seus objetos de estudo. Em decorrência disso, se faz necessário contextualizar brevemente o leitor a despeito da cooperação dessas comunidades para a cultura brasileira, sobretudo nas atividades vistas e empregues nos espaços dos quintais.

Até o fim do Oitocentos, os doutores da medicina não tinham conquistado certa relevância na sociedade quanto às suas competências de cura. Nesse período, por diversas razões, as ciências médicas não eram vistas com grandes prestígios, não à toa que os letrados, as camadas mais altas da sociedade, recorriam aos chamados mezinheiros e/ou curandeiros. A luta pelo reconhecimento social dos médicos perante a sociedade estava travada em preceitos culturais e de um novo cenário que estava sendo gradualmente imposto. As práticas terapêuticas cultuadas pela sociedade, aplicadas sobretudo pelos curandeiros/mezinheiros, eram vistas com muito respeito e cuidado e dessas tradições, a população não demonstrava nenhuma disposição em abandoná-la somente porque alguns homens da ciência assim o desejavam (SOARES, 2001).

Nesse contexto histórico, no imaginário popular, as doenças possuíam natureza sobre-humana, curadas apenas com mezinhas apropriadas, conhecimentos que determinadas populações detinham, conforme aponta Soares (2001):

Ora, índios, africanos e portugueses das camadas populares, assim como alguns membros das elites, sempre haviam, em suas regiões de origem, recorrido às mezinhas e ao mundo dos mortos para curar suas enfermidades muito antes de se cogitar a colonização do Brasil (SOARES, 2001, p. 422)

Esses conhecimentos eram adquiridos entre o intercâmbio das culturas, quando na chegada dos indígenas e negros nas terras brasileiras, estes passaram a buscar no reino mineral, na flora e na fauna virtudes terapêuticas que enriquecesse e compusessem suas mezinhas. Com novas formulações e inúmeras adaptações, todas de iniciativa própria, sobretudo apoiadas nas experiências acumuladas pelo cotidiano, as mezinhas, resultado das tradições indígenas, ibéricas e africanas, se constituíam em práticas bastante comuns no Brasil (SOARES, 2001).

Das obras selecionadas, apenas duas fizeram menção da participação dos povos negros e indígenas nos espaços dos quintais. Na dissertação de Stroligo (2016) sobre a policultura em um município do Rio de Janeiro, o autor aponta que os quintais produtivos, de características predominantemente da agricultura policultural, apresentam traços de fazeres agrícolas da miscigenação de culturas entre os colonos e os afrodescendentes. No contexto colonial, os

quintais faziam parte de boa parte das casas brasileiras que carregavam características trazidas pelos portugueses e fortes características de influências indígenas e africanas, aplicadas tanto nas residências urbanas, como nas moradas rurais (DOURADO, 2004).

Na obra de Kumar e Nair (1992, *apud*, PAIXÃO, 2018), citam o jardim como espaço utilizado pelos escravos para cultivo de plantas e vegetais como sustento de vida, além de ser considerado o único lugar em que as famílias podiam se sentir independentes e um conforto espiritual. Ainda no contexto do período escravocrata, os moradores da Corte Imperial do Rio de Janeiro, por exemplo, eram constantemente providos de ervas distribuídas pelas negras de tabuleiro, ou então que mantinham plantadas nos seus próprios quintais (SOARES, 2001). Nesse sentido, o espaço servia de refúgio (espiritual) para os escravizados e assistência para os seus senhores.

Os traços africanos estão presentes em muitas práticas culturais que hoje tornaram-se afro-brasileiras, a religião, a artes, a gastronomia e as ciências são ricas dessas contribuições, ainda que agregados na cultura brasileira em um contexto de histórias de resistência cultural, discriminação étnico-racial e despojo social e político. Essa prática corriqueira de retratar de centralizar a construção da formação social do Brasil as custas do protagonismo europeu, relegando a trajetória dos povos negros é constante e corriqueira. Nas literaturas o negro sempre recebe notoriedade quanto às vivências enquanto escravizado, marginalizados e em condições degradantes (ANDRADE; KISHIMOTO, 2017). Essa experiência que exclui voluntariamente o modo de pensar e viver dos negros livres no Brasil, quilombolas ou não, que não foram abordados de forma respeitosa e aparente, e quando mencionados, foram reconhecidos com o olhar propriamente hegemônico e eurocêntrico. Esses pagamentos são citados e colocados à tona por negros que passaram a lutar de forma assídua, a partir do século XX, o seu lugar de fala e escrita (ANDRADE; KISHIMOTO, 2017) e não só por isso, que essas histórias, vivências e feitos devem ser mantidos e valorados a partir de políticas de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira (SILVA, 2019).

## Considerações finais

Os marcos históricos apontam a existência dos quintais já no período colonial. As áreas destinadas a esse espaço normalmente eram a parte mais extensa do terreno localizada ao fundo das residências e seu uso tinha finalidades diversas: encontros, festas, plantio, refúgio, movimentos religiosos, embelezamento. Alguns dos tratados e leis formularam novas

configurações quanto à acomodação destinada a essas porções de terra. Ainda no período Imperial, a Lei de Terras beneficiou as altas camadas da sociedade, restringindo o acesso à essas terras. A mudança dificultou o uso dos quintais aos povos que mais usavam desse espaço para sua subsistência, a classe pobre. No entanto, a continuidade das práticas agrícolas urbanas desenvolvidas nos quintais marca a resistências dos saberes tradicionais e a luta das populações negras pela preservação da sua cultura e da soberania alimentar.

As dinâmicas conferidas ao quintal possibilitam o seu reconhecimento como um patrimônio cultural brasileiro, mesmo que ainda sem o registro oficial por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). São nos quintais que as memórias, vivências, saberes e práticas de diferentes povos se configuram enquanto patrimônio imaterial dessas populações, em especial da comunidade negra e indígenas (DOURADO, 2004). Antes da ciência da medicina alcançar prestígio social, os conhecimentos dos mezinheiros/curandeiros, sobretudo do uso das ervas medicinais, era o principal e respeitado recurso que a sociedade se apoiava para cura das suas enfermidades. Muitos desses conhecimentos eram de negros e mulatos escravizados, que trouxeram consigo saberes sobre os usos das mais diversas plantas. Desde a alta sociedade até as camadas mais pobres se beneficiaram desses conhecimentos, fato que propiciou o uso, a difusão e o reconhecimento dos saberes medicinais populares por parte da população brasileira (COSTA, 1983).

Esses e tantos outros conhecimentos que circulam nos quintais, reconhecidos como saberes tradicionais, foram a temática mais citada nas obras. Os autores mencionam a preocupação quanto ao desaparecimento desses saberes, considerados ricos acervos e que estão em vias de extinção, e as causas relacionadas a esse movimento estão relacionadas a diversos fatores, como: desinteresse das gerações, falta de processos de ensino/aprendizagem entre os detentores desse conhecimento e as novas gerações, políticas públicas efetivas que assegurem a manutenção e conservação desses saberes. Ainda que existam leis que assegurem a proteção parcial desses saberes, há muito que ser feito, sobretudo para que práticas culturais de viés homogeneizantes não eliminem as evidências da participação de povos que contribuíram e construíram a cultura brasileira.

Outra discussão proposta nos estudos foi a diminuição dos quintais nos espaços urbanizados. Ainda que (re)existindo frente a frenética urbanização e globalização, os quintais têm se mostrado como um importante recurso às experiências sustentáveis. Manter esses espaços vivos nos locais de grande urbanização são benéficos em muitos sentidos, segurança alimentar, maior autonomia econômica, relação homem/natureza, retroalimentação do solo, abrigo de fauna de pequeno porte, neutralização de carbono e manutenção do microclima, ou

seja, as riquezas propostas pelos quintais podem ser aproveitadas não só por quem o tem, mas como um serviço para o bem coletivo. A crescente urbanização somada as novas estruturas arquitetônicas com características de verticalização, são uma das causas da diminuição dos quintais nos centros urbanos, mesmo que (re)xistindo, esses espaços estão se configurando de novos modos, arranjos e traduções. A existência desses espaços afirma a resistência contra esse modelo estruturado da atual globalização que gradativamente sobrepõe as paisagens e os espaços vivos das cidades.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e. Quintais como patrimônio Biocultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 01 -224.

ALMEIDA, R.; MILHOMEM, J. Mulheres e produções de saberes nos quintais produtivos do quilombo da dona Juscelina. **Revista Temporis[ação]** (ISSN 2317-5516), v. 20, n. 02, p. 18, 9 abr. 2021.

AMARAL, C. N. D.; GUARIM NETO, G. **Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste** (Mato Grosso, Brasil). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 3, 2008.

ANDRADE, Anna Maria de Castro; KISHIMOTO, Alexandre e (org.). **Dossiê sistema agrícola tradicional quilombola do vale do Ribeira - SP**. Eldorado: Instituto Socioambiental, 2017. p. 1 - 105.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Relações sociais: as trocas e os mitos de um mundo sem trocas. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 155-179, mar. 2006. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642006000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Wk8zcxYBgCkFP8wkG6nTXCs/?lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2022.

AZEVEDO, Jorge Baptista de. Quintais e paisagens culturais. In: TERRA, Carlos; ANDRADE, Rubens de (org.). **Coleção Paisagens Culturais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014. p. 11-76.

BERTOLDI, Marcia Rodrigues. SPOSATO, Karyna Bastita. Instrumentos de proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 75-93, dez. 2012. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/view/303/0>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BOSCOLO, Odara Horta; ROCHA, Joyce Alves. Saberes tradicionais e a segurança alimentar: saberes tradicionais: um valor diferencial. In: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana (org.). **Saberes tradicionais e locais**: reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 1-191.

BRAILOVSKY, Antonio Elio; FOGUELMAN, Dina. **Memória verde**: história ecológica de la Argentina, Buenos Aires, Editorial Sudamericana S.A., 1991.

BRASIL. CAPES. **Guia para utilização rápida do portal de periódicos da CAPES**. Brasil: Periódicos Capes, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/area-conhecimento/biblioteca/repositorio-de-arquivos/guia-rapido-do-novo-portal-de-periodicosv2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/brejinho-de-nazare/panorama>. Acesso em: 08 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Convenção sobre Diversidade Biológica 2. Biodiversidade**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/textoconvenoportugus.pdf>.

CARNEY, Judith; ACEVEDO, Rosa. Plantas de la diáspora africana en la agricultura del Brasil. **Transversos**: Revista de História, Rio de Janeiro, v. 10, n. 01, p. 9-34, ago. 2017.  
CHAGAS, M. Casas e portas da memória e do patrimônio. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2980>. Acesso em: 26 out. 2022.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CUNHA JÚNIOR, Henrique; SOUZA, Luiza Maria de; SOUZA, Márcia Aparecida de. Quintal de Dona Luiza Souza como parte da inserção da população negra na cidade. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN**, Guarulhos, v. 12, n. 34, p. 238-259, 30, nov. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.34.p238-259>. Acesso em: 18 jul.2022.

DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 83-101, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/3331/957>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsychSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FREITAS, A. V. L. *et al.* Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 4, p. 845–856, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.

FUNES, E. A. Nasci nas matas nunca tive senhor - histórias e memórias dos mocambos do baixo Amazonas. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, 6, n. 1, p. 137-142, 12/30 2006.

GUARIM NETO, Germano; CAMPOS, Eini Tavares de. A flora de quintais de residências da área Central de Sinop, Mato Grosso, Brasil. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

HOOKS, Bell. Essencialismo e experiência. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Wf Martins, 2013. p. 105-125. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o\\_2020.1/hooks\\_Ensinando\\_a\\_transgredir.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_Ensinando_a_transgredir.pdf). Acesso em: 09 fev. 2023.

MÄDER, Bruno Jardini (org.). **Caderno de psicologia e relações étnico-raciais: diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo**. Curitiba: CRP-PR, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf). Acesso em: 10 ago. 2022.

NEHME, Marcelo *et al.* **Hortas e quintais como patrimônio cultural para conservação de patrimônio ambiental**. In: Congresso Nacional do Meio Ambiente. Poços de Calda. Anais ISS online. Poços de Caldas: Poços de Caldas Mg: Gsc Eventos Especiais Ltda, 2020. p. 1-5.

OAKLEY, Emily. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**: Agriculturas, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 37-39, nov. 2004. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%C3%A9sticos-uma-responsabilidade-cultural.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2023.

PAIXÃO, Gabriella Marques Leite. **Memórias resistentes nos quintais Quilombolas de Pilar do Sul**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Universidade Federal São Carlos, Sorocaba, 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, jun. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882006000100007>. Acesso em: 26 jul.2022.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de**

**História**, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11215/8223>. Acesso em: 1 maio 2023.

RANIERI, Guilherme Reis; ZANIRATO, Silvia Helena. Conhecimento etnobotânico como patrimônio: os quintais urbanos nas pequenas cidades do vale histórico paulista. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 49, p. 183-199, 30 dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v49i0.58220>. Acesso em 26 jul. 2022.

REIS, Wanderlene Cardozo F. O quintal e suas múltiplas funções na configuração urbana. In: **7º Seminário Internacional Dinâmica Territorial E Desenvolvimento Socioambiental: "Terras Em Transe"**, 2015, Salvador. Seminário. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2015. p. 1-17. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2536/o-quintal-e-suas-m-ltiplas-fun-es-na-configura-o-urbana-wanderlene-cardozo-ferreira-reis.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ROSSETTO, Gislaíne A. R. da Silva *et al.* Desafios dos estudos “estado da arte”: estratégias de pesquisa na pós-graduação. **Educação: Saberes e Práticas**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/issue/view/38>. Acesso em: 31 jun. 2022.

SANTOS, Edvaldo Amaro dos; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 71, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/YW9SkvGYtD8jLwflLGbyptnL/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos *et al.* Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S.L.], v. 8, n. 17, p. 202-220, 1 out. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33361/rpq.2020.v.8.n.17.215>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SILVA, Yan Victor Leal *et al.* Memórias e saberes nos quintais urbanos de Ibitaré/MG. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

SILVA, Sueli de Castro. **Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade Quilombola Itaboca, Município de Inhangapi, Estado do Pará**. 2019. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Antrópicos na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

SOARES, M. DE S. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 8, n. 2, p. 407-438, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/8cGzQCzwxFpZb5wffVCsw9p/#ModalHowcite>. Acesso em: 01 jul. 2022.

STROLIGO, Conrado Chermut. **Policultura no município de Nova Friburgo, RJ**: processo de evolução e relações sociedade-natureza. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TROTTA, Juliana et al. **Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil**. Revista de Estudos Ambientais, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 17-34, nov. 2012. ISSN 1983-1501. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/rea/article/view/2854>>. Acesso em: 26 julh. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1983-1501.2012v14n3p17-34>

### **3 BREJINHO DE NAZARÉ/TO E SEUS QUINTAIS: ESPAÇO DE TROCAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS POPULAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS**

#### **Resumo**

O quintal é considerado a forma mais antiga de manejo da terra. A literatura indica que as primeiras práticas foram intuídas e atribuídas às mulheres. A elas ficavam incumbidas as atividades de cultivo e manejo de terras, enquanto os homens se dedicavam às atividades de pesca. Foram as mulheres que, na diáspora africana trouxeram às terras brasileiras os conhecimentos, as ervas e as sementes para a dispensação. As experiências com o trato nos quintais estão inscritas no corpo, na memória e na história dessas mulheres. Esses espaços são campos de troca, de aprendizagem, de liberdade e de resistência – de saberes e poderes. Nesse sentido, este artigo tem como proposta descrever as práticas socioambientais e culturais mobilizadas por proprietários de quintais urbanos afro-brasileiros residentes no município de Brejinho de Nazaré/TO. As entrevistas foram aplicadas com cinco cuidadores de quintais e as narrativas apresentaram discussões como: formas de cultivo, redes de relacionamento, práticas de manejo sustentáveis, história de ocupação – configurando esse espaço com múltiplos usos – culturais e ambientais. Dentre os benefícios citados ao se manter um quintal, destacam-se: a melhoria na qualidade de vida e a segurança alimentar. A coleta de dados teve como objetivo o registro dos saberes ecológicos dos moradores e a sociobiodiversidade dos quintais. Para tanto, optou-se como metodologia de coleta de dados, a história oral de Portelli (2012).

**Palavras-chave:** Quintais. Patrimônio ambiental e afro-brasileiro. História das Mulheres.

#### **Abstract**

The backyard is considered the oldest form of land management. The literature indicates that the first practices were intuited and attributed to women. Women were responsible for farming and land management, while the men were dedicated to fishing activities. It was the women who, in the African diaspora, brought knowledge, herbs and seeds to Brazilian lands for dispensation. The experiences with the treatment in backyards are inscribed in the body, memory and history of these women. These spaces are fields of exchange, learning, freedom and resistance – of knowledge and power. In this sense, this article proposes to describe the socio-environmental and cultural practices mobilized by Afro-Brazilian urban backyard owners residing in the municipality of Brejinho de Nazaré/TO. The interviews were applied with five backyard caretakers and the narratives presented discussions such as: forms of cultivation, relationship networks, sustainable management practices, history of occupation - configuring this space with multiple uses - cultural and environmental. Among the benefits cited in maintaining a backyard are: improvement in quality of life, food security. Data collection aimed to record the residents' ecological knowledge and the socio-biodiversity of the backyards. For this purpose, the oral history of Portelli (2012) was chosen as the data collection methodology.

**Key words:** Backyards. Environmental and Afro-Brazilian heritage. Women's History

## Introdução

A literatura indica os quintais como uma das formas mais antigas do manejo da terra, fato que, por si só, os indicam como objetos de estudos da sustentabilidade. No entanto, ainda que esse sistema de produção de diferentes espécies de plantio tenha provido e assegurado o sustento de muitas comunidades, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto (Amaral; Guarim Neto, 2008).

As discussões indicam o quintal enquanto espaço de aprendizagem, de resistência, e de transmissão de conhecimentos, assim como cita Fernandes (2002, p. 95) ao explicitar que “[...] a rua, o quintal, a casa são encarados como locais informais de educação, pelas possibilidades de congregar pessoas de diversas gerações, de troca de experiências, de aprendizagem de conteúdos socioculturais, nem sempre intencionais”.

Considerado um local ocupado majoritariamente por mulheres, os quintais abrangem dimensões ambientais e culturais que esse grupo é capaz de fomentar. Ainda que consideradas como apoiadoras nos tratos dos quintais, são as mulheres as principais responsáveis por manter e cultivar as tradições desses espaços. São elas que mobilizam cooperação, compartilhamento de informações e fluxo de sementes, fundamentais para a diversidade genética (Almada; Souza, 2017). A presença das mulheres no quintal é entendida como fonte de enriquecimento e de sobrevivência dos saberes tradicionais, uma vez que são as responsáveis pelo repasse das receitas, pela forma de manejo e o cuidado com as plantações e suas derivações.

É válido, ainda, destacar a importância das mulheres quanto à preservação da biodiversidade: na sociabilidade na troca das plantas, nas tradições e nos costumes. Essas práticas, provenientes das experiências rurais, perpassam a configuração dos grandes centros urbanos e se mantêm vivas nos quintais e na tradição de algumas famílias – possibilitando novas territorialidades. Conforme descrevem os autores Silva et al. (2017), a natureza do quintal, produzida e configurada pelas pessoas, remete à verdadeira exterioridade do mundo rural, que, por sua vez, ecoa no tecido urbano. Nesse viés, “[...] os quintais, enquanto resultado de um tempo vivido, de migrações de plantas e de saberes, proporcionam pensar a cidade e reconstruir sua história ambiental” (Silva et al., 2017, p. 33).

Nessa linha de pensamento, este artigo se pautou no interesse em discutir os quintais urbanos afro-brasileiros do município de Brejinho de Nazaré/TO. O município está localizado na região central do Estado do Tocantins, a 115 km da capital do Estado, em Palmas cuja ocupação territorial é de aproximadamente 1.722 km<sup>2</sup>, com população estimada em 5.540, destes, 1.018 autodeclaradas pretas.

Em face disso, neste trabalho, serão apresentadas as histórias de cinco moradores do município tocantinense, Brejinho de Nazaré, que possuem quintal nas suas residências e são os principais cuidadores do espaço. A coleta de dados teve como foco o registro dos saberes socioambientais e culturais mobilizados nos quintais e, ainda, a discussão da presença e da importância da mulher nos espaços dos quintais urbanos afro-brasileiros, a biodiversidades dos quintais brasileiros, os conhecimentos que circulam entre as gerações e as relações estabelecidas entre e nesses espaços.

Para tanto, a coleta de dados foi orientada pela metodologia oral, do estudioso Portelli (1997). As narrativas foram gravadas e transcritas e, em seguida analisadas à luz da(s) bibliografias pertinentes. Assim, a partir das histórias de vida contadas pelos entrevistados, foram registrados fatores como: formas de cultivo, história do quintal, rede de relacionamentos, plantas cultivadas, produção e transmissão de saberes, além de um conjunto de informações que sinalizaram esses quintais como quintais afro-brasileiros e seus múltiplos usos ambientais e culturais.

O artigo está organizado em cinco capítulos, de modo que essa introdução é o primeiro deles. O segundo capítulo tem o objetivo de contextualizar o leitor sobre o município onde a pesquisa foi aplicada, os dados dizem respeito à historiografia do município, à população residente e ao meio ambiente. Já o terceiro capítulo descreve a metodologia abordada na pesquisa; no capítulo quatro são descritos os dados levantados e analisados para a pesquisa e, por fim, no capítulo cinco são explicitadas as considerações finais, que expõem as nossas reflexões acerca dos achados da investigação.

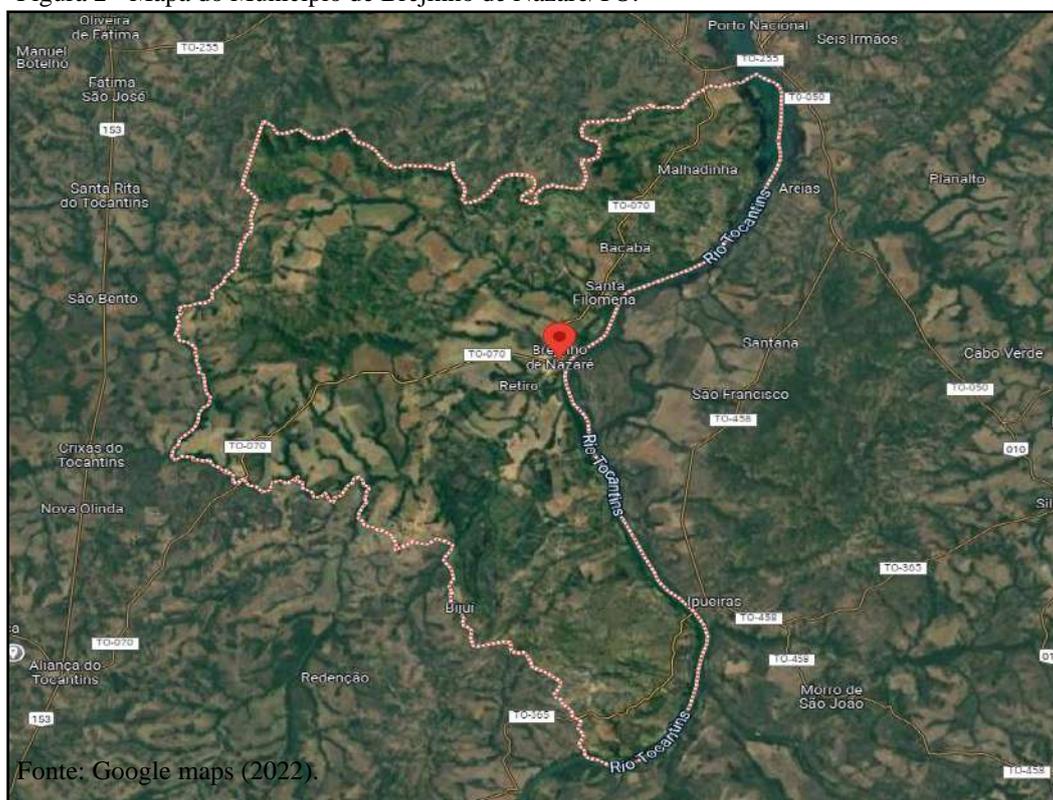
## 2 Brejinho de Nazaré/TO: delimitação do espaço da investigação

Brejinho de Nazaré, local desta pesquisa, passou por um processo de ocupação em meados do século XIX. A vinda do Francisco Perna, do estado do Maranhão, deu início à organização do pequeno município, hoje (2023) com 63 anos de história. Perna fixou moradia nas terras em uma fazenda à margem do córrego de Brejinho, a vinda de novos moradores se deu a partir do casamento de sua filha, Remina Perna, com Joaquim Aires, que herdou as terras do sogro como pagamento do dote matrimonial. O título Brejinho de Nazaré faz referência à sua localização, próximo ao córrego Brejinho e à santa Nossa Senhora de Nazaré, trazida para o município e que se tornou a padroeira da cidade. A formalização da formação do município se deu no ano de 1927, quando Adelina Fernandes Aires vendeu parte de suas terras para a

Prefeitura de Porto Nacional/TO, para formação do patrimônio municipal. Em 27 de setembro do mesmo ano, o povoado foi eleito à categoria de Distrito, com título recebido no ano seguinte. Em 1959, Brejinho de Nazaré/TO foi considerado, a partir da lei do Estado de Goiás n.º 2.124, município (Regionais, 2017).

A cidade de Brejinho de Nazaré está localizada na região central do Estado do Tocantins, situa-se a 115 km da capital, Palmas, demarcada pelos municípios de Aliança do Tocantins, Porto Nacional, Fátima, Cristalândia, Santa Rita do Tocantins, Crixás do Tocantins, Gurupi, Ipueiras e São Valério da Natividade (figura 2). À margem esquerda do município tem o curso do rio Tocantins, rio de grande imponência para o Estado e para o país (Barros, 2006), à margem direita está o córrego Brejinho, que explica a origem do nome do município (MARQUES, 2014).

Figura 2 - Mapa do Município de Brejinho de Nazaré/TO.



A economia da cidade está pautada nas atividades agropecuárias, na piscicultura, no comércio e na indústria de cerâmica, cujos setores ofertam maiores oportunidades de empregos. As demais ocupações são ofertadas nos órgãos públicos, quais sejam: estadual e municipal (Marques, 2014). A média salarial mensal dos trabalhadores formais no ano de 2020 foi de 2,2 salários-mínimos (IBGE, 2021).

O município tem uma ocupação territorial de aproximadamente 1.722,50 km<sup>2</sup>, e uma população estimada em 5.185 (cinco mil, cento e oitenta e cinco), segundo os dados do censo aplicado no de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. No ano de 2021, a população estimada era de aproximadamente 5.540 (cinco mil, quinhentos e quarenta) moradores. Na classificação “População Residente, por Situação do Domicílio e Sexo”, os dados apontam um contingente de população urbana de 4.195 (quatro mil, cento e noventa e cinco) moradores, a população rural totaliza 990 (novecentos e noventa) residentes. Destes, 2.599 (dois mil, quinhentos e noventa e nove) são homens e 2.586 (duas mil, quinhentas e oitenta e seis) são mulheres, totalizando o valor publicado pelo IBGE no censo de 2010, ou seja, 5.185 (cinco mil, cento e oitenta e cinco) de moradores (IBGE, 2021). A população residente classificada por cor ou raça aponta para pessoas autodeclaradas amarelas (42), brancas (632), indígenas (7), pardas (3.487) e pretas (1.018) (IBGE, 2021).

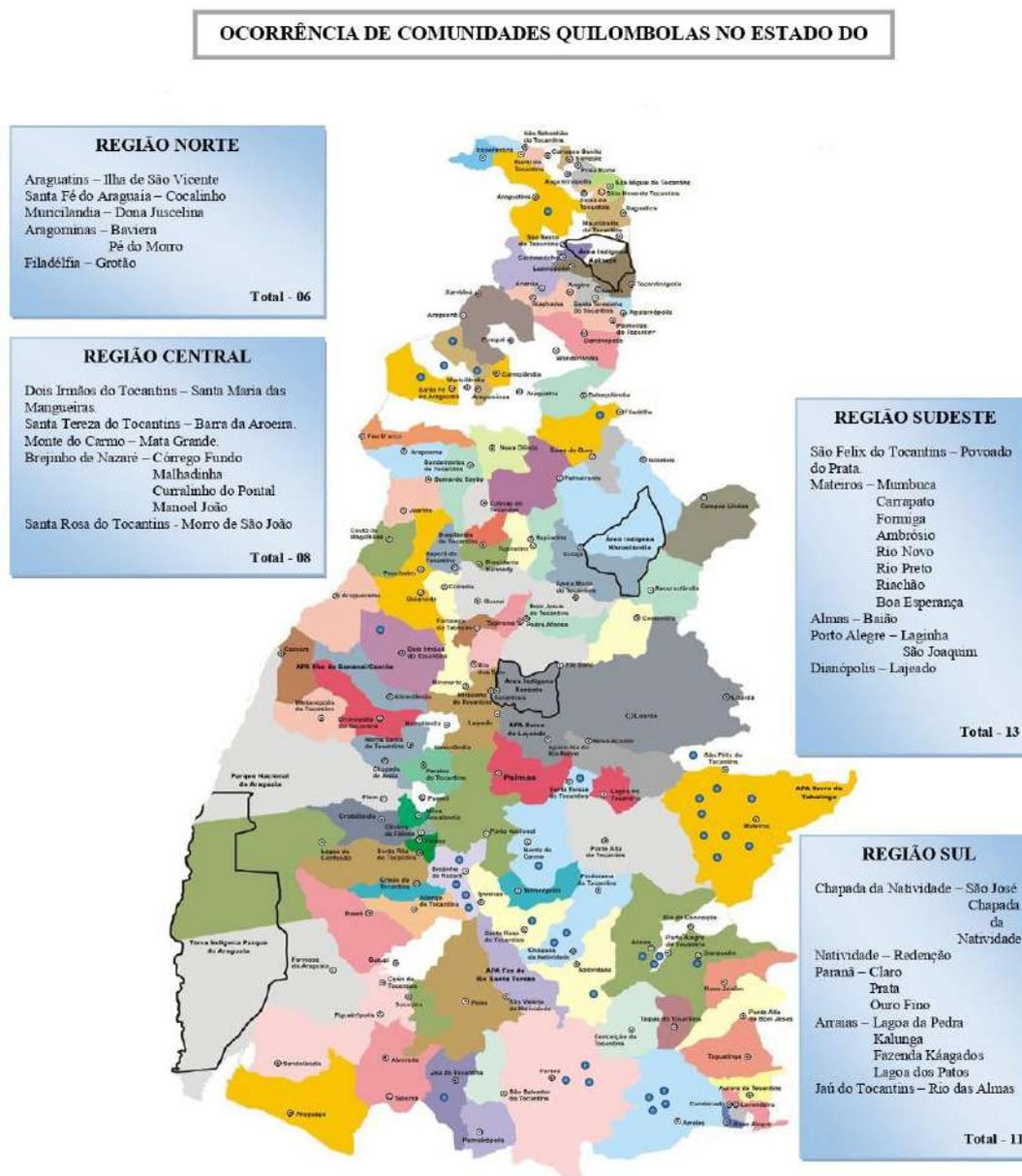
Os dados agropecuários do município indicam que as porções de terra destinadas às lavouras somam um total de 19.998 hectares, destes, 1.066 hectares são reservados à lavoura permanente, cuja terra é do tipo exclusivo para o plantio de “[...] culturas de longo ciclo vegetativo, que permitem colheitas sucessivas, sem necessidade de novo plantio, como, por exemplo, café, maçã, pera, uva, manga, laranja etc.” (IBGE EDUCA, 2021). Já a área da lavoura temporária é de aproximadamente 18.932 hectares. Esse tipo de lavoura é de uso para plantio de culturas de curta ou média duração, com ciclos vegetativos inferiores a um ano, “[...] que após a colheita necessitam de novo plantio para produzir, como, por exemplo: soja, milho, feijão etc. São incluídos nesta categoria o abacaxi, a cana-de-açúcar, a mandioca e a mamona, que apresentam ciclos de colheita muitas vezes superiores a 12 meses” (IBGE EDUCA, 2021). As matas ou florestas da região totalizam em 1.408 hectares de reservas naturais e 32.251 hectares de reservas naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal, dados referentes ao ano de 2017 (IBGE, 2021). É importante destacar que Brejinho conta com 67,6% das vias públicas arborizadas e com bioma do cerrado (IBGE, 2021).

Sobre as terras destinadas às atividades agropecuaristas, os números apontam a condição do produtor em relação às terras, a saber: 382 são considerados proprietários (as) inclusive os (as) coproprietários(as) de terras tituladas coletivamente; 12 são concessionários (as) ou assentados (as), aguardando titulação definitiva; 10 são considerados parceiros (as); dois são comodatários (as) (inclusive com termo de autorização de uso sustentável – TAUS); duas estão na condição de ocupantes (a justo título ou por simples ocupação); e 15 são produtores sem área. Destes produtores, 350 são homens, 72 mulheres e um sem descrição de gênero, e a cor ou raça descritas foram: branca (119), preta (107), amarelas (6), parda (188) e indígenas

(2). O número de estabelecimento agropecuário dirigido por produtor que recebeu orientação técnica soma 145 estabelecimentos. Os recursos usados nas terras como adubo e agrotóxicos também foram considerados nas pesquisas do IBGE, 138 proprietários indicaram o uso de adubação e 376 fizeram uso de agrotóxico, este último não é indicado (IBGE, 2021).

Além das áreas de preservação ambiental constituídas no município, a região de Brejinho de Nazaré/TO tem quatro comunidades quilombolas. Das 38 comunidades instituídas no estado do Tocantins, quatro estão localizadas em Brejinho, são estas: Córrego Fundo, Malhadinha, Currálinho do Pontal e Manoel João, todas reconhecidas e certificadas como comunidades de remanescentes de quilombos pela Fundação Cultural Palmares (Palmares, 2014). A região de Brejinho de Nazaré/TO tem destaque na distribuição dos quilombos no Estado, conforme explicitado na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Distribuição dos quilombos no estado do Tocantins.



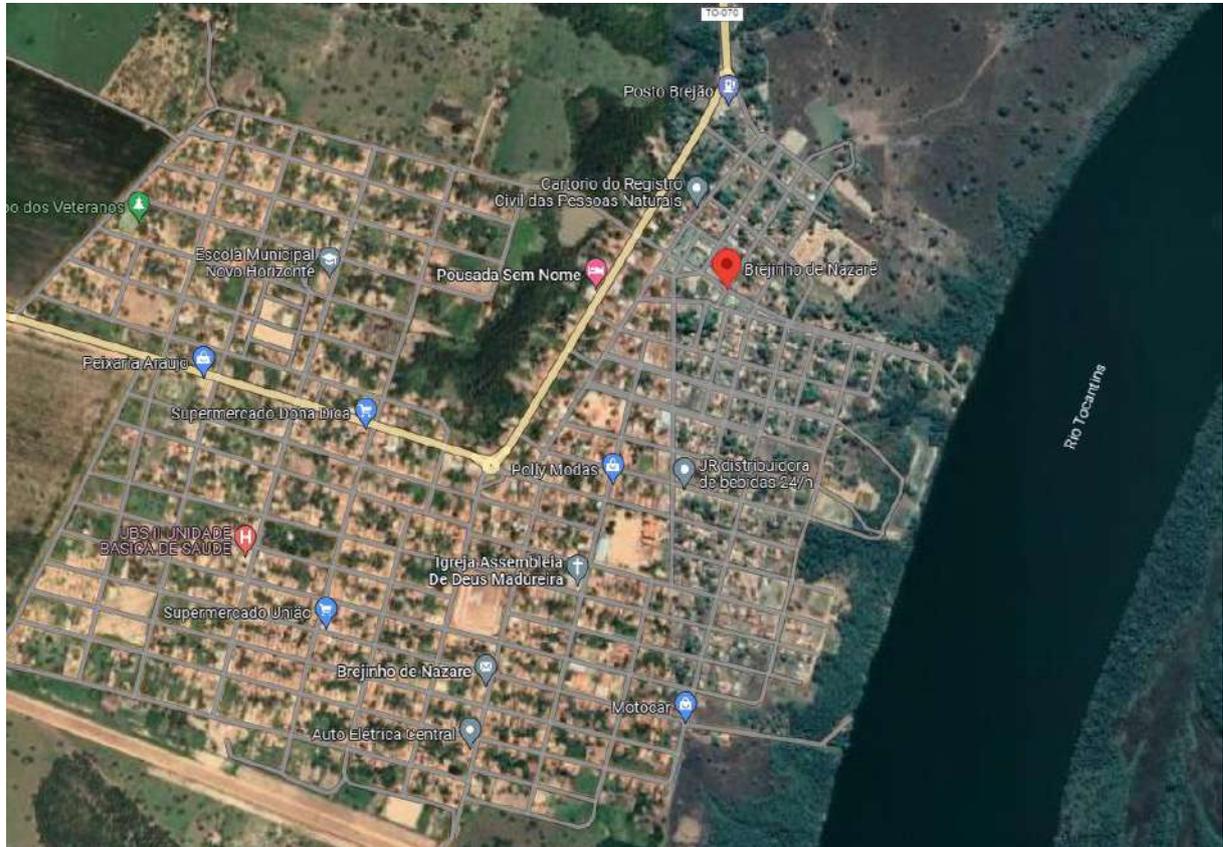
Mapa elaborado de acordo com as publicações do Diário Oficial da União. Arquivo Pessoal – Luciano Pereira.

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2023).

A religião predominante é a católica apostólica romana (3.193); seguida dos evangélicos (1.1388); sem religião (528); judaísmo (47); religião não determinada ou múltiplo pertencimento (16); outras religiões cristãs (10); e espíritas (2) (IBGE, 2021). Nessa direção, segundo Marques (2014), a religião e a cultura do município têm uma ligação importante com as comunidades remanescentes quilombolas, principalmente nas manifestações festivas da cidade como: Festejo de São Sebastião, Missa do Vaqueiro, Festejo de nossa Senhora de

Nazaré, Festejo do Divino Espírito Santo. No folclore, destacam-se diversas danças, quais sejam: a Súcia, Folias (Divino Pai Eterno, São Sebastião, e Santos Reis), Bumba meu boi, Festas Juninas e Capoeiras (Marques, 2014).

Figura 4- Imagem panorâmica do município de Brejinho de Nazaré/TO.



Fonte: Google maps (2023).

Diante disso, os quintais, objeto de nossa investigação, estão localizados na área urbana do município. Para essa escolha, não foram atribuídos critérios específicos, exceto que fizessem parte da região de Brejinho de Nazaré. As comunidades quilombolas não foram consideradas nessa pesquisa, pois, no momento da coleta de dados, o município estava com falta de combustível o que impossibilitou as visitas em locais distantes da área urbana da cidade, conforme pode ser visualizado na figura 3, já exposta anteriormente.

### 3 Percurso Metodológico

Quanto à metodologia abordada neste estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa (entrevista semiestruturada) com a participação direta no lugar em que os fenômenos são manifestados – os quintais. Essa dinâmica permite identificar a influência do contexto no cotidiano e nas narrativas. Isso porque, de acordo com Lüdke e André (1986), as pessoas, os gestos e as palavras devem ser referenciados ao contexto do qual fazem parte.

Assim, a eleição dos quintais foi a partir da manifestação de interesse por parte dos moradores locais. É pertinente abordar que Brejinho de Nazaré/TO ainda mantém a cultura de cidade pequena, da boa vizinhança, de modo que as pequenas movimentações nos seus arredores são conhecidas por todos ou por quase todos os seus moradores.

Destarte, a chegada da pesquisadora na cidade foi logo sabida. A curiosidade momentânea favoreceu levantar pessoas que tinham quintal e que poderiam se interessar pela proposta deste estudo. De tal maneira, a cada participante, uma nova pessoa era indicada e logo o contingente necessário para a pesquisa foi alcançado. Trabalhou-se, portanto, com o critério de um participante do estudo indicar o outro.

No total, foram indicadas doze pessoas, permaneceram na pesquisa 6 moradores. Entretanto, neste estudo, serão apresentadas as histórias de 5 participantes. A exclusão de participantes se deu por conta dos objetivos desta pesquisa e pelo fato de o colaborador não se sentir à vontade para ser entrevistado(a), tal escolha foi respeitada.

Em face do nosso objeto de investigação, os critérios para a participação na investigação eram: ser morador residente do município de Brejinho de Nazaré/TO; possuir um quintal e ser o responsável direto pelas atividades desenvolvidas nesse espaço; se autodeclarar negro (a); ter idade igual ou superior a 18 anos de idade no momento da pesquisa; e estar de acordo com os termos dispostos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com base nisso, fizeram parte deste estudo os voluntários que atenderam a esses critérios de inclusão.

A partir das diretrizes do Portelli (1997) é que as narrativas foram direcionadas, apoiadas por perguntas norteadoras dispostas no roteiro das entrevistas (apêndice c). Para o autor, todos os autores corroboram o fato de que os historiadores orais assumem a responsabilidade de não apenas obedecerem às normas confiáveis quando reúnem um apanhado de informações, como também respeitá-las, quando constroem suas conclusões e afirmações – independentemente se aquelas correspondem ou não aos seus desejos e às suas expectativas (Portelli, 1997). Nesse sentido, pautando-nos nos preceitos éticos da pesquisa, todas as falas foram gravadas mediante consentimento dos participantes, os quais assinaram o TCLE.

Enfatizamos, ainda, que para garantir o sigilo da identidade dos participantes, todos os nomes citados na pesquisa são fictícios. Além das narrativas, foram feitas fotografias dos quintais, com o intuito de contextualizar o leitor acerca dos espaços estudados, tais imagens foram feitas mediante a autorização dos participantes. O período de coleta de dados ocorreu entre os dias 15/03/22 e 19/03/22.

Em nosso estudo, foram entrevistados quatro mulheres e um homem, todos residentes do município de Brejinho de Nazaré/TO, com idade média de 61 anos. Destes, três são naturais do município e os demais são nascidos no município vizinho, Porto Nacional/TO. Quanto à escolaridade dos participantes, dois possuem ensino superior completo e três têm ensino fundamental incompleto. As ocupações profissionais são: dois lavradores, um aposentado, uma professora e uma técnica de enfermagem, conforme quadro (2) detalhado.

**Quadro 1** - Perfil dos participantes do estudo.

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Ocupação profissional</b>
Milton	52 anos	Masculino	Brejinho de Nazaré/TO	Ensino fundamental incompleto	Lavrador
Carolina	65 anos	Feminino	Brejinho de Nazaré/TO	Ensino fundamental incompleto	Aposentada
Elza	64 anos	Feminino	Brejinho de Nazaré/TO	Ensino Superior completo	Professora aposentada e técnica de enfermagem
Conceição	59 anos	Feminino	Porto Nacional/TO	Ensino superior completo	Professora
Lelia	67 anos	Feminino	Porto Nacional/TO	Ensino fundamental incompleto	Lavradora

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2022).

Com base na abordagem em que nos apoiamos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), o tratamento dos dados coletados foi realizado a partir de uma análise qualitativa no intuito de compreender quais as percepções dos entrevistados sobre usos, as práticas e os saberes atribuídos aos seus quintais, bem como verificar os valores e as relações estabelecidas entre os sujeitos/atores e seus quintais.

Conforme aponta Funes (2006), trabalhar com fontes orais, sejam elas entrevistas, canções, história de vida, é um desafio que não assusta aqueles que percebem a sua importância, não apenas com o objetivo de tomar conhecimento sobre uma sociedade/comunidade, mas o

que pode ser construído a partir delas para o (re)conhecimento do processo histórico. É válido ressaltar a importância do regaste das memórias no processo de construção das falas, esse elemento foi fundamental para o entendimento da subjetividade<sup>1</sup> das histórias, uma vez que, ainda que as experiências citadas se assemelhem, os detalhes intrínsecos dos sujeitos são o que os diferenciam e os conferem uma história única. Nessa mesma direção, para Sá (2007), as recordações não se restringem às experiências vividas, mas se configuram como em uma construção que se faz a partir da realidade presente e com o apoio de recursos possibilitados pelo processo sociocultural.

---

<sup>1</sup> Por subjetividade entende-se o processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente ao indivíduo de modo singular. É o processo básico que possibilita a construção do psiquismo.

#### 4 Pelos quintais de Brejinho de Nazaré/TO

*“Minha vida aqui mais é plantar os meus trems,  
criar as minhas galinhas e só”.*

*(Lélia, 2022).*

**Figura 5** - Parte do quintal da senhora Lélia.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Conforme a epígrafe, é assim que Lélia, 67 anos, descreve a vida que leva na casa retirada do espaço urbano do município de Brejinho. No decorrer da conversa, Lélia se orgulhava constantemente do seu espaço, não só do local demarcado das suas terras, mas do ambiente em que ela se abriga e se coloca. Nas suas falas, é possível compreender o quão pertencente ela se faz naquele lugar.

Vinda de família grande, com 15 irmãos, ela teve a experiência de conviver no quintal desde a infância. A vivência com chás medicinais, “do mato”, foi herdada da mãe que, segundo ela, teve todos os seus partos e recuperações asseguradas nas plantações que tinham em casa:

*Eu nasci e me criei no mato, na fazenda. Minha mãe teve 16 filhos, ganhou todos em casa, bebendo chá do mato e dando chá do mato para nós. Chá de vassourinha para aliviar a dor de barriga. Aí aprendi (Lélia, 2022).*

As experiências com a mãe e as necessidades cotidianas suscitaram em Lélia o desejo em manter vivo os conhecimentos sobre as plantações. Diferente da mãe, Lélia teve poucos filhos e quis ocupar as horas do dia com as suas plantas. Ela relata: “*Eu tive poucos filhos e aí senti necessidade de ter um ser vivo para conversar, ajudar, a colher. Eu quase não saía, estudar também não. Eu tive oportunidade de estudar, mas não fui, fui plantar minhas plantinhas, cuidar e conversar com elas*” (Lélia, 2022).

Essa transmissão de conhecimento, demarcado pela presença constante da mulher enquanto provedora desse saber, foi citada por quase todos os entrevistados. O senhor Milton (2022) lembra que os cuidados com o seu quintal, em sua maioria, foram aprendidos com a avó, negra, quilombola e detentora de muito conhecimento sobre plantações. Elza (2022) reconhece a herança familiar desses conhecimentos e como a vivência com o plantio lhe suscitou o gosto pelo quintal: “*Talvez seja herança da minha família mesmo, porque como eu sempre morei na roça, a gente querendo ou não aprende a plantar e a gostar do cultivo*” (Elza, 2022). Quando questionada sobre com quem aprendeu os conhecimentos que aplica em seu quintal, Carolina (2022) foi objetiva:

*Com minha mãe, meu padrasto. A minha mãe era de roça, mexia com roça e plantava as coisas ao redor da casa. A vida dela era ir para roça. Quando ela chegava em casa ia fazer os afazeres da casa. Meu padrasto também era de roça e gostava de fazer bolinho, ele era bom em fazer bolo, tecer pano, ele era muito bom. Gostava de fazer um bolinho, biscoito, pipoca (Carolina, 2022).*

Os estudos antropológicos e arqueológicos citam que as primeiras práticas da agricultura foram atribuídas às mulheres. As atividades de pesca e caça eram de responsabilidade dos homens, já a coleta, o cultivo e o manejo dos alimentos ficavam incumbidos às mulheres. Essas experiências práticas e de observação enriqueceram os conhecimentos das mulheres quanto ao cultivo, a semeadura e a germinação dos vegetais, das flores e dos frutos (Von Koss, 2000).

Na diáspora, as mulheres negras vindas na condição de escravizadas para o Brasil e que tinham experiências rurais, eram colocadas para trabalhar nas plantações de café ou cana-de-açúcar (Motta, 2020). Essas mulheres sabiam como cultivar sementes crioulas que poderiam

ser plantadas para incrementar a alimentação escassa, tinham conhecimento do solo, sabiam aproveitar ao máximo os alimentos, além disso “[...] conseguiam produzir em pequenos espaços uma diversidade considerável de alimentos, armazenavam as sementes para esperar o melhor momento para o cultivo, as sementes eram bens valorizados, perdê-las não era algo aceitável” (Motta, 2020, p. 4).

Ainda no período colonial, os quintais se tornaram espaços importantes nas residências brasileiras, destinados ao abastecimento, ao convívio e às tarefas domésticas. Afastados dos olhares da rua, ainda que cercados por muros baixos, os quintais se configuravam enquanto espaço privado, frequentado principalmente pelas mulheres, em um contexto de uma sociedade patriarcal que dedicava a elas a reserva e a invisibilidade (Almada; Souza, 2017).

A presença das mulheres nos quintais ainda é marcante. Em diferentes culturas, são as mulheres as responsáveis pelo desenvolvimento e a manutenção dos quintais com atividades de preparação da terra, limpeza, colheita e armazenamento das sementes (Oakley, 2004). Tais vivências, citadas pela autora, garantiram às mulheres conhecimentos aprofundados sobre a botânica e a biodiversidade. Segundo Silva et al. (2021), nos quintais das mulheres, muitas sementes foram testadas, diversas espécies experimentadas antes de serem produzidos em grandes escalas nas propriedades (Silva, et al., 2021). Nesse contexto, as trocas de sementes e das mudas favorece o enriquecimento da diversidade das espécies vistas nos diferentes quintais, como é ressaltado na entrevista por Elza:

*Uma colega da minha filha sabe que eu gosto de plantar e sempre me manda mudas – a pitaya foi ela quem me deu. O ora-pro-nóbis diferente que eu tenho, ela trouxe do Piauí para mim, porque eu não tinha dessa espécie. Eu ganho bastante mudas, e dou muitas também. Eu vou trabalhar em Porto e as meninas pedem, eu vou com uma sacolada de mudas (Elza, 2021).*

Em sua obra intitulada “Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural”, Oakley (2004) cita as mulheres como provedoras de um ativo conhecimento sobre o sistema agrícola, com diversos métodos de trabalho. Promovem entre si cooperação, troca de informações e fluxo de sementes, essenciais para a diversidade genética dos quintais. Nesse sentido, os quintais se configuram como ricos espaços da agrobiodiversidade, pertencentes a uma tradição cultural que se mantém ativa e é transmitida, principalmente pelas mulheres.

Essas dinâmicas, permitem apreciar o quintal não somente como uma extensão da casa ou do terreno, mas como um espaço do cotidiano social, de trocas, de circulação de saberes e prazeres. É comum que as mulheres troquem entre si conhecimentos de determinadas plantas, sementes, mudas e produtos que cultivam nos seus quintais, o que se configura um verdadeiro intercâmbio cultural, conforme experiências descritas pelas entrevistadas: “[...] eu sempre dou

*para alguém que me pede e que não tenha aquela planta. Às vezes, os vizinhos têm, mas os que vêm de longe e não têm aquela determinada planta, eu dou” (Carolina, 2022). “Às vezes eu troco com as minhas amigas, senão eu compro. Quando a gente tem carinho (por plantas), dom para cuidar – o dinheiro vai todo nas abóboras (risos)” (Conceição, 2022).*

Esses conhecimentos ainda são mantidos, transmitidos e circulados, na maioria das vezes, por mulheres. A partilha desses saberes é refletida não somente na oralidade entre mãe e filha, mas nas diversas práticas que essas mulheres mantêm com os seus pares e com a comunidade. Os vizinhos sabem a quem recorrer quando estão enfermos e querem ser “medicados” com chás, garrafadas e tantas outras receitas feitas das plantas medicinais dos quintais. Conforme Silva et al. (2021), o ato de as mulheres fazerem uso destas plantas está diretamente ligado ao processo de cuidado, à sua ancestralidade e identidade, de modo que, assim, cultivam essas plantações nesses espaços demarcados pelos seus corpos, pelas suas vivências, pelos seus conhecimentos e saberes. Essa concepção pode ser vista na narrativa da Lélia: *“Esses dias o meu irmão, por parte de pai, estava com coceira. Diz que ele já tinha tomado um tanto de remédio, passado pelo médico e aí eu falei: “eu vou fazer uma garrafada pra você!”. E eu fiz ontem e ele disse que está bem melhor” (Lélia, 2022).*

O saber fazer a partir de experiências cotidianas no contexto cultural é rico, não só por ser capaz de ser transmitida entre as gerações, conforme destaca Elza (2022): *“isso é hereditário, né? Vem passando de lá pra cá”*. Mas, por favorecer a conservação com técnicas de uso sustentável da agrobiodiversidade, além de promover práticas culturais de relacionamento respeitoso com o meio ambiente (Cruz, 2010).

Esse conhecimento traduzido nas práticas as quais se refere Lélia (2022) é citada por Silva et al. (2021), quando afirmam que as mulheres são detentoras de um rico conhecimento do manejo da fauna e da flora, no cultivo de espécies vegetais e plantas medicinais. Esses saberes lhes permitem a experimentação de diferentes receitas e formas de uso que se revertem na produção de alimentos e cuidados com a saúde das suas famílias, vizinhos, comunidade e nos territórios que vivem e reproduzem seus modos de viver e existir. Esses saberes são provenientes da necessidade, da observação da natureza, da curiosidade e da aprendizagem com os mais experientes (Cruz, 2010).

Carolina (2022) comenta que a filha começou a pegar gosto pelas plantações após vê-la cuidando do quintal, assim como aprendeu com a sua mãe. Ela cita que “hoje em dia” as pessoas não têm mais interesse por essas atividades e que, normalmente, pegam remédios prontos: *“Eu que ensinei minha filha, ela sempre me via trabalhando no quintal. Agora que tem a casa dela, e tem suas próprias plantas. E eu aprendi com a minha mãe. Ela sempre coloca a*

*gente para fazer. Hoje em dia as pessoas não gostam, é muito difícil quem goste”* (Carolina, 2022).

Essas vivências são construções compartilhadas que atravessam os quintais e que enriquecem as experiências agroecológicas no Brasil e, por isso, têm estimado valor quanto ao saber das comunidades (SILVA et al., 2021). Narrar as experiências dessas mulheres é colocá-las como protagonistas das suas histórias e valorar esses conhecimentos que, por vezes, ficam apenas nos espaços dos seus quintais. Muitos dos saberes das mulheres são postos em desvalorização, contudo, a contribuição delas para o desenvolvimento e a conservação da biodiversidade tem ganhado notoriedade enquanto trabalho também (SILVA et al., 2021).

A esse respeito, Shiva (1998) salienta que a riqueza dos saberes, das vivências, e do manejo das mulheres que se perpetua entre as gerações foi o que permitiu ter essa leitura da soberania das mulheres nas atividades da agricultura, da conservação e da biodiversidade. A produção desse conhecimento pode ter sido estruturada a partir das suas vivências, seja no corpo, nas histórias, nas memórias, nas práticas ou nas relações sociais estabelecidas. O saber está inscrito na cultura, no dia a dia, nas histórias de vida, na subjetividade dos sujeitos, nos corpos, nas almas, nos sentidos e nas formas de pensar (Silva et al., 2021).

A partir desses saberes é que as práticas culturais são estabelecidas. Nas narrativas, é possível destacar as ações sustentáveis e de cuidado com a natureza as quais citam os autores. Todos os entrevistados explicaram que aproveitam os insumos das plantações como adubo para melhorarem a terra. Além disso, dispensam o uso de tecnologias duras e a utilização de agrotóxicos para ter o melhor aproveitamento do plantio. Vejamos o exemplo de Elza (2022): *“Geralmente eu pego o esterco do gado e a cama das galinhas que crio. Aí junto o esterco, a cama e as folhas do quintal e jogo lá no galinheiro. Essa mistura vai se transformando em húmus. Então pego a terra do quintal, o esterco do gado e o da galinha, que são ótimos”*.

Lélia (2022) organizou o seu quintal em porções de terra destinadas às plantações, aos animais de criação e ao galinheiro. Além das criações, tem um espaço dedicado à produção de banha artesanal (feita com vísceras de vacas). Esse mesmo espaço serve como depósito dos diversos materiais que são usados no quintal, possui, ainda, uma pequena construção com uma pia, que usa para lavar os peixes e um poço artesiano usado, basicamente, para todas as necessidades, conforme ela mesma cita. Para melhoria do solo descreve:

*Eu tenho esterco de galinha [...] eu molho várias vezes o adubo de curral, quando está seco, eu coo (coar), acrescento areia, adubo de curral já preparado, adubo de galinha – que é bem forte, e coloco nas plantas. Eu também uso a água onde crio os peixes, a água com as fezes do peixe é um ótimo adubo também, por isso também uso nas plantas (Lélia, 2022).*

De acordo com Lélia (2022), a água disponível no seu poço artesiano já passou por uma verificação de acidez e tem um P.H de 7.0. Por isso, é usada para *“Tudo, tudo [...] Para banhar, para regar as plantas, para lavar roupa, para lavar os “trens”. Eu uso essa água para tudo”* (Lélia, 2022).

Diante disso, expomos, a seguir, algumas imagens que retratam os espaços descritos pela entrevistada.

Figura 6 – Poço artesiano no quintal da senhora Lélia.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 7 – Depósito do quintal da senhora Lélia.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 8 – Garrafas com banha artesanal feitas pela senhora Lélia.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

O senhor Milton também organizou o seu quintal com espaços indicados para a criação de animais; as plantas medicinais, ornamentais e alimentícias. E destinou ainda um espaço exclusivo para fazer o adubo orgânico que usa nas plantações (Figura 9). Essa configuração lhes permite um melhor aproveitamento do espaço e beneficiam as práticas sustentáveis e de

segurança ambiental, “[...] uso esterco nas minhas plantas [...] as folhas eu joga ali (cesto de lixo) e os coletores pegam, antigamente eu queimava, mas agora não pode queimar” (Milton, 2022). E, para regar as plantações, Milton aproveita a água que tem no poço localizado no centro do seu quintal: “Eu puxo de vez em quando, no verão eu puxo pra regar as plantas” (Milton, 2022), o que pode ser visualizado na Figura 10.

Figura 9 – Sacos usados para depósito de adubo orgânico do quintal do senhor Milton.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 10 – Imagem panorâmica de parte do quintal do senhor Milton<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Ressaltamos, no quintal do senhor Milton, a existência poço artesiano, no lado direito da figura.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

A mesma prática de cuidado com as plantas, que dispensa o uso de produtos químicos, é adotada pela senhora Carolina (2022): “*Eu ponho só esterco, esterco de gado. Eu abri um buraco bem largo na terra e enchi de esterco de gado, aí eu pego e planto e molho*”. O uso de adubo orgânico e a manutenção da vegetação espontânea dos quintais - sem queimadas dos descartes, mas com a roçada - são práticas que auxiliam na qualidade do solo, como também garantem a biodiversidade desses espaços (Oliveira, 2015).

Nessa perspectiva, Amaral e Guarim Neto (2008) citam os quintais como importantes agentes de princípios sustentáveis. Com o aumento dos problemas ambientais e sociais da agricultura familiar, os quintais têm atuado com práticas que visam a melhoria das condições de vida, de segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável. “Sustentabilidade esta que se revela inclusive pelo fato de ser uma prática de agricultura que resiste até hoje” (Amaral; Guarim Neto, 2008). O desenvolvimento sustentável prevê o desenvolvimento econômico, social e a conservação do meio ambiente, com o uso responsável dos recursos naturais, com vistas a promover a sustentabilidade (Sachs, 1986).

A senhora Elza tem seu quintal desde que se casou, em 1983. O espaço era pequeno quando se mudou para a casa onde reside atualmente. Com o passar dos anos e a paixão pelas plantações, sentiu a necessidade de aumentar o espaço destinado ao quintal. No momento da entrevista, ela dimensionou que o terreno onde mora tem aproximadamente seis “lotes”, sendo um espaço destinado para casa e todo o restante às plantações. No seu quintal tem diferentes espécies de plantas, além de um espaço destinado para o galinheiro. Essa configuração facilitou o manejo de tudo que tem atualmente no quintal “*aqui eu deixei para as galinhas, porque galinhas e plantas não combinam*” (Elza, 2022). Tais descrições podem ser vistas nas Figuras 11 e 12, as quais expomos na sequência.

Figura 11 – Galinheiro do quintal da senhora Elza.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 12 - área de plantio do quintal da senhora Elza.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

A experiência com a diversidade de plantas que ela tem lhe permite usar os excedentes para a produção de diferentes gêneros e aproveitá-los ao máximo, conforme explica: “*Eu tirei*

*o óleo do pequi, que é medicinal, aí eu aproveito o pequi da melhor forma possível [...] A mandioca do quintal eu transformo em farinha, puba, puba lavada”* (Elza, 2022). A farinha de puba, da qual se refere, é feita em parceria com o vizinho que permuta a sua mão de obra em troca do alimento. Essas práticas são citadas pelos autores Almeida e Milhomem (2021), quando escrevem que determinadas práticas produzidas no espaço do quintal têm reflexo na qualidade de vida dos indivíduos da comunidade, quando dispensam o uso de mecanismos de altas tecnologias, reaproveitam a produção enquanto adubo orgânico, e nas experiências da produção de alimentos.

Dentre os benefícios de se manter um quintal, é importante destacar as oportunidades de segurança e diversidade alimentar, e o incremento financeiro assegurado por essas produções. Nos quintais que são abastecidos de plantas para consumo próprio e para a criação de animais, os excedentes dessas produções, muitas vezes, são doados para a comunidade local ou vendidos, o que favorece a economia da família. Lélia é aposentada e vive com o esposo que trabalha na roça, a venda dos insumos que têm no quintal complementam a renda do casal, é o que ela menciona na entrevista:

*Ô minha amiga, eu crio peixe, eu vendo ovos, eu vendo galinha, eu tinha horta e eu vendia as plantações da horta também. E é só nós dois (marido). Essa casa aqui é sempre cheia de gente, meus filhos e amigos vêm sempre me visitar e eles nunca vêm sem trazer nada. Eles sempre trazem alguma coisa para nós. Eles trazem tanta coisa. No Natal meu filho trouxe um fardo de carne e um fardo de arroz. Para mim, isso é muito gratificante e assim a gente vai sobrevivendo, eu me sinto feliz. (Lélia, 2022).*

A seguir, apresentamos a figura 13 que expõe um dos produtos ganhados pela entrevistada.

Figura 13 - punhado de arroz que a senhora Lélia ganhou.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Além de consumir boa parte do que tem plantado no seu quintal, Elza também vende as suas criações “[...] o objetivo é vender mesmo. Nós vendemos, é só crescer um pouco. Tem uma mulher em Porto que vem e leva” (Elza, 2022). Ainda que tenha vontade de consumir cem por cento do seu quintal, alguns mantimentos ainda são comprados no mercado “*Eu queria pegar tudo daqui, mas infelizmente não consigo*” (Elza, 2022). Já a realidade da Carolina é diferente, tudo que cultiva no seu quintal é usado para consumo próprio: “*Eu não compro no supermercado. A gente tira um cacho de banana, aí eu tiro para minha filha [...] Óh aqui o quiabo, eu não compro quiabo. Eu planto aqui no quintal, aí quando vai acabando, já vai nascendo outros*” (Carolina, 2022). De acordo com o que foi mencionado pela entrevistada, apresentamos a figura:

Figura 14 - Quiabo do quintal da senhora Carolina.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Para Corette-Pasa (2011), entre os benefícios em manter um quintal produtivo, estão o favorecimento à economia local, a baixa dependência de produtos adquiridos externamente, uma vez que os quintais são aptos para fornecer produtos para uso local. Além disso, as práticas sustentáveis com impactos mínimos sobre ambiente resultam em benefícios hidrológicos e modificações microclimáticas. Nessa perspectiva, enfatizamos que os quintais ainda são fundamentais para a conservação de recursos vegetais e a diversidade cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais, promovendo diferentes atividades, quais sejam: trabalho, encontros, festas, rezas e cerimônias.

A mesma prática de consumo dos insumos dos quintais se dá também no uso das plantas medicinais. Assim, é comum ouvir nas falas de quem cultiva essas ervas que quando estão doentes dispensam o uso de remédios “convencionais” para usarem as plantas que possuem nos seus quintais. A finalidade para cada espécie é facilmente descrita por quem tem experiência com os “remédios do mato”:

*Usa, usa os remédios daqui. Ah minha filha, eu se não fosse os remédios daqui, acho que eu já tinha até morrido da diabetes. Eu nem tenho diabetes mais, eu fiz o exame e o médico disse que eu não tenho. Olha, eu faço chá de três em três dias, na jarra grande. Casca da laranja: você a descasca e bota para secar. Não vou lembrar os nomes dos trens tudinho, eu sei que eu boto umas sete qualidades de folha de remédio, fervo e vou bebendo todo dia. Eu tenho ervas medicinais: erva cidreira, o mastruço, eu tenho um bocadinho de planta. (Lélia, 2022).*

Além de fazer os chás para consumo próprio, Lélia ensina quem precisa e quer curar as enfermidades com os chás medicinais: “E eu ensino o povo a usar coisa caseira. Remédio caseiro, amargo. E eu tenho um monte de coisa aí [...] eu tinha uma tia muito cheia de remédio,

*ela é muito inventeira, sabe?”* (Lélia, 2022). E foi com a tia “*inventeira*” que Lélia aprendeu e ainda mantém seus conhecimentos vivos. Para Meyer (2017), o quintal se configura como uma verdadeira botica, onde mães e avós, com grande sapiência e intimidade, manipulam chás medicinais e hortaliças colhidas na hora.

Nesse sentido, o quintal ocupa um papel sagrado como provedor de ervas que têm poder de cura, por meio dos alimentos, chás, rezas e benzimentos. Esse conhecimento específico sobre o uso das plantas é resultado das diferentes influências culturais estabelecidas no país, como a dos colonizadores, indígenas e africanos. Inúmeras plantas utilizadas na medicina popular foram introduzidas no início da colonização do Brasil (Pimenta, 2003). Não só as plantas medicinais estiveram envolvidas nesse intercâmbio de plantas vindas de outros continentes, mas também muitas hortaliças (Almeida; Albuquerque, 2002).

É válido ressaltar aqui a importância das ervas medicinais trazidas ao Brasil no decorrer da diáspora africana e que estão vivas no cotidiano e na agricultura brasileira. Inúmeras espécies de plantas “do mato”, intituladas assim por alguns dos entrevistados, foram trazidas e experimentadas pelos povos escravizados, “[...] depois de suportar longas viagens transatlânticas, essas plantas foram cultivadas em áreas de cultivo de subsistência escrava, em quintais e em lavouras desenvolvidas em suas moradias por negros libertos” (Carney; Acevedo, 2017, p. 11, tradução nossa). A permanência e os bons resultados do plantio dessas ervas se dão pelo empenho e envolvimento dos escravizados nas terras das américas” (Carney; Acevedo, 2017).

Para essas pessoas, o quintal não é visto como um espaço reduzido a plantações e a suprir as suas necessidades básicas, ele se desdobra para além das suas subjetividades. Nesse espaço, estão narradas histórias das mais diferentes experiências de vida, é ali que estão inscritas as memórias da infância, da religiosidade, dos encontros de família, do trabalho, da labuta da vida, e as dores do nascer e do morrer. A extensão da vida é vista nos chãos dos quintais, as relações pessoais com os elementos desses espaços variam na experiência de cada entrevistado.

Enquanto espaço de liberdade e de resistência, o quintal tem se reinventado e configurado um novo modo de existência. Em sua configuração inicial, o quintal era dedicado quase que exclusivamente a atividades domésticas, praticadas na maior parte do tempo pelas mulheres. Essa organização se atualizou e permitiu novos movimentos nesses espaços, um valor utilitário, religioso e simbólico. Lélia aproveitou o espaço que tinha disponível no seu quintal e construiu uma capela para se manter próxima à sua religião (figura 15).

Figura 15 - capela do quintal da senhora Lélia.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Dessa maneira, Lélia (2022) relata:

*Fiz aquela capelinha ali, que eu sou católica, então aqui é quase uma vila e ninguém tem igreja, nem católica e nem evangélica e eu como católica, criei a minha. Não inaugurou ainda, mas é uma benção, sabe? O Deus nosso é um só, agora você se apega com quem você quiser. E minha vida é plantar os meus trems, criar as minhas galinhas e só. (LÉLIA, 2022).*

As relações se estabelecem e se modificam nos chãos dos quintais, a vida e a morte fazem parte das inscrições desses espaços, ali nascem e morrem plantações, nascem e morrem histórias, nascem e morrem pessoas. Nesse viés, logo no início da entrevista, Conceição (2022) cita que o que lhe despertou interesse em cultivar o seu quintal foi a morte de sua filha “[...] desde que eu perdi a minha filha, de acidente, então isso foi uma terapia para mim. Isso preenche muito o meu tempo, o vazio que a gente sente, sabe? É uma terapia para mim, muito. Deus e as plantinhas” (Conceição, 2022).

Em face do que foi mencionado pela entrevistada, a morte modifica a relação do indivíduo com o espaço. Essas experiências nos direcionam a pensar o quintal enquanto um

espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana (Fernandes, 2006).

A dimensão da construção dos saberes/conhecimentos sobre as plantas pode ser vista na expressão do corpo território, da construção a partir de um corpo que se disponibiliza nos espaços (quintais), como fonte de afetos, do experimentar, das angústias, desejos e dores, colocando-se em relação com o outro e como o mundo, seja no plantar, cultivar e manter esse espaço vivo (Silva, et al, 2021). Nesse movimento, o corpo se mistura com natureza, com experiências descritas por Bell Hooks (2017, p. 124) “[...] é um modo de conhecer que muitas vezes se expressa por meio do corpo, o que ele conhece, o que foi profundamente inscrito nele pela experiência”.

Quanto ao valor simbólico dos quintais, podemos descrever as vivências familiares e sociais permitidas nos espaços dos quintais, as festas de fundo de quintal, os encontros entre as diferentes gerações, as histórias, tudo isso se concretiza como algo simbólico de grande valor afetivo às pessoas. As festas de fundo de quintal são valoradas e refletem o cotidiano dos moradores, “[...] *sim, nós temos o fundo de quintal (risos). Sempre que os meus meninos estão aqui fazemos um churrasquinho no fundo do quintal. Você viu que lá é mais gostoso, né? É bem gostoso, mas tudo isso é por causa da sombra das plantas*” (Elza, 2022). No quintal do Milton tem um espaço próprio para os encontros, com mesas, e cadeiras, o que deixa o espaço ainda mais agradável, nas falas ele diz “[...] *quando o pessoal vem aqui, rola um sonzinho aí?*” (Milton, 2022), o que podemos visualizar na figura 16.

Figura 16- Área de lazer com os bancos e mesa feitos de tronco de árvore no quintal do senhor Milton.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Quando questionados sobre como se sentiam quando estavam nos seus quintais, todos expressaram sentimentos de pertencimento, agradecimento e de acolhida. Carolina (2022) nasceu e cresceu em meio às plantações, diz ter aprendido os cuidados com o quintal “*de berço*”, enquanto brincava aproveitava o momento para ajudar a sua mãe. Lembra que esse espaço era

visto como um lugar de muito respeito, era permitido brincar, desde que fosse com cuidado, sem bagunça:

*Era grandão (quintal), na roça, na fazenda né? [...] eu gostava de brincar, arrancar mato, limpar. A mamãe plantava e eu estava atrás ajudando. A gente brincava nas plantas, de noite se sentava na frente escorada para papear [...] minha mãe era abusada, ficava brava. Era abusada, abusada (quando faziam bagunça no quintal). (Carolina, 2022).*

Nessa linha de pensamento, para Fernandes (2002), a possibilidade de evocar imagens significativas vivenciadas no passado e fazer relação com o que é vivenciado no tempo real é entendido como um processo de ressignificações dessas vivências, tanto das passadas quanto das presentes e futuras, ou seja, do que se viveu, do que se fez viver e o que se deseja viver futuramente, fatos citados constantemente nas falas dos entrevistados. O carinho por pertencer aos seus espaços é que define o ser dono dos seus quintais. As relações estabelecidas nesses espaços variam nas experiências de cada um dos sujeitos e dos elementos culturais que orientam suas vivências.

## 5 Considerações finais

O quintal é a relação entre os dois contextos sociais (a casa e a rua), mas ele também se configura em um contexto sociocultural que, de forma dinâmica, possibilita a construção de valores, portanto, um espaço de troca. As festividades, os encontros e o repasse dos conhecimentos nos chãos dos quintais os caracterizam como verdadeiros patrimônios culturais. A dimensão ambiental pode ser vista nas práticas sustentáveis aplicadas nas formas de cuidado e manejo das produções feitas nos quintais, nas técnicas de reaproveitamento dos insumos, o uso de adubos orgânicos, o melhoramento das práticas de plantio. Para além dessas dimensões, o quintal se coloca como espaço de trocas, de memórias e de histórias.

A experiência de narrar as histórias desses moradores, especialmente das mulheres, é dar voz às histórias invisibilizadas, ainda que a literatura aponte o quintal como um lugar ocupado majoritariamente por mulheres e esta pesquisa confirmou esta afirmação, as ocupações e as atividades desenvolvidas nesse espaço pouco são discutidas. Os escritos citam a participação das mulheres nas atividades da mulher do quintal e enfatiza a importância dos seus saberes, mas muitos desses afazeres são vistos ainda como ajuda e não como conhecimento.

Por isso, a atuação dessas mulheres deve ser considerada de grande valia, uma vez que trazem contribuições significativas à segurança alimentar, à economia local e às experimentações. Além do papel fundamental para a conservação dos quintais, mantendo ativos

os saberes herdados. É válido ressaltar a relevância desse espaço enquanto rede de relacionamentos, nos diferentes contextos e entre diferentes gerações.

A contribuição também deve ser atribuída às muitas comunidades que enriqueceram os quintais com os saberes sobre as ervas medicinais, culinárias e expressões culturais, sobretudo os povos indígenas e africanos. O rico acervo botânico e agrícola desenvolvido pelos escravizados, sobretudo pelas mulheres, foi o que promoveu a biodiversidade dos quintais. As experiências de plantio, manejo e trato com as terras e plantações são atribuições presentes ainda nos quintais afro-brasileiro, inclusive, vistos nos quintais de Brejinho de Nazaré/TO.

Entretanto, apesar de todos os benefícios que o quintal carrega, sabe-se que esses espaços e muitos dos seus patrimônios estão sob risco de perder-se na atualidade. Nesse sentido, estudos relacionados às pessoas que ainda mantém ativas as práticas agrícolas de respeito à natureza e aos modos de vida tradicionais vividos nos quintais representam uma forma de manter ativas as lições aprendidas que é de valor imensurável para a humanidade. O pouco investimento em pesquisas que estudem as diferentes dimensões dos quintais se dá por conta das diferentes características que este possui, talvez em função da sua complexidade ou pelo desconhecimento do seu importante papel nesses sistemas. A possibilidade de viver esse momento de aprendizagem nos espaços dos quintais, se aprofundar nos conhecimentos que esses homens e mulheres têm sobre as plantas medicinais, através das suas práticas de cuidado e respeito com natureza é um encontro essencial com as nossas identidades.

Espera-se que as reflexões desenvolvidas em nosso trabalho possam contribuir nos debates sobre as temáticas sobre quintais urbanos afro-brasileiros. Visto ser um assunto pouco discutido, é válido destacar a sua importância e o incentivo a pesquisas que abordem a contribuição das mulheres negras na construção desses espaços, a experiência botânica dessas mulheres – na formulação de políticas públicas, ações sociais de valorização desses saberes. Além disso, há ainda oportunidade de discussões sobre os quintais como patrimônios ambientais brasileiros, dada a forte presença desses espaços nos territórios brasileiros e os investimentos sustentáveis aplicados nas tarefas neles desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, E.; SOUZA, M. O. Quintais como patrimônio Biocultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. D. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

AMARAL, C. N. D.; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 3, p. 329-341, 2008.

BARROS, Katia Maia Flores. **Caminhos que andam: o rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil**. 2006. 202 f. (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-6Y8LXR/2/tese\\_k\\_tia\\_maia\\_flores.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-6Y8LXR/2/tese_k_tia_maia_flores.pdf). Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. Fundação Palmares. **Certificação quilombola: comunidades certificadas**, 2004. Disponível em: [https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](https://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 16 mar. 2023.

CARNEY, Judith; ACEVEDO, Rosa. Plantas de la diáspora africana en la agricultura del Brasil. **Transversos: Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 01, p. 9-34, ago. 2017.

CRUZ, T. A. Mulheres da floresta do Vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, p. 913-925, 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna et al. (org.). **Educação no campo e pesquisa: reflexões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 1-152. Disponível em: [https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao\\_do\\_campo\\_e\\_pesquisa\\_-\\_questes\\_para\\_reflexo.pdf](https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao_do_campo_e_pesquisa_-_questes_para_reflexo.pdf). Acesso em: 03 mar. 2023.

FERNANDES, Renata Sieiro. **Memórias de menina**. Cadernos CEDES, v. 22, p. 81-102, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WPbyxpjtVF9Tn7VFdRgvjWN/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/brejinho-de-nazare/panorama>. Acesso em: 08 ago. 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44.

MARQUES, Kátia Maria Carvalho de Moraes. **A comunidade quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré - TO**. 2014. 139 f. (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3345/1/KATIA%20MARIA%20CARVALHO%20DE%20MORAES%20MARQUES.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MEYER, Mônica. Quintal espaço ecológico e cultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

MOTTA, Vivian Delfino. Por uma agroecologia antirracista. **Cadernos de Agroecologia - Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020, p. 1-6. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6396>. Acesso em: 05 abr. 2023.

OLIVEIRA, Rafael Monteiro de. **Quintais e uso do solo em propriedades familiares**. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas), Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2007. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/6761/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. **Cadernos CEDES**, v. 23, p. 91-102, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LF79n7MyS8tYnjFkGmLbvK/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2023.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11215/8223>. Acesso em: 1 maio 2023.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, p. 290-295, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/gZh3Nm9yR4s7TrFGXD3Rvrp/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SHIVA, Vandana. El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidad. In MIES, Maria. SHIVA, Vandana. **La praxis del ecofeminismo**. Barcelona: Icaria, 1998, p. 58.

SILVA, Luana Cristine Ferreira da; SILVA, Raiza dos Santos; JALIL, Laetícia Medeiros; FREITAS, Karine Pereira de; OLIVEIRA, Maria do Socorro. As mulheres e seus saberes: proporcionando biodiversidade nos agrossistemas. **Cadernos de Agroecologia**, 2021. v. 16, p. 1-11. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6648>. Acesso em: 28 fev. 2023.

VON KOSS, Monika. **Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. 7. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

#### **4 O PATRIMÔNIO DE FUNDO DE QUINTAL: A VIDA E OS SABERES DA DONA LUZENIRA**

**Reumo:** Este estudo tem como proposta narrar a história de vida da Dona Luzenira, mulher negra moradora do município de Brejinho de Nazaré/TO; e discutir as práticas e os conhecimentos culturais e socioambientais mobilizados por Dona Luzenira no manejo de seu quintal. A diversidade biológica encontrada no Brasil, aliada à rica multiplicidade étnica e cultural do país, leva à geração de valiosos saberes tradicionais, construídos a partir de tradições africanas, indígenas e europeias, principalmente no que diz respeito ao uso de plantas medicinais. Essas experiências são mantidas e perpassam a vida e contribuem na manutenção e permanências dos espaços verdes, sobretudo dos quintais. Os quintais afro-brasileiros se constituem como patrimônio ambiental, espaço de prática sociais, saberes tradicionais e sustentáveis transmitidos e estabelecidos. Os fazeres nesses espaços são feitos especialmente pelas mulheres, são as avós que ensinam as mães e são estas que repassam os conhecimentos para seus filhos. Esses saberes têm ganhado notoriedade nas discussões acadêmicas e nas políticas públicas. Nesse viés, o Brasil tem incentivado, por meio de políticas públicas de conservação, a salvaguarda dos conhecimentos tradicionais e o reconhecimento desses saberes enquanto patrimônio ambiental. Nesse sentido, esse estudo teve como objetivo analisar a importância dos saberes da Dona Luzenira e da sua história de vida. A pesquisa foi feita no quintal da Dona Luzenira com o apoio metodológico da entrevista oral de Portelli (1997).

**Palavras-chave:** Quintal afro-brasileiro. Patrimônio ambiental. Saberes tradicionais.

**Abstract:** This study aims to narrate the life story of Dona Luzenira, a black woman who lives in the municipality of Brejinho de Nazaré/TO and discuss the practices and cultural and socio-environmental knowledge mobilized by Dona Luzenira in managing her backyard. The biological diversity found in Brazil, combined with the country's rich ethnic and cultural multiplicity, leads to the generation of valuable traditional knowledge, built from African, indigenous and European traditions, especially with regard to the use of medicinal plants. These experiences are maintained and permeate life and contribute to the maintenance and permanence of green spaces, especially backyards. Afro-Brazilian backyards constitute an environmental heritage, space for social practices, traditional and sustainable knowledge transmitted and established. The tasks in these spaces are done especially by women, it is the grandmothers who teach the mothers and it is these who pass on knowledge to their children. This knowledge has gained notoriety in academic and public policy discussions. Brazil has encouraged, through public conservation policies, the safeguarding of traditional knowledge and the recognition of this knowledge as an environmental heritage. In this sense, this study aimed to analyze the importance of Dona Luzenira's knowledge and her life story. The research was carried out in Dona Luzenira's backyard with the methodological support of the oral interview by Portelli (1997).

**Keywords:** Afro-Brazilian backyard. Environmental heritage. Traditional Knowledge.

## Introdução

As experiências no campo se iniciam desde muito cedo, os filhos observam as práticas dos pais e aprendem os cuidados com o manejo das terras, com o uso do solo e com as preparações culinárias e medicinais. Trocas que perpassam as gerações, geralmente mantidas e transmitidas pelas mulheres, avós e mães que cultivam as experiências do cotidiano do campo e dão novas significações para os espaços urbanos, sobretudo os quintais.

Nessa linha de pensamento, considerado um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, os quintais carregam histórias, tradições e saberes tradicionais, entendidos por alguns estudos como saber comum e não como ciência. Cunha (2007) toma o cuidado em diferenciá-los. Apoiada pelo entendimento de Lévi-Strauss, a autora cita a diferença a partir dos níveis estratégicos a que se aplicam. O conhecimento tradicional opera com unidades perceptuais, com as chamadas qualidades segundas como os cheiros, cores, sabores. Já o conhecimento científico opera-se as unidades conceituais. “A ciência moderna hegemônica usa conceitos, a ciência tradicional usa percepções” (Cunha, 2007, p. 79).

O Brasil possui uma enorme diversidade biológica que, associada à rica pluralidade étnica e cultural, gera um valioso conhecimento tradicional – construído por tradições de matriz africana, indígena e europeia, especialmente sobre o uso de plantas medicinais (Brasil, 2006). Os saberes transmitidos pelos povos tradicionais estão relacionados ao ambiente no qual foram produzidos, normalmente rico em biodiversidade. Embora o conhecimento científico ainda não tenha mapeado as espécies da flora e da fauna brasileira em sua totalidade, esses ecossistemas são valorizados pelas populações que dependem das interações entre a natureza e os seres humanos que se desenvolveram nesses locais (Barros et al., 2022). O interesse na conservação desses conhecimentos perpassa as discussões acadêmicas, bem como as políticas públicas – na criação de programas que salvaguardem os conhecimentos tradicionais e contribuam nas mais diferentes ciências, sobretudo nas ciências médicas, assim como na preservação da segurança alimentar e na qualidade de vida da comunidade.

O quintal é um dos espaços onde esse acervo pode ser mantido e transmitido, pois mantê-lo e conservá-lo decorre da manutenção de costumes e saberes tradicionais transmitidos pela avó que ensina a mãe, que ensina a filha, e, nessa continuidade, o quintal vai se mantendo e ganhando novas configurações. As formas de manejo e cuidado normalmente seguem princípios de sustentabilidade e uso responsável dos recursos naturais. Nesse sentido, o quintal se apresenta como um verdadeiro patrimônio ambiental. Conforme aponta Pelegrini(2006), o conceito de patrimônio ambiental abarca dimensões sociais, cuja definição sugere a

materialização dos sentidos concedidos no decorrer do processo histórico e lhe confere uma concepção dinâmica, que motiva o uso consciente do meio, principalmente, a responsabilidade coletiva pelo espaço.

É essencial ressaltar a importância dos povos africanos na construção desses espaços. A dispersão de sementes e de plantas africanas pelo mundo propiciou a migração dos saberes sobre técnicas de plantio e o beneficiamento de terras (Carney; Marin, 2004). A etnomedicina desses povos, provenientes das suas sistemáticas de cura medicinais, terapêutica e religiosa tiveram suma importância nas práticas aplicadas ao quintal. O conhecimento de plantas usadas com fins de subsistência – saberes que iam para além de técnicas de plantio, cultivo e colheita em zonas intertropicais, mas compreendiam também o conhecimento sobre tecnologias de beneficiamento e uso terapêutico de vegetais – foi um critério considerado na escolha na mão-de-obra escrava no período colonial (Gomes, 2009). Os saberes fitoterápicos dos povos africanos, a partir das plantas tropicais, garantiu a sobrevivência não somente da população africana e indígena escravizada, como também dos europeus e de seus descendentes nas Américas (Gomes, 2009). As práticas sociais e culturais destes povos manifestadas na etnomedicina, na agricultura e na gastronomia não só superaram as fronteiras, mas modificaram as práticas sociais no Novo Continente. A agricultura familiar tem se mantido e se beneficiado nos conhecimentos da etnobotânica afro-indígena. De tal modo, o quintal se constituiu enquanto espaço de trocas étnicas e culturais.

Das diferentes atividades atribuídas ao quintal, é válido ressaltar esse espaço enquanto resistência, pois, na contramão da crescente urbanização, o quintal tem sido uma intervenção poderosa no enfrentamento dos problemas ambientais. Para Barros et. al, (2022), os quintais produtivos, dadas as suas práticas sustentáveis, são capazes de recuperar a biodiversidade, de mobilizar a economia local, de complementar a renda do produtor e de estimular o consumo dos bens produzidos. Isso garante a qualidade ambiental, a saúde do agricultor e a sustentabilidade alimentar (Barros et. al., 2022).

A partir dessas concepções, este estudo tem como objetivo apresentar a história de vida da Dona Luzenira, moradora do município de Brejinho de Nazaré/TO. A proposta deste se pautou no interesse em discutir o quintal sob a perspectiva da história de uma mulher que passou boa parte da vida nesse espaço, promovendo diálogo entre o cotidiano, suas experiências e as indicações científicas. A narrativa traz recortes importantes da sua história, sobretudo as experiências vividas no campo e nos quintais no decorrer da sua vida e as práticas e os saberes investidos nesses espaços. É fundamental destacar primeiro a forma como o texto se apresenta, ou mais especificamente, a sua narrativa. Este desenvolve-se sem qualquer linearidade

cronológica ou temática, fazendo saltos entre os temas abordados, assemelhando-se ao movimento de algumas memórias à medida em que se tornam evidentes. Este trabalho apresenta como problema de pesquisa o seguinte questionamento: “Quais são os usos, as práticas e os conhecimentos culturais e socioambientais mobilizados por Dona Luzenira no manejo de seu quintal?”. E, como objetivos, elencamos: descrever os usos, as práticas, os saberes e a função social do quintal enquanto patrimônio ambiental; e verificar valores e relações estabelecidas entre a Dona Luzenira e seu quintal.

Para a coleta de dados, optou-se pela abordagem qualitativa da história oral do escritor Portelli (1997), a transcrição foi à letra do que foi citado. Além das falas, foram feitas fotografias do espaço para complementar o conteúdo e situar o leitor no espaço estudado, conforme aponta Portelli (1997, p. 27) ao explicitar que “[...] a transcrição transforma objetivos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica em mudanças e interpretações”. Todo conteúdo apresentado foi autorizado por consentimento assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Uso de Imagem, todos os direitos estão assegurados na assinatura destes documentos. A coleta de dados foi conduzida no quintal da Dona Luzenira, entre os dias 15/03/22 a 19/03/22.

#### 4.1 “Meu quintal é a minha vida, se eu pudesse passar o tempo todinho com quintal, eu queria”.

Figura 17 – Dona Luzenira no seu quintal



Fonte: arquivo pessoal (2022).

As conversas com a Dona Luzenira foram quase sempre acompanhadas de um cafezinho com cuscuz de arroz e todas elas foram quase que exclusivamente feitas no espaço do seu quintal. Com os afazeres do dia a dia, ela gentilmente se propunha a conversar enquanto fazia comida, enquanto varria e nos momentos em que costurava e cuidava das plantas. Assim, foi no cotidiano da vida que as suas histórias foram narradas, traduzidas e lembradas.

Dona Luzenira lembra que começou a trabalhar ainda muito nova, com nove anos de idade já era cuidadora de bebês. Precisou trabalhar para ajudar financeiramente a família “*com nove anos já fui trabalhar na casa dos outros, trabalhei na casa de uma professora, ajudar a fazer as coisas da casa e a cuidar dos meninos delas (filhos)*” (Luzenira, 2022). Na condição

de irmã mais velha, ela era a responsável pelos cuidados dos sete irmãos mais novos “*eu era mais velha, minha mãe tinha um monte de menino, acho que eram oito*” (Luzenira, 2022).

As dificuldades do pai em encontrar serviço e o interesse constante em mudar de cidade fizeram com que ela e a família se mudassem de cidade/estado por diversas vezes. A experiência de babá foi no Distrito Federal quando o pai decidiu ir morar na cidade, pois “*Brasília estava nova, naquela época tinha muita construção, tinha muito serviço*” (Luzenira, 2022). A passagem pela capital do país foi rápida, pouco menos de cinco meses, de modo que a família retornou para o Tocantins e passou a residir no município de Gurupi, cidade vizinha de Brejinho de Nazaré/TO, entre os anos de 1962 e 1963. Entretanto, residindo em Gurupi, a situação financeira da família ficou cada vez mais difícil, conforme relato: “*meu pai alugou um quartinho que quando trovejava em cima, a água descia embaixo, e nós ficamos lá até arrumar outro lugar pra morar*” (Luzenira, 2022). Nessas condições, o pai da Dona Luzenira decidiu mudar para uma cidade próxima, chamada Aliança do Tocantins/TO. De tal modo, conforme a entrevistada, “*quando nós chegamos na Aliança, ele já tinha emprestado dinheiro da dona Josefa e foi trabalhar no restaurante dela*” (Luzenira, 2022).

A mudança garantiu trabalho para o pai e para Dona Luzenira em um restaurante da cidade: “[...] *fui trabalhar lá no restaurante dessa mulher (Josefa), de ajudante*” (Luzenira, 2022). Com pouco mais de dez anos de idade, a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos do hotel era da Dona Luzenira. Das lembranças do dia a dia desse trabalho, ela cita: “[...] *eu lavava e passava para o restaurante. Aquele monte de coberta, eu tinha que trocar todo dia, passar ferro de brasa, senão tinha que passar cera na cozinha. Cozinhei muito tempo nesse restaurante*” (Luzenira, 2022).

A entrevistada recordou que, enquanto a família tinha dinheiro, a residência ficava fixada em uma determinada cidade. No entanto, quando as necessidades aumentavam, o pai preferia mudar para outra região. Dona Luzenira ficou trabalhando na cidade enquanto os pais se organizavam na nova moradia. Ela, que era ainda uma criança, ajudava a família com suprimentos que não eram produzidos na fazenda onde foram residir, “[...] *eles foram e eu fiquei trabalhando. Eu trabalhava, comprava o açúcar, café, carne, o óleo, tudo o que não tinham lá na fazenda. E aí levava para eles. Levava ou o meu irmão vinha buscar*” (Luzenira, 2022). Os pais seguiram mudando para novas cidades enquanto Luzenira continuou a trabalhar no município de Aliança do Tocantins. Seu pai morreu em uma das vezes em que saiu para procurar emprego: “[...] *ele tinha essa mania com ele. Caminhou tanto que morreu em cima de um caminhão*” (Luzenira, 2022). A fala da Dona Luzenira é carregada de experiências que teve e vivenciou com a sua família. Expressa a vida difícil que tiveram ainda na infância, “[...] *aí*

*minha filha, eu sei que essa vida da minha mãe foi muito sofrida e a minha também”* (Luzenira, 2022).

Aos 14 anos, no ano de 1971, ela casou-se com o senhor Otacílio, com quem vive até hoje. A dificuldade financeira do período em que se casaram fez com que o jovem casal fosse trabalhar e morar em uma chácara próxima ao município de Brejinho de Nazaré/TO:

*Depois que me casei nos mudamos para o Brejinho e fomos morar na fazenda dos patrões, nessas fazendas tinham muita fartura, muita galinha, porco. As coisas melhoraram muito, mas começamos com muito sofrimento. Os dois primeiros anos foram muito sofridos, porque nós não tínhamos nada e tivemos que começar do zero, mas trabalhando Deus nos abençoou e passamos a ter as nossas coisas – arroz, ovos, vendíamos feijão, porco e galinha. Tínhamos muitas galinhas. Saímos dessa fazenda e nos mudamos para o outro lado de Brejinho, o patrão nos deixou com outra fazenda, trabalhamos nove anos entre essas duas fazendas.* (Luzenira, 2022).

Enquanto trabalhavam na fazenda, os primeiros filhos ficavam sob os cuidados da sua sogra que morava na cidade de Brejinho de Nazaré/TO. O crescimento e o nascimento dos demais filhos impulsionaram Dona Luzenira e o senhor Otacílio a ficarem mais próximos dos filhos, foi, então, que a mudança para a cidade de Brejinho aconteceu. Tal município é o mesmo no qual residem até então. Assim, nos fora relatado:

*Aí os filhos foram crescendo e eu não queria mais deixar em casa e passamos a deixá-los com a minha sogra [...] com duas meninas em casa ficava muito difícil ficar mandando as coisas (alimentos) para elas. Aí resolvemos vir embora, mudamos de vez aqui para o Brejinho. Compramos uma casinha lá no início do Brejinho. Era uma casinha de tábuas, metade da parede de adobe e a outra metade de tábuas. Aí nós compramos essa casinha e ficamos lá, morando lá. Morei nesse Brejinho todinho, em baixo, em cima, direita, esquerda, tudinho. Até que Deus preparou essa aqui. Já faz 35 anos que eu tenho essa casa.* (Luzenira, 2022).

No período em que a família se mudou para a casa onde residem até hoje, o terreno tinha poucas plantações, mas, com o passar dos anos e com as necessidades diárias, o quintal foi enriquecido de diferentes espécies e o plantio era feito com os insumos que se tinham na época, “[...] isso aqui só tinha essa casa aí, só ela. Um pé de pequi aqui no fundo e só [...] eu fazia tudo (plantações) nos balde, pé de abacate, pé de jaca, pé de manga” (Luzenira, 2022). Algumas dessas plantações ainda existem, outras foram substituídas por outras espécies, porém o espaço do quintal sempre esteve presente na vida da Dona Luzenira e todo o aprendizado sobre o plantio, as diferentes receitas, o cultivo e o cuidado com as diversas espécies de plantas foram saberes herdados de sua mãe e de sua avó, conforme esclarece:

*Sempre, toda a minha vida (teve quintal). Quando morava nas fazendas, quando morei na zona rural e depois passei a morar na cidade, sempre tive quintal. Não tinha assim definitivo, porque não era lugar meu, mas depois que tive a minha casa, sempre tive quintal. Já são mais ou menos 35 anos que tenho meu quintal. Sobre os remédios, foi só minha mãe e minha avó que me ensinaram, eu as observava fazendo e aí*

*aprendi. Devo muito a ela, tudo que elas me ensinaram. Com esse conhecimento, preparo remédio para mulheres com problema no útero, faço garrafada<sup>3</sup>. Aprendi tudo com elas, aí continuei plantando e fazendo o que aprendi. (Luzenira, 2022).*

Conforme Amorozo (2002), as experiências no campo se iniciam desde muito cedo, os filhos acompanham os pais nas atividades de roça, aprendem os cuidados com o manejo do solo, conhecem sobre os cuidados com os animais e se apropriam dos demais afazeres próprios do ambiente rural por meio da observação desses preparos. Tais práticas, citadas pelo autor e que fazem parte do cotidiano da Dona Luzenira, podem ser compreendidas como saberes tradicionais que perpassaram as diferentes gerações e que ainda são consideradas de grande importância para o seio familiar e a comunidade que se abastece dos produtos e feitos desta senhora. Destarte, são compreendidos como conhecimentos tradicionais, as “práticas, experimentações e inovações consuetudinárias dinâmicas, transmitidas entre gerações comumente via oral; constituem a memória viva, a história desses povos” (Bertoldi; Sposato, 2012, p. 79).

O saber do uso das plantas utilizadas nas mais diferentes receitas está associado a um entendimento que origina de um conhecimento pertencente especialmente às mulheres. A construção dessa concepção tem relação com o papel social que a mulher exerce. Nesse ínterim, para Menéndez (2003), na condição de esposa e mãe, as mulheres são responsáveis diretamente pela saúde, com aporte para diagnosticar previamente a doença e o seu desenvolvimento, sendo elas as responsáveis pelos primeiros tratamentos. Essa compreensão de um lugar de cuidado e de responsabilidade nem sempre foi atribuída às mulheres. No Brasil colônia, por exemplo, mulheres que usavam seus saberes para a cura das mazelas, em especial dos seus próprios corpos, eram rechaçadas e perseguidas pela sociedade. Em face disso,

Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeiras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. (Priore, 2004, p. 68).

A compreensão que se tinha é que existia um círculo vicioso que submetia as mulheres à interferência cósmica, relacionando-as aos segredos da natureza. Para completar o ciclo, era preciso ser filha, mulher e mãe (Priore, 2004). Para Castro e Abramovay (2005), devido à concepção que se tem sobre as mulheres serem mais dóceis e sensíveis e, nessas condições

---

<sup>3</sup> Produto originado a partir de combinações de plantas medicinais associadas a bebidas alcólicas, sendo o vinho a principal bebida utilizada. Em algumas situações, mel, vinagre ou água também podem ser utilizados para essa preparação. (Passos, et al., 2018).

serem naturalmente mais cuidadosas e respeitadoras da natureza, empreendendo mais práticas sustentáveis, é que se sustenta uma concepção de base essencialista e que não deve ser validada. A necessidade de romper com esse discurso essencialista atribuído à mulher e à natureza é descrito pela autora Siliprandi (2009), quando cita os diferentes papéis sociais conferido às mulheres.

Nesse contexto, as atividades desenvolvidas pelas mulheres no quintal possuem conhecimentos e pontos de vistas histórico e socialmente construídos, capazes de oferecer visões sobre sustentabilidade local, que as ideias e práticas masculinas são incapazes de abarcar. Mas, grande parte das contribuições das mulheres ainda é vista como ajuda e não propriamente conhecimento, o que confirma a situação hierárquica e dicotômica entre os gêneros (Siliprandi, 2009).

Contrariamente ao exposto anteriormente e validando os conhecimentos advindos do gênero feminino, as práticas da Dona Luzenira e de tantas outras mulheres no quintal são inscritas nos seus modos de vidas e são validadas e respeitadas, principalmente pelos familiares e pela comunidade que se beneficiam dos seus saberes no que se refere ao tratamento de doenças, às formas de cultivo e manejo das diferentes espécies ou ao preparo das receitas: *“As garrafadas que faço com vinho são muito boas e Graças a Deus tem dado certo essas garrafadas, eu já vendi garrafada até para o Mato Grosso, já foi para São Paulo”* (Luzenira, 2022). A venda é feita pela Dona Luzenira e pelos filhos que a ajudam a divulgar as garrafadas nos meios de comunicação: *“Eu posto na internet. Os meninos fazem os vídeos e colocam (nas redes sociais) e aí as pessoas vão procurando [...] elas encomendam pelo WhastApp”*. O interessado na garrafada entra em contato com a Dona Luzenira, indica os sintomas que está sentindo e qual a intenção de cura e, a partir daí, é feito o preparo: *“Comecei a vender garrafada de 25 reais e aí foi subindo o preço. Depende do que vou usar e da doença o preço é alterado. Já fiz para a mulher grávida, mulher que quer engravidar e não consegue [...] garrafada para o útero”* (Luzenira, 2022).

Algumas plantas medicinais são usadas no mesmo preparado, e a combinação das ervas (Figura 18) e a finalidade do seu uso é um saber exclusivo da dona Luzenira (2022), *“eu já sei, a minha mãe me ensinou desde criança o que servia e o que não servia [...] eu já sei classificar o que serve e o que não serve, aí eu faço os remédios”*.

Figura 18 – Barbatimão, casca usada no preparo de uma garrafada.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

De acordo com Horto Didático de Plantas Mediciniais do HU/CCS da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), planta de nome popular, Barbatimão, barba-de-timão, barbatimão-verdadeiro, abaramotemo, ibatimô, paricarana, uabatimó ou casca-da-virgindade é originária do Brasil dos cerrados do Sudeste e Centro Oeste. O Cerrado abrange os estados da região Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal), além do sul do Pará e Maranhão, interior do Tocantins (local desta pesquisa), oeste da Bahia e Minas Gerais, bem como o norte de São Paulo. Seu uso é indicado especialmente para tratamento leucorreia, hemorragias, diarreia, hemorroidas, para limpeza de ferimentos, para a inflamação da garganta, dentre outros usos. Entre suas ações farmacológicas destacam-se: adstringente, cicatrizante, hemostático, antisséptico, analgésico, antimicrobiano. As preparações com essa planta devem ser feitas com a sua casca (Horto didático de plantas medicinais do HU/CCS, 2019). Dona Luzenira usa essa erva no preparo de garrafadas para a limpeza de útero em mulheres que possuem dificuldade para engravidar.

Segundo Argenta et al. (2011), os primeiros inscitos sobre o uso das plantas medicinais, foram descritos no Papiro<sup>4</sup> de Eber, traduzido em 1890. Nesse material, foram relatadas

---

<sup>4</sup> Planta nativa da África tropical, da família das ciperáceas, cujas hastes são formadas de folhas sobrepostas, que depois de separar umas das outras, justapondo-as e colando-as em seguida, os egípcios usavam para escrever (Dicio online). O Papiro de Ebers, datado aproximadamente entre 1530 a.C., possui 110 páginas com 20,3m de comprimento e mostra a utilização de plantas medicinais como medicamento, descrevendo um grande repositório de ervas para o tratamento das mais diversas doenças. Por exemplo, para asma era recomendado que o doente inalasse uma mistura aquecida de ervas (Pertile, 2020).

aproximadamente 100 doenças e uma numerosa classificação de drogas de origem animal, vegetal e mineral. Esta pode ser considerado umas das primeiras anotações sobre o uso de produtos naturais na cura das doenças (Vilela, 1977, apud, Argenta et al., 2011). No Brasil, uma das primeiras descrições sobre o uso das plantas com fins curativos foram citadas por Gabriel Soares de Souza, autor do Tratado Descritivo do Brasil, no ano de 1587 (Argenta, et al., 2011). Tal documento descrevia os produtos usados pelos indígenas nas suas receitas. Ainda no Brasil colônia, com a chegada dos primeiros médicos e a escassez dos medicamentos, a comunidade de médicos e doutores passaram a considerar a importâncias das plantas medicinais, utilizadas pelos indígenas e escravizados, na cura das doenças (Pimenta, 2003).

Desde então, o uso das plantas medicinais tem ganhado cada vez mais importância no cotidiano de diferentes povos e nas discussões das políticas públicas. Santos e Carvalho (2018), citam que o interesse da ciência em compreender o uso das plantas está relacionado a elevadas taxas de extinção das espécies e dos saberes tradicionais, considerado um dos elementos mais importantes da biodiversidade. Em diversas comunidades, os mais jovens não demonstram interesse nos assuntos da natureza, como faziam seus antepassados, e muitos se aproveitaram das tecnologias dos centros urbanos (Begossi et al., 2006). Essa condição não é diferente no quintal da Dona Luzenira, que se entristece em saber que os filhos não demonstram interesse por seu espaço, especialmente por seus conhecimentos:

*Ninguém quer aprender o que eu sei. Eles falam: “mãe, quando a senhora morrer como é que nós vamos fazer?” - Eu não sei. Sinceramente se quisessem aprender, sabiam. Não sabe nem o nome das plantas, não sabe nem que planta é. Nascida e criada (cita uma de suas filhas), vendo eu mexer toda vida, ela nunca teve aquela vontade de aprender, de saber o que é e o que significa, a finalidade. (Luzenira, 2022).*

O rico saber tradicional desta senhora é objeto de estudo de interesse de diferentes áreas, sobretudo das ciências da etnobotânica (Oliveira et al., 2009). Nesse contexto, cria-se a necessidade de um diálogo entre os saberes científicos e tradicionais, com a contribuição para ambas as ciências. Segundo os autores Santos e Carvalho (2018), a vivência de determinadas comunidades no manejo, no cultivo, no preparo e no uso das plantas medicinais, pode ser esclarecedora para a ciência. Da mesma forma, os conhecimentos científicos, resultantes do desenvolvimento tecnológico se instituem como “[...] um importante retorno na prática cotidiana das populações tradicionais, destacando a detecção de substâncias tóxicas ou a validação do uso de certas plantas medicinais” (Santos; Carvalho, 2018, p. 74).

O território brasileiro dispõe de aproximadamente de 15 a 20% do total da biodiversidade mundial, com destaque às plantas superiores, as quais somam 24% da biodiversidade. Nesse viés, somado ao acervo genético, o Brasil é detentor de uma rica

diversidade cultural e étnica que “[...] resultou em um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, passados de geração a geração, entre os quais se destaca o vasto acervo de conhecimentos sobre manejo e uso de plantas medicinais” (Brasil, 2006).

Objetivando reforçar a importância da contribuição dos saberes tradicionais no uso de plantas medicinais, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), promoveram a Conferência Internacional sobre Atenção Primária em Saúde Alma-Ata, realizada em Genebra no ano de 1978. O encontro foi considerado dada a “[...] necessidade de ação urgente dos governos, profissionais das áreas de saúde e desenvolvimento, bem como da comunidade mundial para proteger e promover a saúde dos povos no mundo” (Brasil, 2006, p. 11). Aos países signatários ficou recomendada a:

formulação de políticas e regulamentações nacionais referentes à utilização de remédios tradicionais de eficácia comprovada e exploração das possibilidades de se incorporar os detentores de conhecimento tradicional às atividades de atenção primária em saúde, fornecendo lhes treinamento correspondente (OMS, 1979, apud, Brasil, 2006, p. 11).

No final de 1970, a OMS instituiu o Programa de Medicina Tradicional que, a partir dos seus estados-membros, tem como objetivo o desenvolvimento de políticas públicas que facilitem a integração da medicina tradicional, instituindo a medicina complementar alternativa nos sistemas nacionais de atenção à saúde, assim como o incentivo a utilização responsável dessa integração (Brasil, 2006). Ainda que a medicina tradicional tenha aplicabilidade em grande parte do mundo, a OMS reconhece que um número expressivo da população de diversos países que façam uso, quase que exclusivo, da medicina tradicional no atendimento da atenção primária. Empregando práticas tradicionais nos cuidados básicos de saúde, com o uso de plantas medicinais ou de suas derivações (Brasil, 2006).

Dada a relevância das plantas para fins medicinais e a importância da sua biodiversidade, os órgãos públicos e nacionais instituíram diversas políticas com o intuito de salvaguardar esses plantios e investir em pesquisas sobre seus usos e saberes. O Brasil é signatário da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), acordo estabelecido no âmbito da ONU, cujos objetivos são: “[...] a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos” (Brasil, 2006, p. 13). Este mesmo acordo salienta a importância dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e de comunidades locais para o alcance dos objetivos propostos. Aos 188 países responsáveis pelo cumprimento da Convenção, cabe ainda o dever de garantir aos povos tradicionais o livre arbítrio sobre o uso dos seus saberes e de perceber os benefícios quanto aos seus usos.

Dentre as ações efetivadas pelo Sistema Único de Saúde do Brasil, vale destacar a incorporação das práticas de saúde como a fitoterapia, a acupuntura e a homeopatia, práticas que contemplam as terapias alternativas e práticas populares, ações recomendadas na 10ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1996. A convenção previa ainda o incentivo a fitoterapia<sup>5</sup> na assistência farmacêutica pública, como a participação ativa da população na elaboração das normas quanto à utilização dos insumos (Brasil, 2006).

O aumento da oferta de opções terapêuticas ofertadas pelo SUS, com garantia de acesso às plantas medicinais e aos demais serviços fitoterápicos, com segurança e qualidade, na perspectiva da integralidade da saúde, é uma atuação estratégica com vista à melhoria da atenção à saúde da comunidade e à inclusão social. Diante disso, é relevante destacar a implementação do programa “farmácia viva”. Em 2010, a portaria nº 886, de 20 de abril de 2020 instituiu o a Farmácia Viva do SUS, que tem como objetivo incentivar boas práticas de preparo, manejo e armazenamento de plantações medicinais, além disso, oferta de produções magistrais e oficinas de plantas medicinais e fitoterápicos (Gondim et al., 2022).

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos cita que a agricultura familiar<sup>6</sup> “[...] representa mais de dois terços dos postos de trabalho no campo. De um total de 17,3 milhões de trabalhadores ocupados na agricultura, mais de 13 milhões trabalham em regime familiar” (Brasil, 2006, p. 15). Nesse sentido, a agricultura familiar é uma das prioridades quanto à implementação de políticas de incentivo, uma vez que ela apresenta como vantagens a disponibilidade de terra e de trabalho; os saberes tradicionais; a experiência na relação com a biodiversidade e as práticas ecológicas que favorecem o mercado local; e com a disponibilização e vendas de plantas e seus derivados. A contribuição da agricultura familiar nos arranjos produtivos de plantas medicinais e fitoterápicos “é estratégia fundamental para garantir insumos e produtos, para a ampliação dos mercados e melhor distribuição da riqueza gerada nas cadeias e nos arranjos produtivos” (Brasil, 2006, p. 15-16).

Nesse contexto, quintais urbanos como o da Dona Luzenira não são contemplados nas ações desta política, uma vez que a renda que a dona Luzenira obtém com as suas produções não se configura como a principal renda familiar, como prevê o conceito da agricultura familiar,

---

<sup>5</sup> “Aquele obtido empregando-se exclusivamente matérias-primas ativas vegetais [...]. Não se considera medicamento fitoterápico aquele que, na sua composição, inclua substâncias ativas isoladas, de qualquer origem, nem as associações destas com extratos vegetais” (Brasil, 2004c).

<sup>6</sup> Forma de produção onde predomina a interação entre gestão e trabalho; são os agricultores familiares que dirigem o processo produtivo, dando ênfase na diversificação e utilizando o trabalho familiar, eventualmente complementado pelo trabalho assalariado (Brasil, 2006).

e suas atividades. Todavia, ainda que muito semelhantes à de um agricultor familiar<sup>7</sup>, não são consideradas como tal.

### **Quintais afro-brasileiros e seus usos múltiplos enquanto patrimônio ambiental**

As explorações agrícolas nas regiões semiáridas do Deserto do Sara contribuíram para a diversidade dos recursos botânicos que alimentaram os sistemas agrícolas de milhares de indivíduos que foram forçados a saírem de suas terras e se estabelecerem nas Américas. A chegada dos povos africanos nas américas e as consequentes mudanças climáticas vivenciadas por eles, fizeram com que suas plantações e o cultivo das espécies trazidas consigo passassem por uma nova forma de manejo, o que promoveu uma revolução agrícola. As adaptações e os refinamentos foram aplicados a diversos tipos de cereais, de raízes, frutos secos, legumes e plantas para fins medicinais e utilitários (Carney; Acevedo, 2017; Almeida, 2011).

Dentre os produtos cultivados da savana África Oriental e posteriormente transportados para as Américas durante o comércio transatlântico de escravos, incluem-se: café, sorgo, feijão, e duas espécies de gramíneas africanas (*Panicum maximun e Brachiaria mutica*), possivelmente utilizadas como forragem em navios de escravos. (Parsons, 1972, p. 12-17 *apud* Carney; Acevedo, 2017).

Das plantas trazidas para o Brasil e que mantiveram seus nomes próprios (língua nigeriana) citam-se: *obí* (*Cola acuminata Schott e Endl.*), da família Esterculiáceas; *orobô* (*Garcinia cola Heckel*), família Gutíferas; fava de *Aridam* (*Tetrapleura tetraptera Paub*), família de leguminosas; e *akôkô* (*Newbouldia leavis Seem*), família Bignoniáceas (Almeida, 2011). Dentre as plantas medicinais introduzidas nas Américas, destacam-se as seguintes: *Momordica charantia*, *Hibiscus sabdariffa* (Carney; Acevedo, 2017).

Outros alimentos de origem africana que se adaptaram às terras brasileiras e fazem parte da culinária são: mamona, dendê, quiabo, inhames, tamarineiro, jaqueira, além de feijão-da-índia branco e amarelo, feijão, hibisco, melancia, tamarindo, pimenta quente, massa de akee,

---

<sup>7</sup> No enquadramento do Pronaf, são considerados agricultores familiares todos aqueles que explorem e dirijam estabelecimentos rurais na condição de proprietários, posseiros, arrendatários, parceiros, comodatários ou parceiros, desenvolvendo naqueles estabelecimentos atividades agrícolas ou não-agrícolas e que atendam, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não possuam, a qualquer título, área superior a quatro módulos fiscais, quantificados na legislação em vigor; II - utilizem predominantemente mão-de-obra da família nas atividades do estabelecimento ou empreendimento; III - obtenham renda familiar originária, predominantemente, de atividades vinculadas ao estabelecimento ou empreendimento; IV - residam no próprio estabelecimento ou em local próximo. São também beneficiários do programa os aquícultores, pescadores artesanais, silvicultores, extrativistas, indígenas, membros de comunidades remanescentes de quilombos e agricultores assentados pelos programas de acesso à terra do Ministério de Desenvolvimento Agrário (Brasil, 2006).

noz de cola, óleo de dendê, baobá, arroz africano (*Oryza glaberrima*) e banana (Almeida, 2011; Carney, Acevedo, 2017; Gomes, 2009). Algumas das plantas e dos alimentos de origem africanas são cultivadas no quintal da Dona Luzenira, quais sejam: feijão, quiabo, *Momordica charantia* (melão de São Caetano), jiló e banana.

Além do plantio e do consumo das ervas medicinais, Dona Luzenira cria galinhas (figuras 19 e 20) para a venda e o consumo: “[...] *tudo isso a gente planta e colhe, né? [...] A taioba, cebolinha, cheiro verde, o pepino, a abóbora, quiabo, galinha [...] as galinhas a gente cria e come. Otacílio quando tem peixe, ele vende. Mas, eu vendo só galinha*” (Luzenira, 2022). O quintal também possui pé de coco, abacate, mamão, cajá-manga, banana, conforme Luzenira (2022) cita: “[...] *todas foram plantadas, tem o maracujá que foi plantado, a banana foi plantada, o abacate foi plantado, esses pés de macaúba foram plantados. O coco grande também foi plantado. Os outros pés foi eu quem plantei*” (figura 21).

Figura 19 – Dona Luzenira alimentando as galinhas.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 20 – Galinheiro do quintal da Dona Luzenira.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Figura 21 – Frutas e verduras extraídas do quintal da Dona Luzenira.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

O quintal é reconhecido por seus múltiplos usos (figura 22), pois possibilita acesso à uma alimentação variada e à segurança alimentar, complementa a renda familiar e contribui para economia local (Barros et. al., 2022). A distribuição do espaço, a disposição das construções e das plantações do quintal da Dona Luzenira lhe permitem um melhor aproveitamento nas tarefas diárias. No quintal estão os bichos de criação, o varal, a cozinha e a varanda da casa, configurando lhe como um espaço de múltiplos usos. Toda essa diversidade de espécies do quintal da Dona Luzenira e o uso consciente das suas produções pode configurá-lo enquanto patrimônio ambiental.

Conforme aponta Pelegrini (2006), o conceito de patrimônio ambiental abarca dimensões sociais, cuja definição sugere a materialização dos sentidos concedidos no decorrer do processo histórico e lhe confere uma concepção dinâmica, que incentiva o uso consciente do meio, principalmente, a responsabilidade coletiva pelo espaço.

Figura 22 – Usos múltiplos do quintal.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Dona Luzenira conta que não organizou o quintal de uma forma específica, nos espaços vazios ela aproveitou para plantar as mudinhas que ganhava e/ou comprava, na terra e em plantações suspensas: “[...] eu ia plantando assim: “isso aqui eu vou plantar em tal lugar,” e aí plantava, onde tinha espaço eu ia plantando” (Luzenira, 2022). O cuidado com a vida e o uso de diferentes recursos implicados no seu espaço são manejos do saber tradicional, que visa o uso consciente dos recursos e evita os desperdícios. Práticas sustentáveis inseridas nas discussões sobre economia circular e que já são produzidas há diversos anos pelas populações tradicionais.

No quintal da Dona Luzenira, diversas plantas foram postas em objetos que adquiriram novos usos, agora são vasos, conforme podemos visualizar nas imagens a seguir:

Figura 23 – Copo de liquidificador usado como vaso suspenso.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 24 – Vaso sanitário reutilizado para plantações.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 25 – Geladeira utilizada para o plantio de cebolinhas.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 26 – Caixa de isopor usada como vaso.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 27 – Bota reutilizada como vaso.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 28 – Garrafa pet reutilizada como vaso.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

As orquídeas plantadas na garrafa pet (figura 28) e no copo de liquidificador (figura 23) são ornamentais, seus usos são para fins de embelezamento do quintal, já a hortelã cultivada na caixa de isopor (figura 26) é usada pela Dona Luzenira como calmante natural e para

acompanhamento nas alimentações: *“ele é calmante, é muito bom [...] o chazinho dele é feito pra comer com bolo de manhã cedo”* (Luzenira, 2022). A cebolinha e o cheiro verde plantados na geladeira são usados como temperos. As plantas cultivadas nas botas (figura 27), são plantas ornamentais que Dona Luzenira as chama de “melindrosas”, dada as dificuldades de mantê-las e cultivá-las. A planta cultivada no vaso sanitário (figura 24) é chamada por Dona Luzenira de trevo, usada como remédio para quem tem *“problemas do coração, veia entupida e pressão alta”* (Luzenira, 2022).

Para Giraldi e Hanazaki (2010), os laços sociais estabelecidos nos espaços dos quintais podem ser fortalecidos a partir do intercâmbio das plantas cultivadas. Além disso, a partilha de receitas e dos demais produtos provenientes da produção dos quintais, é o que garante o vínculo entre a vizinhança. Nesse viés, as plantas atuam como um “veículo” para a sociabilidade. Essas trocas são importantes no enfrentamento dos momentos de crise ou de mudanças de um determinado lugar. Nesse sentido, os quintais são reconhecidos como provedores de conservação cultural e biológica, com importante significado cultural para diversos grupos (Furlan, 2017). A distribuição das produções dos quintais é geralmente para uso familiar, vizinhos e a comunidade próxima. Durante a pandemia, Dona Luzenira foi referência na comunidade na distribuição de folhas para chás destinados ao alívio dos sintomas da COVID-19:

*Na época da pandemia mesmo, eu sustentei esse povo do Brejinho quase todo com chá das folhas do mastruz. Eles pegavam direto. O mastruz, o boldo. O boldo mesmo, eu tinha um pezão, eles pegaram e eu dei tanto que morreu o pé que precisei plantar novamente.* (Luzenira, 2022).

Questionada sobre como se sentia quando estava no quintal, dona Luzenira não precisou pensar muito e foi certa na resposta: *“eu me sinto feliz, muito feliz! É meu cantinho da felicidade. Meu quintal é a minha vida. Se eu pudesse passar o tempo todinho com quintal, eu queria”* (Luzenira, 2022). Um dos motivos que justificou o sentimento bom de estar no seu cantinho da felicidade foi a sensação de ar fresco conforme cita: *“[...] parece que eu me sinto mais à vontade, parece que o ar é mais puro, não sei se é por conta das plantas, mas ali (na varanda da casa) também tem plantas, mas me sinto melhor no quintal”*.

Em face disso, para Flores (2018), os diferentes papéis desempenhados pelo quintal são de extrema importância na promoção e na qualidade de vida nos centros urbanos. Dentre os papéis dos quintais, destacam-se a oferta de alimentos frescos, a melhoria da saúde física e mental dos seus proprietários, principalmente no bem-estar dos idosos. Condição sinalizada na afirmação da Dona Luzenira quando descreve a sensação que sente quando está nos cuidados com as suas plantações: *“me acalma, a gente esquece dos problemas da vida, isso aí*

*é bom demais. Principalmente quando a gente está da idade que eu tô. Fica muito agitada”* (Luzenira, 2022).

Além disso, o quintal pode ainda proteger a diversidade biológica da área, melhora o clima e cria conforto térmico; espaço que oferece condições para a criação de locais de convívio, relaxamento e interação familiar (Tourinho; Silva, 2016). No quintal da família Lourenço já foram feitos diversos encontros, inúmeras reuniões familiares: *“quase todo final de ano, antes da pandemia, a família toda se reunia aqui. Todo ano tinha festa aqui em casa. Reunia todo mundo, o pessoal vinha. Dia das Mães a casa ficava cheia de gente”* (Luzenira, 2022).

No momento da entrevista, alguns filhos vinham até a casa da Dona Luzenira para tomar café, conversar e ficar no quintal, na companhia da mãe. Esse espaço tem inscrições afetivas significativas, não só para a detentora desse território, mas todos que vivem e convivem com a Dona Luzenira.

Quase todo o espaço do terreno da Dona Luzenira está ocupado por plantas, inclusive os canteiros rentes às paredes da casa. Ela prefere passar o dia se ocupando com as tarefas do quintal, ou até mesmo viver o ócio no espaço que ela se orgulha em ter. Segundo ela, passa no quintal *“[...] o dia inteirinho, às vezes carrego o celular e aí sento aqui e vou conversar depois do almoço”* (Luzenira, 2022). Recentemente o casal, com ajuda dos filhos, reorganizou o quintal e fez no centro um à lenha, mesa e tanque de lavar roupas: *“ali já tinha [...] aí foi puxando só pro lado de cá pra fazer o fogão [...] tem fogão caipira que eu gosto muito de cozinhar e tem varal para estender as roupas”* (Luzenira, 2022).

Figura 29 – Tanque de lavar roupa disposto no quintal da Dona Luzenira.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 30 – Dona Luzenira cozinhando no fogão à lenha no seu quintal.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Além dessa organização, próximo ao fogão à lenha, a Dona Luzenira organizou um canteiro para guardar as lenhas que usa, (figura 31). Próximo a essa área tem ainda uma pequena cozinha, já que a maioria das refeições da família é feita no quintal. Neste espaço tem pia para lavar a louça, as mesas, os pratos, a geladeira e quase todos os utensílios usados em uma refeição (figura 32). Anexo a essa cozinha, tem um local, onde são guardados os itens que não cabem na casa.

Figura 31 – Espaço para guardar as lenhas usadas no fogão à lenha.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Figura 32 – Cozinha construída no quintal da Dona Luzenira.



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Grande parte das atividades do dia a dia da Dona Luzenira e dos familiares são feitas no quintal, a casa principal é utilizada praticamente para dormir, tomar banho e para realizar o preparo de alguns alimentos que não podem ser feitos lá fora, “*lá dentro só para fazer café de manhã e esquentar a janta, mesmo. Às vezes quando tem muita gente em casa aí faço a janta lá dentro [...] lá dentro é a coisa mais difícil (de ficar)*” (Luzenira, 2022). Para os autores Neto e Campos (2017), os quintais são espaços que propiciam inúmeras atividades, sejam elas

relacionadas ao plantio, à criação de animais, ao lazer, à cultura e ao descanso. O quintal se torna um espaço para além de uma porção de terras, pois são, igualmente, considerados um local onde a família se abastece da grande diversidade de atividades e de plantas, utilizando-as de forma sustentável, garantindo, assim, a sua preservação.

Esse modelo rompe o ritmo dos grandes centros urbanos, onde se tem perdido os espaços verdes em troca da crescente verticalização, motivada pelo crescimento acentuado da população e a consequente demanda de maiores espaços e infraestrutura, situações que comprometem a quantidade e a qualidade dos espaços livres e das áreas verdes urbanas (Bargos; Matias, 2012).

O autor Frei Betto (2010) contrapõe essa estruturação das novas cidades e faz uma discussão com os quintais, quando cita a forte influência do cimento e o impacto ambiental provocado pelas imobiliárias. O Frei afirma que o concreto cercou os quintais e a essa composição sugere ser melhor ter plantas cultivadas em vasos do que ter um espaço aberto com árvores (Betto, 2010). A indústria cimenteira cresceu e envolveu completamente a cidade numa horizontalidade vertical. “Esta substância impermeável, monocromática, cercou, exterminou com os quintais, pátios, encostas e barrancos. O concreto devora a terra, encolhe o mundo e transforma as pessoas” (Meyer, 2017, p. 117).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O quintal estudado está localizado na área urbana do município de Brejinho de Nazaré/TO, porém a Dona Luzenira mantém uma estreita relação com a natureza, fato comprovado pela diversidade de espécies cultivadas no seu espaço e as formas de manejo utilizadas na conservação e na manutenção do seu quintal, são práticas favorecidas pela experiência e pela vivência do campo/roça.

Com o acúmulo dos problemas ambientais, verificou-se no quintal da Dona Luzenira práticas que asseguram condições favoráveis ao meio ambiente. Os quintais têm se (re)configurado e resistido frente à crescente urbanização na paisagem das cidades. A escolha em manter um quintal como um local de manutenção de tradições culturais se sustenta na contração da rapidez da vida nas grandes cidades. Ter esse espaço garante inúmeros benefícios, a segurança alimentar, complemento de renda e uso sustentável dos recursos, o que favorece a manutenção da biodiversidade do ecossistema.

A verticalização das cidades tem provocado novas formas de “viver” a natureza, ainda que as práticas como as hortas nas varandas, por exemplo, tenham aumentado nas grandes cidades. Entretanto, nada se compara à experiência de vida no e do quintal, movimento que

possibilita (re) viver as práticas antigas, histórias, memórias e identidades. Esses benefícios são valorados pela Dona Luzenira, que não renuncia à vida que leva com as suas plantas.

No presente estudo, além da produção e do consumo de alimentos, outras motivações foram demonstradas, tais como: amor por plantar; importância atribuída aos valores, costumes e modos de vida tradicionais; o cultivo como um trabalho e uma espécie de terapia e evitar o desperdício como princípio de sustentabilidade. Apesar de não conseguir transmitir os conhecimentos sobre o cultivo das plantas e das receitas que pratica aos mais jovens da família, a Dona Luzenira reconhece a importância dos seus saberes e o quão válidos são para comunidade local e, sobretudo, tem consciência da sua contribuição com a ciência. Admite ter no seu quintal um verdadeiro patrimônio e se orgulha das histórias vivenciadas nesse espaço.

A experiência de narrar a história no espaço do seu quintal, permitiu diferentes provocações por parte da entrevistada, a sua representação do espaço foi fundamental na construção das vivências cotidianas, uma experiência centrada nas práticas culturais. Conforme aponta Thompson (1998), a narrativa oral devolve a história às pessoas a partir das suas próprias interpretações e suas próprias palavras, isso possibilita (re)produzir sua história, relatando suas práticas culturais, suas lutas e suas tradições.

Porém, ainda que tenhamos constituídas políticas públicas que incentivam a salvaguardam os saberes tradicionais, há que se considerar as pequenas produções das residências nessa proposta, o que não está assegurada na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que tem como foco apenas os produtores que se configuram como agricultores familiares. Quintais afro-brasileiros, tais como o da Dona da Luzenira, além da função social, são verdadeiros boticas e podem contribuir para inúmeros estudos, tendo em vista que este tema possui conexões com diversas outras áreas do conhecimento. Necessita, portanto, de ações multidisciplinares.

Um dos objetivos deste estudo era narrar a história a partir das vivências de uma mulher negra, sinalizou a escassez de produções que exploram as temáticas de quintas afro-brasileiros. Apesar de o discurso colonialista eurocêntrico por vezes invalidarem a relevância desses saberes, é válido enfatizar a importância dos povos africanos na construção dos quintais e nas práticas desenvolvidas neste espaço. Conforme aponta Carney (2001), a retirada dessa população das suas terras significava, também, a apropriação e a transmissão de seus saberes.

Notou-se também poucos investimentos em estudos sobre as mulheres os quais as considerem como detentoras e construtoras dos quintais, fato que sugere o incentivo às pesquisas que dialoguem sobre as mulheres afro-brasileiras e os quintais brasileiros. Além disso, verificou-se a oportunidade de estender essas discussões para os grupos da maior idade,

visto que são estes que ainda mantêm e constituem os saberes tradicionais e que carregam vivências do campo/roça. Essas experiências perpassam o roçado e, a partir dos mais idosos, se estabelecem e se mantêm ativas nas cidades e nos quintais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**: abordagem histórico-contemporânea. Salvador: Editora da UFBA, 2011.

AMOROZO, Maria Cristina Melo. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). **Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.

ARGENTA, Scheila Crestanello; ARGENTA, Leila Crestanello; GIACOMELLI, Sandro Rogério; CEZAROTTO, Verciane Schneider. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências**: Revista Eletrônica de Exterção da URI, Uruguai, v. 7, n. 12, p. 51-60, maio 2011. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-cultural-popular-versus-ciencia.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BARROS, Sóstenes Fernandes de; SILVA; Márcia Regina Farias da; SIVA; Carlos Aldemir Farias da Silva. Quintais produtivos como tecnologia social sustentável para a segurança alimentar e nutricional. In: SILVA, Márcia Regina Farias da; SILVA, Carlos Aldemir Farias da (org.). **Quintais agroecológicos**: tradição, cultivo, conhecimento. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 11-283. Disponível em: [encurtador.com.br/iprwX](http://encurtador.com.br/iprwX). Acesso em: 30 mar. 2023.

BARGOS, Danúbia Caporusso; MATIAS, Lindon Fonseca. Mapeamento e análise de áreas verdes urbanas em Paulínia (SP): estudo com a aplicação de geotecnologias. **Sociedade & Natureza**, v. 24, n. Soc. nat., 2012, p. 143–156, jan. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília, 2006.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; PERONI, N.; SILVANO, R.A.M. “Estudos de Ecologia Humana e Etnobiologia: uma revisão sobre usos e conservação”. In: ROCHA, C. F. D. et al. (orgs.). **Biologia da Conservação**: essências. São Carlos: RiMa, 2006, p. 537-62. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/biologia-da-conservacao-das-essencias.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BERTOLDI, Marcia Rodrigues. SPOSATO, Karyna Bastita. Instrumentos de proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 75-93, dez. 2012. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/303/0>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BETTO, Frei. Do quintal à cidade vertical. **Caderno de Cultura**: Estado de Minas. Belo Horizonte, 2010

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e Meio Ambiente**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000112083/PDF/112083por.pdf.multi>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CARNEY, Judith; ACEVEDO, Rosa. Plantas de la diáspora africana en la agricultura del Brasil. **Transversos: Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 01, p. 9-34, ago. 2017.

CARNEY, Judith; MARIN, Rosa A. Saberes agrícolas dos escravos africanos no Novo Mundo, **Revista de divulgação científica**, São Paulo, SBPC, v. 35, n. 205, jun. 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista USP, p. 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>. Acesso: 01 mar. 2023

FLORES, Bruno Calzavara. **Contribuições teóricas sobre quintais**: memória (bio)cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida. 2018. 64 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/430/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Contribuicoesteoricassobrequintais.pdf](https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/430/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Contribuicoesteoricassobrequintais.pdf). Acesso em: 25 mar. 2023.

GIRALDI, Mariana; HANAZAKI, Natalia. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 395-406, jun. 2010.

GOMES, Angela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana**: terreiros, quilombos, quintais da grande BH. 2009. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009. Cap. 3. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MPBB-8DVGBM>. Acesso em: 12 abr. 2023

GONDIM, Jacqueline Marques da; MELO, Elaine Silva de Pádua; ALVES JUNIOR, Ademir da Silva; NASCIMENTO, Valter Aragão do. Desenvolvimento das farmácias vivas associado a fatores sociodemográficos brasileiros. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 1-16, 23 jan. 2022.

MENÉNDEZ, Eduardo L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. Ciênc. saúde coletiva, 2003 8(1), p. 185–207, 2003. Disponível em: [https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v8n1/a14v08n1.pdf](https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v8n1/a14v08n1.pdf). Acesso em: 12 abr. 2023.

MEYER, Mônica. Quintal espaço ecológico e cultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

NETO, Germano Guarim; CAMPOS, Eini Tavares. A flora de quintais de residências da área central de Sinop, Mato Grosso do Sul. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n.

51, p. 115-140, jun. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882006000100007>. Acesso em: 26 jul. 2022.

PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. **Cadernos Cedex**, v. 23, p. 91-102, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LF79n7MyS8tYnjFvkGmLbvK/?lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2022.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11215/8223>. Acesso em: 1 maio 2023.

PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/eiN48>. Acesso em: 15 mar. 2023.

OLIVEIRA, Flávia Camargo de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da; HANAZAKI, Natalia. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta botanica brasílica*, v. 23, p. 590-605, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/QkXGmDHvNdZQPvPqJRx6GdM/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SANTOS, Marcelo Guerra; CARVALHO, Ana Cecília Bezerra. Plantas medicinais: saberes tradicionais e o sistema de saúde. In: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana (org.). **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018. p. 7-191. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zfzg5/pdf/santos-9788575114858.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2009. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/9622/6583>. Acesso em: 04 abr. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2 ed. São Paulo: Editora. Paz e Terra, 1998.

TOURINHO, Helena Lucia Zagury; SILVA, Maria Goreti Costa Arapiraca da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém v. 11, p. 633-651, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/h5ZctxMyGgPxrtZfnLYwSHy/>. Acesso em: 04 abr. 2023



## CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Pesquisar sobre os quintais afro-brasileiros foi enriquecedor e sobretudo muito gratificante, uma vez que, conforme citado anteriormente, o meu interesse nas discussões sobre a população afro-brasileira é prematuro e me aprofundar nas discussões sobre a construção desse espaço a partir da contribuição das populações negras foi emocionante. Além de enriquecedor, foi muito desafiador, pois a cada busca surgiam novos interesses de discussões, mas foi possível se ater aos objetivos da pesquisa.

O interesse inicial deste estudo discutir apenas um quintal, o da Dona Luzenira e a partir daí narrar a sua história de vida, os saberes investidos nos seu espaço e acima de tudo, relacioná-los as discussões sobre patrimônio ambiental. Contudo, as leituras indicavam a contribuição de diferentes comunidades na formação e na construção dos quintais, sobretudo, dos negros e indígenas. A partir desses indicativos foi que os demais capítulos foram construídos, um deles com o intuito de levantar as publicações tratantes das temáticas de quintais urbanos afro-brasileiros enquanto patrimônio cultural e por fim, um capítulo que tinha como principal interesse narrar as diversas práticas, saberes e cuidados que proprietários de quintais, afro-brasileiros, aplicavam e desenvolviam nos seus quintais. Para tanto, este estudo teve como problema de pesquisa a seguinte indagação: “Os quintais urbanos afro-brasileiros de Brejinho de Nazaré/TO sinalizam usos múltiplos enquanto patrimônio ambiental?”.

O objetivo geral desta pesquisa foi problematizar os quintais urbanos afro-brasileiros e relacioná-los ao patrimônio ambiental, já os objetivos específicos foram os seguintes: elaborar o estado da arte sobre quintais urbanos afro-brasileiro; estudar e discutir o quintal da Dona Luzenira da cidade de Brejinho de Nazaré/TO; levantar e discutir os quintais da cidade de Brejinho de Nazaré/TO; descrever usos, práticas, saberes e a função do patrimônio ambiental de quintais; e, verificar valores e relações estabelecidas entre sujeitos/atores e seus quintais.

O primeiro capítulo “Os quintais urbanos afro-brasileiros de Brejinho de Nazaré/TO: uma discussão sobre patrimônio cultural”, teve como objetivo levantar as publicações sobre os quintais afro-brasileiros nas principais bases de pesquisa a partir da metodologia do estado da arte. As indicações apontaram pouca atenção às temáticas sobre os quintais, sobretudo, quintais afro-brasileiros. Além disso, pouca indicação dos povos africanos na construção das práticas implicadas nesses espaços. Os estudos discorreram sobre os conhecimentos tradicionais, especialmente sobre a preocupação na perda desses saberes, maiormente entre as novas gerações que se mostram desinteressadas em tais práticas. Outro resultado apontado nos levantamentos foram as práticas aplicadas nos quintais que o configuram enquanto patrimônio

ambiental, tais como, usos sustentáveis dos recursos advindos ou aplicados nos quintais, a relação homem meio-ambiente, naturalmente fomentada pelos quintais, uso de recursos naturais para o enriquecimento das terras e plantio, além das oportunidades de encontro e festividades que esse espaço é capaz de favorecer. O objetivo proposto foi alcançado - o levantamento das publicações -, contudo se faz necessário apontar para necessidade de investimentos em pesquisas futuras que discutam temáticas como a contribuição dos povos africanos na construção dos quintais afro-brasileiros e os quintais enquanto patrimônio ambiental.

O segundo capítulo intitulado “Brejinho de Nazaré/TO e seus quintais: espaços de trocas, memórias e histórias das populações afro-brasileiras”, apontou para as principais práticas desenvolvidas por cinco proprietários de quintais urbanos afro-brasileiros. As entrevistas indicaram ações que configuram esse espaço enquanto local de diferentes dimensões, simbólicas, ambientais e culturais. Os saberes circulantes entre e nos quintais indicaram a influência das práticas agroecológicas investidas pelos povos africanos sendo aplicadas nesses espaços. Além disso, as narrativas indicaram a importância das mulheres nas ações de manutenção e salvaguardas dos quintais. Foram e ainda são as mulheres que implicam investimentos para que os quintais e suas derivações – receitas, sementes e tradições se mantenham vivos nos seus cotidianos e na vivência das mais diferentes gerações – filhos, netos e comunidade em geral. As falas indicaram ainda, a preocupação já citada no primeiro capítulo – da perda dos saberes tradicionais. Os detentores dos quintais citaram a experiência primorosa se ter um quintal, ainda que a modernização das cidades inviabilize tais experiências, há quem mantenha as tradições e se orgulha por fazê-las. A experiência de debater as vivências e relacioná-las às discussões científicas trouxe à luz a necessidade de pesquisas que debatam a importância das mulheres nas formas de cuidado possibilitadas a partir dos seus quintais, visto que as indicações sobre essa perspectiva ainda dispõem de uma visão que coloca a mulher na posição inferior aos homens. Além disso, a produção desse capítulo deixou evidente a necessidade em discutir os conhecimentos tradicionais das mulheres negras detentoras de quintais, uma vez que suas experiências por vezes ficam cercadas pelos muros de suas casas, e invisíveis às produções científicas.

O terceiro e último capítulo, “O patrimônio de fundo de quintal: a vida e os saberes de Dona Luzenira”, tinha como principal objetivo narrar a história de vida desta senhora e partir daí indicar as práticas culturais e socioambientais aplicadas no seu quintal. As experiências da Dona Luzenira indicaram que as práticas de cuidado com o quintal são provenientes das práticas rurais, quando os filhos são levados junto dos pais para o trabalho da roça. A partir da observação e das necessidades do cotidiano, o conhecimento sobre plantio, chás, receitas e

manejo se constrói. Dona Luzenira indicou que o aprendizado sobre as atividades do quintal foi aprendido pela mãe e avó, intercâmbio cultural que não se estabelece mais entre as gerações de seus filhos e netos, fato indicado nos dois primeiros capítulos – o desinteresse nos saberes tradicionais e a sua conseqüente perda. Outro fato observado nas falas da entrevista foi a importância de dedicar às atividades do quintal enquanto prática terapêutica e de autocuidado. A indicação foi de suma importância para a indicação da necessidade de investimento em publicações que discorram sobre os quintais e suas práticas e a saúde mental dos idosos. A Dona Luzenira indicou o quão importante esse espaço é no cotidiano da sua vida e na lida com as preocupações diárias. A pesquisa indicou ainda para as práticas agrícolas e plantações advindas da diáspora africana aplicadas no seu quintal, configurando-o enquanto quintal afro-brasileiro. As vivências festivas indicaram o quintal de Dona Luzenira enquanto espaço de dimensão cultural e a dimensão ambiental pode ser vista no trato cuidadoso com o meio ambiente nas atividades de cultivo, preparo e (re)utilização do solo e demais materiais.

Frente ao exposto ficou evidente a necessidade de investimento nas discussões sobre os quintais afro-brasileiros, a presença e a importância das mulheres na construção e nos seus quintais, o quintal enquanto promotor de saúde mental para os idosos, a contribuição dos povos africanos nas práticas ecológicas destinadas aos quintais. Ainda que este estudo tenha tratado das propostas aqui citadas, as indicações literárias são rasas e quando não, pouco aprofundadas.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e. Quintais como patrimônio Biocultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 01 -224.

ALMEIDA, R.; MILHOMEM, J. Mulheres e produções de saberes nos quintais produtivos do quilombo da dona Juscelina. **Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516)**, v. 20, n. 02, p. 18, 9 abr. 2021.

AMARAL, C. N. D.; GUARIM NETO, G. **Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste** (Mato Grosso, Brasil). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 3, 2008.

AMOROZO, Maria Cristina Melo. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ALVES, Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). **Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia**. Recife: SBEE, 2002. p. 123-131.

ANDRADE, Anna Maria de Castro; KISHIMOTO, Alexandre e (org.). **Dossiê sistema agrícola tradicional quilombola do vale do Ribeira - SP**. Eldorado: Instituto Socioambiental, 2017. p. 1 - 105.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Relações sociais: as trocas e os mitos de um mundo sem trocas. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 155-179, mar. 2006. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642006000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Wk8zcxYBgCkFP8wkG6nTXCs/?lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2022.

ARGENTA, Scheila Crestanello *et al.* Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências: Revista Eletrônica de Exterção da URI, Uruguai**, v. 7, n. 12, p. 51-60, maio 2011. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-cultural-popular-versus-ciencia.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

AZEVEDO, Jorge Baptista de. Quintais e paisagens culturais. In: TERRA, Carlos; ANDRADE, Rubens de (org.). **Coleção Paisagens Culturais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014. p. 11-76.

BARGOS, D. C.; MATIAS, L. F. Mapeamento e análise de áreas verdes urbanas em Paulínia (SP): estudo com a aplicação de geotecnologias. **Sociedade & Natureza**, v. 24, n. Soc. nat., 2012 24(1), p. 143–156, jan. 2012.

BARROS, Sóstenes Fernandes de et al. Quintais produtivos como tecnologia social sustentável para a segurança alimentar e nutricional. In: SILVA, Márcia Regina Farias da; SILVA, Carlos Aldemir Farias da (org.). **Quintais agroecológicos: tradição, cultivo, conhecimento**. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 11-283. Disponível em: [encurtador.com.br/íprwX](http://encurtador.com.br/íprwX). Acesso em: 30 mar. 2023.

BEGOSSI, A. et al. “Estudos de Ecologia Humana e Etnobiologia: uma revisão sobre usos e conservação”. In: ROCHA, C. F. D. et al. (orgs.). **Biologia da Conservação: essências**. São Carlos: RiMa, 2006, pp. 537-62. Disponível em: <https://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/biologia-da-conservacao-das-essencias.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BERTOLDI, Marcia Rodrigues. SPOSATO, Karyna Bastita. Instrumentos de proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. **Revista de Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 75-93, dez. 2012. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/view/303/0>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BETTO, Frei. Do quintal à cidade vertical. **Caderno de Cultura** In: Estado de Minas. Belo Horizonte, p.10, mar.2010.

BOSCOLO, Odara Horta; ROCHA, Joyce Alves. Saberes tradicionais e a segurança alimentar: saberes tradicionais: um valor diferencial. In: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana (org.). **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 1-191.

BRAILOVSKY, Antonio Elio e FOGUELMAN, Dina. **Memoria verde: história ecológica de la Argentina**, Buenos Aires, Editorial Sudamericana S.A., 1991.

BRASIL. CAPES. **Guia para utilização rápida do portal de periódicos da CAPES**. Brasil: Periódicos Capes, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/area-conhecimento/biblioteca/repositorio-de-arquivos/guia-rapido-do-novo-portal-de-periodicosv2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Fundação Palmares. **Certificação quilombola: comunidades certificadas**, 2004. Disponível em: [https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](https://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 16 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/brejinho-de-nazare/panorama>. Acesso em: 08 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério do meio ambiente. **Convenção sobre Diversidade Biológica 2. Biodiversidade**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/textoconvenoportugus.pdf>.

CARNEY, Judith; ACEVEDO, Rosa. Plantas de la diáspora africana en la agricultura del Brasil. **Transversos: Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 01, p. 9-34, ago. 2017.

CARNEY, Judith; MARIN, Rosa A. Saberes agrícolas dos escravos africanos no Novo Mundo, **Revista de divulgação científica**, São Paulo, SBPC, v. 35, n. 205, jun. 2004.

CASTELLO BRANCO RANGEL DE ALMEIDA, C. D. F.; ALBUQUERQUE, U. P. D. **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso**. Interciencia, 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e Meio Ambiente**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000112083/PDF/112083por.pdf.multi>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CHAGAS, M. Casas e portas da memória e do patrimônio. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207–224, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2980>. Acesso em: 26 out. 2022.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CRUZ, T. A. **Mulheres da floresta do Vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente**. *Revista Estudos Feministas*, 18, 2010.

CUNHA JÚNIOR, Henrique; SOUZA, Luiza Maria de; SOUZA, Márcia Aparecida de. Quintal de Dona Luiza Souza como parte da inserção da população negra na cidade. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN**, Guarulhos, v. 12, n. 34, p. 238-259, 30, nov. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.34.p238-259>. Acesso em: 18 jul.2022.

CUNHA, M. C. da. (2007). **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. *Revista USP*, (75), 76-84. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>. Acesso: 01 mar. 2023

DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 19, p. 83-101, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/3331/957>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna et al (org.). **Educação no campo e pesquisa: reflexões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 1-152. Disponível em: [https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao\\_do\\_campo\\_e\\_pesquisa\\_-\\_questes\\_para\\_reflexo.pdf](https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao_do_campo_e_pesquisa_-_questes_para_reflexo.pdf). Acesso em: 03 mar. 2023

FERNANDES, R. S. **Memórias de menina**. *Cadernos CEDES*, 22, 2002.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FLORES, Bruno Calzavara. **Contribuições teóricas sobre quintais: memória (bio)cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida**. 2018. 64 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará,

Santarém, 2018. Disponível em:  
[https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/430/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Contribuicoesteoricassobrequintais.pdf](https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/430/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Contribuicoesteoricassobrequintais.pdf). Acesso em: 25 mar. 2023.

FLORES, K. M. **Caminhos que andam**: o rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil Orientador: FURTADO., D. J. F. 2006. 202 f. (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-6Y8LXR/2/tese\\_k\\_tia\\_maia\\_flores.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-6Y8LXR/2/tese_k_tia_maia_flores.pdf).

FREITAS, A. V. L. *et al.* Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 4, p. 845–856, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.

FUNES, E. A. Nasci nas matas nunca tive senhor - histórias e memórias dos mocambos do baixo Amazonas. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, 6, n. 1, p. 137-142, 12/30 2006.

GIRALDI, Mariana; HANAZAKI, Natalia. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 395-406, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33062010000200010>.

GOMES, Angela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana**: terreiros, quilombos, quintais da grande bh. 2009. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009. Cap. 3. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MPBB-8DVGBM>. Acesso em: 12 abr. 2023

GONDIM, Jacqueline Marques da Silva *et al.* Desenvolvimento das farmácias vivas associado a fatores sociodemográficos brasileiros. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 1-16, 23 jan. 2022. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25524>.

GUARIM NETO, Germano; CAMPOS, Eini Tavares de. A flora de quintais de residências da área Central de Sinop, Mato Grosso, Brasil. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

HOOKS, Bell. Essencialismo e experiência. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Wf Martins, 2013. p. 105-125. Disponível em:  
[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o\\_2020.1/hooks\\_Ensinando\\_a\\_transgredir.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_Ensinando_a_transgredir.pdf). Acesso em: 09 fev. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: ENSINO, T. B. D. E. E. (Ed.). **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pesquisa em educação: abordagens qualitativas, 1986.

MÄDER, Bruno Jardini (org.). **Caderno de psicologia e relações étnico-raciais: diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo**. Curitiba: CRP-PR, 2016.

MARQUES, K. M. C. D. M. **A comunidade quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré - TO**. Orientador: REIMER, P. D. I. R. 2014. 139 f. (Mestre) - História, Cultura e Poder, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Disponível em:<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3345/1/KATIA%20MARIA%20CARVALHO%20DE%20MORAES%20MARQUES.pdf>.

MENÉNDEZ, E. L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. Ciênc. saúde coletiva, 2003 8(1), p. 185–207, 2003.

MEYER, Mônica. Quintal espaço ecológico e cultural. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

MOTTA, Vivian Delfino. Por uma agroecologia antirracista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL FEMINISMO E AGROECOLOGIA: TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS, 3., 2020, Pernambuco. **Anais [...]**. Pernambuco: Cadernos de Agroecologia, 2020. v. 15, p. 1-6.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf). Acesso em: 10 ago. 2022.

NEHME, Marcelo *et al.* **Hortas e quintais como patrimônio cultural para conservação de patrimônio ambiental**. In: Congresso Nacional do Meio Ambiente. Poços de Calda. Anais ISS online. Poços de Caldas: Poços de Caldas Mg: Gsc Eventos Especiais Ltda, 2020. p. 1-5.

NETO, Germano Guarim; CAMPOS, Eini Tavares. A flora de quintais de residências da área central de Sinop, Mato Grosso do Sul. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

OAKLEY, Emily. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas: Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 37-39, nov. 2004. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/10/Artigo-12-Quintais-dom%20%C3%A9sticos-uma-responsabilidade-cultural.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2023.

OLIVEIRA, Flávia Camargo de *et al.* Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 590-605, jun. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-33062009000200031>.

OLIVEIRA, R. M. D. **Quintais e uso do solo em propriedades familiares**. Orientador: CARDOSO, I. M. 2015. 118 f. (Mestre) - Pós-graduação em Solos e Nutrição de Plantas, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/6761/1/texto%20completo.pdf>.

PAIXÃO, Gabriella Marques Leite. **Memórias resistentes nos quintais Quilombolas de Pilar do Sul**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sustentabilidade na Gestão Ambiental, Universidade Federal São Carlos, Sorocaba, 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, jun. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882006000100007>. Acesso em: 26 jul.2022.

PIMENTA, T. S. Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. **Cadernos CEDES**, 23, 2003

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/11215/8223>. Acesso em: 1 maio 2023.

PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/eiN48>. Acesso em: 15 mar. 2023.

RANIERI, Guilherme Reis; ZANIRATO, Sílvia Helena. Conhecimento etnobotânico como patrimônio: os quintais urbanos nas pequenas cidades do vale histórico paulista. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 49, p. 183-199, 30 dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v49i0.58220>. Acesso em 26 jul. 2022.

REIS, Wanderlene Cardozo F. O quintal e suas múltiplas funções na configuração urbana. In: **7º Seminário Internacional Dinâmica Territorial E Desenvolvimento Socioambiental: "Terras Em Transe"**, 2015, Salvador. Seminário. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2015. p. 1-17. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2536/o-quintal-e-suas-m-ltiplas-fun-es-na-configura-o-urbana-wanderlene-cardozo-ferreira-reis.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ROSSETTO, Gislaíne A. R. da Silva *et al.* Desafios dos estudos “estado da arte”: estratégias de pesquisa na pós-graduação. **Educação: Saberes e Práticas**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/issue/view/38>. Acesso em: 31 jun. 2022.

SÁ, C. P. D. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 20, 2007.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, Edvaldo Amaro dos; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento etnobotânico de moradores do Sítio Histórico de Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 71, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/YW9SkvGYtD8jLwflLGbyptnL/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Marcelo Guerra; CARVALHO, Ana Cecília Bezerra. Plantas medicinais: saberes tradicionais e o sistema de saúde. In: SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana

(org.). **Saberes tradicionais e locais**: reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018. p. 7-191. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zfzg5/pdf/santos-9788575114858.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos et al. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S.L.], v. 8, n. 17, p. 202-220, 1 out. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33361/rpq.2020.v.8.n.17.215>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SHIVA, Vandana. El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidade. In MIES, Maria. SHIVA, Vandana. **La praxis del ecofeminismo**. Barcelona: Icaria, 1998, p. 58.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília-DF, abril de 2009. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/9622/6583>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SILVA, Luana Cristine Ferreira da et al. As mulheres e seus saberes: proporcionando biodiversidade nos agrossistemas. In: **Convergências e Divergências**: mulheres, femininos e agroecologia, 2021, Espírito Santo. Anais [...]. Espírito Santo: Cadernos de Agroecologia, 2021. v. 16, p. 1-11. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6648>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

SILVA, Sueli de Castro. **Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade Quilombola Itaboca, Município de Inhangapi, Estado do Pará**. 2019. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Antrópicos na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

SILVA, Yan Victor Leal *et al.* Memórias e saberes nos quintais urbanos de Ibitaré/MG. In: ALMADA, Emmanuel Duarte; SOUZA, Mariana Oliveira e (org.). **Quintais**: memória, resistência e patrimônio biocultural. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2017. p. 11-193.

SOARES, M. DE S. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 8, n. 2, p. 407-438, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/8cGzQCzwxFpZb5wffVCsw9p/#ModalHowcite>. Acesso em: 01 jul. 2022.

STROLIGO, Conrado Chermut. **Policultura no município de Nova Friburgo, RJ**: processo de evolução e relações sociedade-natureza. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2 ed. São Paulo: Editora. Paz e Terra, 1998.

TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. **Quintais urbanos**: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez, 2016.

TROTTA, Juliana et al. **Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil**. Revista de Estudos Ambientais, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 17-34, nov. 2012. ISSN 1983-1501. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/rea/article/view/2854>>. Acesso em: 26 julh. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1983-1501.2012v14n3p17-34>.

VON KOSS, Monika. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. 7. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA ORAL

### QUESTIONÁRIO

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_  
Naturalidade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_  
Contato: \_\_\_\_\_

#### QUESTÕES

1. Há aproximadamente quanto tempo possui quintal?
2. De onde surgiu o interesse em ter e manter esse espaço? Fale sobre a história de seu quintal.
3. Qual sua relação com o quintal? O que sente quando está nele?
4. Como está organizado a plantação do seu quintal?
5. Com quem consegue as sementes ou mudas?
6. Quais espécies de plantas são cultivadas no seu quintal?
7. Com quem aprendeu ou aprende a cuidar do quintal, a plantar, colher e usar os produtos?
8. Quando está doente, você dá preferência para o uso de remédios ou de chás cultivados no seu quintal? Poderia falar sobre isso?
9. O uso das plantações cultivadas no espaço é para uso exclusivo da família?
10. Quais são as espécies mais utilizadas pela família (plantas alimentícias, medicinais, ornamentais)?
11. O espaço do quintal é de uso exclusivo para plantação ou tem alguma outra finalidade? Se sim, qual?
12. Além das plantações, você usa esse espaço para criação de animais?
13. O que você faz com a produção de seu quintal? Fale sobre isso.
14. O que faz com os resíduos orgânicos (palhas, restos de folhas, compostas)?
15. O cuidado e manutenção do espaço é feito por quem? Há participação de algum membro da família?
16. Como você faz para produzir bem no seu quintal, de onde veio esse conhecimento?
17. Você usa algum recurso para fertilização dos canteiros, do solo? Se sim, quais?
18. Você usa algum recurso para evitar a proliferação de pragas, matas, e/ou erva-daninhas? Se sim, quais?

19. Como você faz a manutenção do quintal, a regada, roçada, limpeza?
20. Você acha importante na plantação o uso de calendário lunar?
21. Você se orienta pelo calendário lunar para fazer as plantações e colheitas?
22. Qual a planta mais fácil e mais difícil para produzir?
23. O que faz quando não sabe os cuidados com determinada planta?
24. Poderia falar sobre quais são as dificuldades para manter seu quintal.
25. A prefeitura dá algum apoio ou tem alguma política pública para quem quintal?
26. Como se organizou com relação às atividades feitas no quintal durante a pandemia? A distribuição dos alimentos e plantações, etc?
27. Você acredita que seu quintal pode ser um patrimônio cultural? Poderia falar sobre isso?
28. Poderia falar se a preservação do meio ambiente é importante para manter seu quintal?

## APÊNDICE B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As árvores atrás da casa: os quintais afro-brasileiros e seus usos múltiplos como patrimônio ambiental.

**Pesquisador:** Mirian Pollyana Vitalino Sudre

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 55340022.0.0000.5366

**Instituição Proponente:** FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE - UNIVILLE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.264.658

#### Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa tem o objetivo de estudar os quintais urbanos afro-brasileiros e identificar a relação estabelecida com o cultivo nesses espaços. Etimologicamente, o quintal surgiu do termo quinta, local destinado a atividades hortifrutigranjeiras, normalmente localizado na parte posterior das casas. Os quintais tinham como função primordial a promoção do abastecimento alimentar das famílias, era nos quintais que os encontros familiares e festas aconteciam, com o passar dos anos outras funções foram conferidas a esse espaço. Essa dinâmica, deu ao quintal uma experiência marcante, e o tornou um espaço rico em vivências, saberes e tradições. Ainda que (re)existindo as modernizações da urbanização, os quintais vêm se transformando, ressignificando seus sentidos, arranjos e finalidades. A partir do problema de pesquisa, os quintais urbanos afro-brasileiros de Brejinho/TO, são patrimônios ambientais que sinalizam usos múltiplos na paisagem? A pesquisa se apoiará em etapas metodológicas fundamentada pelo método qualitativo: pesquisas bibliográfica, de campo e estudo de caso, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semi estruturada. O estudo será aplicado com aproximadamente 7 famílias afro-brasileiras da cidade de Brejinho de Nazaré. Serão levantadas questões pertinentes às vivências, práticas, saberes e histórias vividas nos espaços, denominados quintais.

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO  
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 5.264.658

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Problematizar os quintais urbanos afro-brasileiros e relacioná-los ao patrimônio ambiental.

Objetivo Secundário:

- Elaborar o estado da arte sobre quintais urbanos afro-brasileiro;
- Levantar e discutir seis quintais da cidade de Bréjinho de Nazaré/TO;- Estudar e discutir o quintal da Dona Luzenira da cidade de Brejinho de Nazaré/TO;
- Descrever usos, práticas, saberes e a função do patrimônio ambiental de quintais;
- Verificar valores e relações estabelecidas entre sujeitos/atores e seus quintais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A presente pesquisa implica em riscos mínimos. A participação dos entrevistados deverá acontecer de maneira voluntária, sem qualquer forma de pressão ou com a realização de questões que possam prejudicar os entrevistados, tanto em sua integridade física como mental. A entrevista somente será realizada com a prévia concordância dos participantes do estudo, devidamente autorizado no Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo). Com esse projeto de pesquisa, sem benefício direto ao indivíduo, objetiva-se contribuir aos conhecimentos acadêmicos e da comunidade sobre a temática da paisagem ambiental e o quintais urbanos afro-brasileiros.

Como benefício ao participante da pesquisa, é informado Dentre os benefícios gerados com essa pesquisa, destaca-se: saber qual a relação das famílias com os seus quintais; relatar as memórias, os saberes e vivências produzidas pela população negra nesses espaços; identificar os saberes tradicionais que circulam nos quintais. Além disso, esse projeto visa contribuir para o registro e reconhecimento dos saberes relacionados as práticas produzidas nos quintais do município de Bréjinho de Nazaré/TO. Ainda sobre os riscos, a pesquisadora presta encaminhamento caso seja necessário.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa conta com 07 participantes, que enquadram-se no seguintes critérios de inclusão: maiores de 18 anos, homens e mulheres, que aceitar participar da pesquisa e assinar o TCLE, e que sejam envolvidos diretamente com quintais e o tenham no mínimo há 5 anos, além disso sejam residentes no município de Bréjinho de Nazaré/TO por igual maior ou igual período; não sendo selecionado os participantes que os critérios de exclusão são: ser menor de 18 anos, não aceitar participar da pesquisa, não residir na região de estudo. Os participantes da pesquisa

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO  
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 5.264.658

deverão participar através de uma entrevista semiestruturada, sendo informado a análise dos dados. É mencionado que os dados oriundos da pesquisa ficarão sob posse e guarda da pesquisadora por cinco anos e a forma de descarte. Os custos da pesquisa são informados detalhadamente apresenta a forma de custeio. Quanto ao cronograma, é informado que a pesquisa iniciará em 03/2022, prevendo sua conclusão em 06/2022, onde espera-se o resultado Entender, a partir da pesquisa realizada, os principais saberes e práticas presentes no cultivo, manutenção dos quintais urbanos brasileiros e relacioná-los aos usos múltiplos no patrimônio ambiental no município de Bréjinho de Nazaré/TO. Entender, a partir da pesquisa realizada, a prática do cultivo de quintais como parte do patrimônio ambiental de Bréjinho de Nazaré/TO

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A Folha de Rosto apresentada está completa.

O TCLE formulado está de acordo com a Res. CNS 466/12.

**Recomendações:**

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

**XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto "As árvores atrás da casa: os quintais afro-brasileiros e seus usos múltiplos como patrimônio ambiental.", sob CAAE "55340022.0.0000.5366" do (a) pesquisador(a) "Mirian Pollyana Vitalino Sudre", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares foi considerado APROVADO após análise.

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetic@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO  
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 5.264.658

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/status-parecer/645062>

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1883610.pdf	26/01/2022 11:55:13		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura_pesquisa_Mirian_Pollyana_Vitalino_Sudre.pdf	26/01/2022 11:54:51	Mirian Pollyana Vitalino Sudre	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	26/01/2022 11:54:06	Mirian Pollyana Vitalino Sudre	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	26/01/2022 11:53:01	Mirian Pollyana Vitalino Sudre	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERM_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	26/01/2022 11:52:29	Mirian Pollyana Vitalino Sudre	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOINVILLE, 25 de Fevereiro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Marcia Luciane Lange Silveira**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro  
**Bairro:** Zona Industrial **CEP:** 89.219-710  
**UF:** SC **Município:** JOINVILLE  
**Telefone:** (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

